



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ANDREIA DO ROSÁRIO MARTINS CORREIA

Educar para uma comunicação saudável e eficaz
Um contributo para a lecionação da Unidade Letiva 1 do
6.º ano “A Pessoa Humana”, do Programa de Educação
Moral e Religiosa Católica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.ª Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2019

Educar-se em comunicação quer dizer aprender a escutar, a contemplar, para além de falar.

Bento XVI, Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (2012)

Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos. Os muros que nos dividem só podem ser superados, se estivermos prontos a ouvir e a aprender uns dos outros.

Francisco, Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (2014)

Eu queria que o Amor estivesse realmente no coração e também a Bondade e a Sinceridade, e tudo, e tudo o mais, tudo estivesse realmente no coração. Então poderia dizer-vos: “Meus amados irmãos, falo-vos do coração (...)”.

António Gedeão, Poema do Coração

Às minhas queridas filhas, Leonor e Catarina

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por todas as forças concedidas para este projeto. A Maria, exemplo de Caminho!

Às minhas filhas agradeço todos os momentos em que brincaram sozinhas, à espera que a mãe terminasse o trabalho no computador!

Ao Tiago pela ausência, pela sobrecarga de tarefas familiares, pelo ombro amigo nos momentos de desânimo e pelas palavras de alento.

Aos meus pais, modelos de fé, e aos meus sogros, sem os quais esta missão teria sido impossível de concretizar, aos quais confiei as minhas filhas. O meu bem-haja!

À família e aos amigos, obrigada pela espera, ainda vamos a tempo de recuperar o tempo perdido.

À Orientadora Científica, Prof.^a Doutora Isabel Varanda, o meu mais profundo agradecimento, antes de mais pela viabilização da Prática de Ensino Supervisionada no Núcleo de Estágio de Viseu, depois, pela sua capacidade de trabalho, por todos os momentos de reflexão intelectual e científica proporcionados, por todas as orientações e diretrizes.

Ao Orientador Cooperante do Agrupamento de Escolas de Mundão, Dr. António Clemente, pela sua disponibilidade, partilha de práticas e experiências letivas e indicações.

Ao meu colega de Núcleo de Estágio, João Alves, a sua sincera disponibilidade e constante troca de impressões, experiências, saberes, que em muito me ajudaram a serenar.

Aos meus colegas de Mestrado do presente ano letivo e aos do ano passado, obrigada pelo espírito de entajuda, de amparo e das palavras de incentivo e esperança! Aos colegas de EMRC com quem vivi experiências de docência, de vida e que me trouxeram até aqui.

Ao Secretariado Nacional de Educação Cristã pela viabilização deste projeto pessoal e profissional.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
PARTE I – A COMUNICAÇÃO FACE A FACE E A SUA RELEVÂNCIA NA ADOLESCÊNCIA	13
1. A comunicação face a face e as possibilidades de encontro	13
<i>1.1. A comunicação face a face: uma abordagem concetual</i>	13
1.1.1. A comunicação: uma exigência pessoal de entrar em relação.....	14
1.1.2. A comunicação face a face e as suas características.....	17
<i>1.2. A comunicação face a face e o despedaçar do individualismo</i>	24
<i>1.3. A empatia: uma habilidade para estabelecer comunhão com os outros</i>	31
2. Análise das Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais e a sua interseção com a comunicação face a face	35
<i>2.1. João Paulo II: a comunicação e o desenvolvimento da pessoa</i>	36
<i>2.2. Bento XVI: uma utilização verdadeira e responsável</i>	37
<i>2.3. Francisco: a cultura do encontro</i>	39
3. A comunicação face a face no desenvolvimento do adolescente	45
3.1. <i>Ser adolescente hoje</i>	45
3.2. <i>A problemática da “idade do armário” e as dificuldades na comunicação face a face</i>	49
Síntese	52

PARTE II –	O PAPEL DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA NA PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS ADOLESCENTES.....	54
1. A EMRC e o seu contributo para o desenvolvimento integral dos alunos.....		54
2. As especificidades da docência de EMRC.....		56
3. Contextualização da Lecionação da Prática de Ensino Supervisionada		57
3.1. <i>Caracterização do Agrupamento de Escolas de Mundão.....</i>		58
3.2. <i>Caracterização da Turma B, do 6.º ano de escolaridade da Prática de Ensino Supervisionada</i>		59
3.3. <i>Planificação e lecionação da Unidade Letiva 1.....</i>		66
3.3.1. Aula 1 – O conceito de Pessoa Humana		67
3.3.2. Aula 2 – As dimensões da Pessoa Humana.....		69
3.3.3. Aula 3 – A Pessoa Humana: a sua capacidade de comunicar, de abertura ao Outro e aos outros.....		70
3.3.4. Aula 4 – A empatia: uma habilidade para estabelecer comunhão com os outros.....		71
3.3.5. Aula 5 – A promoção de condições para que todos vivam como pessoas.....		72
3.3.6. Aula 6 – Ser autêntico torna-nos felizes		73
3.4. <i>Síntese e Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada</i>		76
CONCLUSÃO.....		79
BIBLIOGRAFIA.....		82
ANEXOS.....		90

RESUMO

Os tempos atuais são tempos de muitas e rápidas transformações tecnológicas que alteraram a forma como nos relacionamos e comunicamos. Emergem novas formas de sociabilidade onde já não é necessário estar face a face para interagir ou comunicar.

As novas tecnologias e a internet proporcionam inúmeras potencialidades, mas também acarretam alguns óbices às relações humanas.

Urge refletir sobre as transformações ocorridas no fenómeno da comunicação face a face na cultura marcadamente digital. O espaço escolar impõe-se como o contexto adequado para tal, onde a disciplina de EMRC concede um grande contributo na capacitação dos alunos para o desenvolvimento de competências que lhes permitam ler os mapas de um mundo complexo e acelerado, para que possam viver e atravessá-lo, observando os critérios da dignidade da pessoa humana.

Palavras-chave: Comunicação face a face, Encontro, Empatia, Adolescência, Pessoa Humana, Educação

ABSTRACT

The present times are times of many and rapid technological transformations that change the way we relate and communicate. Emerge new forms of sociability where it is no longer necessary to be face to face to interact or communicate.

New technologies and the internet have enabled innumerable potentialities, but they also entail some obstacles to human relations.

It is urgent to reflect on the transformations that occurred in the phenomenon of face-to-face communication in the markedly digital culture. School space is the appropriate context for this, where the EMRC discipline makes a great contribution to empowering students to develop skills that enable them to read the maps of a complex and hasty world so that they can live and cross it, observing the standard of the dignity of the human person.

Keywords: Face-to-face communication, Encounter, Empathy, Adolescence, Human Person, Education

INTRODUÇÃO

A Pessoa Humana é um ser em relação e, como tal, um ser em comunicação. Somos porque comunicamos. Comunicar é ser. Ser é comunicar. Comunicar é amar. Este é um traço característico do ser humano. Todavia, nascemos humanos mas não chegamos a sê-lo por completo, já que a possibilidade de se ser humano só se realiza efetivamente por meio dos outros,¹ através dos quais aprendemos a comunicar, a amar e a ser.

Nunca se falou tanto hoje na importância decisiva da comunicação, sobretudo da comunicação face a face. Tal denota-se nas principais competências requeridas pelas empresas, as chamadas *soft skills*, ou seja, as competências sociais e comportamentais dos profissionais, que facilitam a relação com os outros, melhorando o seu desempenho, e onde a comunicação ocupa um lugar de destaque. As técnicas e as práticas para a desenvolver multiplicam-se sem cessar, em cursos de desenvolvimento pessoal e profissional.² E, no entanto, talvez nunca tenha feito tanta falta. Muitas pessoas padecem hoje numa forte crise de comunicação e numa dramática experiência de solidão e isolamento.

As escolas têm dado importância aos conhecimentos, ao ensinar a saber, a conhecer, descurando o ensinar a ser, a comunicar, a viver uns com os outros. Hoje, mais do que nunca, e apesar de estarmos sempre conectados pela última tecnologia em telemóveis e computadores, somos campeões de incomunicação e, no extremo, na solidão.³ Atente-se no slogan da atual campanha publicitária da Meo “Humaniza-te”. O que, se por um lado, é através da comunicação que estabelecemos interação com os outros e nos torna pessoas, por outro, não deixa de ser um paradoxo, já que muitos se conectam ao *smarthphone* e se desligam do outro, ser real e físico que se encontra mesmo ao seu lado, mas que se torna invisível. Exemplo de tal cenário é um *shopping* à hora do almoço, onde as pessoas estão a almoçar juntas mas cada uma conectada ao seu telemóvel ou a almoçar sós mas conectadas ao telemóvel. Ao longo dos anos, têm sido muitas as transformações a que assistimos, fruto da evolução da técnica e que acarretam novos desafios à humanidade. Hoje, muitos vivem

¹ Fernando Savater, *O Valor de Educar* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006), p. 32.

² Tendo em conta a minha a minha experiência profissional como formadora nos últimos anos, em módulos relacionados com a Comunicação e as Relações Interpessoais.

³ Cf. Marie Louise Pierson, *A Inteligência Relacional* (Lisboa: Edições Piaget, 2002).

atulhados em aparatos tecnológicos, como uma central ambulante, sem tempo e distantes da criação.⁴

Neste panorama, saltam à vista as inúmeras possibilidades que as novas tecnologias potenciam, a aproximação e a rapidez na comunicação que proporcionam mas também as desvantagens das mesmas, bastante ressalvadas pelos últimos Papas nas suas mensagens, quer aos jovens, quer por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais. São estes pressupostos que se pretende levar os adolescentes a refletir, nas implicações do digital nas suas vidas e nas dos que os rodeiam.

Neste âmbito, a disciplina de EMRC pode oferecer boas ferramentas e competências aos alunos, dando um contributo para a sua formação integral. A título de exemplo, as atividades de EMRC denotam a importância da comunicação face a face. Recorde-se o lema do XIX Encontro Nacional Interescolas do 1.º Ciclo, no ano passado, “Sorri para mim”, ou o deste ano, do IX Encontro Nacional de Alunos de EMRC do Ensino Secundário “Abeira-te”. Ambos refletem a importância do olhar no rosto do outro, de experimentar o que o outro está a sentir, do sorriso, essencial ao estabelecimento de comunhão.

Assim sendo, a escolha do tema deste Relatório tem, por fundamento, e desde logo, a seleção da Unidade Letiva a lecionar no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), a Unidade Letiva 1, do 6.º ano, “A Pessoa Humana”. Dentro desta, o modo como os adolescentes comunicam entre si, nomeadamente a comunicação face a face, na atual sociedade tecnológica, constitui o centro de interesse do presente trabalho.

O Cristianismo é um acontecimento de comunicação. É a história de um Deus que Se comunica, utilizando a linguagem dos Homens. E é neste modelo de comunicação divina que deve assentar a comunicação entre os Homens. Atente-se em Jesus Cristo, o comunicador perfeito,⁵ e na sua forma de comunicar, no seu cuidado com a escolha de palavras cujo significado fosse comum a todos os seus interlocutores, para que a sua comunicação fosse eficaz, de que são exemplo as parábolas. Aliás, até os guardas que queriam prender Jesus reconheceram que “Nunca nenhum homem falou assim!”(Jo 7,46).

⁴ Cf. José Tolentino de Mendonça, *O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas* (Lisboa: Quetzal Editores, 2017), p. 19.

⁵ Cf. Nuno Brás da Silva Martins, “O estatuto teológico de uma teologia da comunicação”, *Didaskalia XXXIII*, (2003).

Além disso, a Igreja assenta em dois pilares fundamentais, o anúncio de uma mensagem e nas relações de comunhão.⁶ Em ambos, a comunicação face a face desempenha um papel preponderante. Os cristãos experimentam o amor de Deus em comunidade, onde escutar os outros e estar atentos às suas necessidades são premissas essenciais para o fortalecimento de relações de proximidade, fraternidade e comunhão.

Tomando em consideração o exposto, educar para uma comunicação eficaz e saudável, educar para tornar-se pessoa, educar para o encontro constituem o âmago deste Relatório, integrado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ciências Religiosas – Ensino de Educação Moral e Religiosa Católica.

O tempo da internet e das redes sociais trouxe inúmeros benefícios, porém uma moeda tem sempre duas faces e a outra face deste tempo acarreta alguns riscos para os adolescentes. Daí o propósito com a escolha deste tema, onde se pretende demonstrar que a disciplina de EMRC pode ser um contributo valioso para a promoção do desenvolvimento integral dos alunos, para que não fiquem obnubilados com as tecnologias de comunicação e informação, que possam aprender a comunicar de uma forma eficaz e saudável, no intuito de criar relações de comunhão e de promover uma verdadeira cultura do encontro. Pretende-se ainda levar os alunos a refletir nas implicações do digital nas suas vidas e nas dos que os rodeiam. Como vivem este tempo os adolescentes? A comunicação face a face está a perder-se? Os adolescentes estão seduzidos pelas possibilidades que a comunicação digital oferece? Como comunicam hoje? Tendo em conta as tecnologias de informação e comunicação ainda valorizam a comunicação face a face?

Para o alcance destes pressupostos, o método analítico-reflexivo foi o caminho metodológico seguido, através da pesquisa, análise e reflexão crítica de uma bibliografia científica sobre o tema em estudo. A Norma Chicago 17.^a edição foi a norma de referência bibliográfica utilizada.

Assim, o presente Relatório estrutura-se em duas partes: a primeira parte reporta-se ao quadro teórico e concetual, onde se expõem os conceitos que sustentam todo o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido. E a segunda parte onde se apresenta a parte prática e empírica, concretizada na turma B, do 6.º ano de escolaridade, do Agrupamento de Escolas de Mundão. Ambas as partes articulam-se, já que a segunda parte é uma concretização prática de todo o referencial teórico apresentado na primeira.

⁶ Antonio Spadaro, *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo na era da Internet* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012), p. 25.

Neste sentido, a *Primeira Parte* intitulada “A Comunicação face a face e a sua relevância na adolescência” engloba toda a dissertação sobre os principais conceitos do tema em análise. O primeiro ponto é dedicado ao conceito e às características da comunicação face a face, focando-se o seu contributo para o despedaçar do individualismo, através de uma comunicação empática, visando a comunhão. O segundo item desta parte é relativa às interseções das Mensagens de João Paulo II, Bento XVI e Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, com a comunicação face a face. O terceiro ponto é dedicado aos adolescentes, o público-alvo do presente Relatório.

A *Segunda Parte* versa sobre a realidade empírica onde se contextualiza a proposta de lecionação da Unidade Letiva 1, do 6.º ano de escolaridade: “A Pessoa Humana”. Este ponto reflete a experiência letiva realizada na turma B, do Agrupamento de Escolas de Mundão, onde se contextualiza a escola, se caracteriza a turma, se descreve a planificação de cada aula e se efetua uma avaliação desta prática letiva.

Por último, expõem-se as principais conclusões de todo o percurso desenvolvido no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES).

PARTE I – A COMUNICAÇÃO FACE A FACE E A SUA RELEVÂNCIA NA ADOLESCÊNCIA

Nesta primeira parte do presente Relatório visa-se apresentar o quadro teórico e conceitual, que sustentará toda a componente empírica, na segunda parte. Assim, torna-se fundamental clarificar o conceito de comunicação face a face e de todas as transformações que ocorreram devido à cultura digital em que se vive atualmente. No segundo ponto é relevante refletir sobre o que o Magistério da Igreja publica sobre este tema e, por último, apresentar a faixa etária privilegiada neste trabalho, a adolescência.

1. A comunicação face a face e as possibilidades de encontro

“Toda a verdadeira vida é encontro”⁷.

O ser humano é um ser social, um ser em relação e, desde os primórdios da Humanidade que sentiu necessidade de comunicar com os seus semelhantes, necessidade que foi desenvolvendo, estudando e aperfeiçoando. Ninguém possui a vida, no verdadeiro sentido, nem sozinho, nem por si só, pois ela é uma relação.⁸ Por conseguinte, a comunicação surgiu como uma necessidade social e como uma exigência pessoal de entrar em relação com os demais, de comungar as mesmas ideias e sentimentos. Neste sentido, é sobre ela que se discorre seguidamente.

1.1. A comunicação face a face: uma abordagem conceitual

A tentativa de conceituar a comunicação revela-se escarpada, fruto da vastidão do seu campo de ação e das numerosas e complexas teorias sobre a comunicação. Isto porque “conceitualmente, a Comunicação humana compreende miríades de formas, através das quais os homens transmitem e recebem ideias, impressões e imagens de toda a ordem”⁹.

Como tal, entra-se num campo muito vasto, sendo assim importante delimitá-lo e elucidar sobretudo a noção de comunicação face a face. Neste sentido, primeiramente

⁷ Martin Buber, *Eu e Tu* (Prior Velho: Editora Paulinas, 2014), p. 15.

⁸ Bento XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi* (Prior Velho: Editora Paulinas, 30 de novembro de 2007), n.º 27.

⁹ José Roberto Whitaker Penteadó, *A Técnica da Comunicação Humana* (São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1980), p. 1.

apresentam-se as considerações essenciais sobre a noção de comunicação humana e foca-se, posteriormente, a comunicação face a face e as suas particularidades.

1.1.1. A comunicação: uma exigência pessoal de entrar em relação

A palavra comunicação provém do latim *communicare* e significa “pôr em comum”, “entrar em relação com”. Comunicação é a ação ou modo de entrar em relação com o outro, é convivência, “está na raiz de comunidade”¹⁰. Odete Fachada menciona que “comunicar é, pois, trocar ideias, sentimentos e experiências entre pessoas que conhecem o significado daquilo que se diz e do que se faz”¹¹.

Numa dimensão teológica, a comunicação “deve ser um permanente processo de participação e comunhão, mediante o qual os homens se relacionam entre si, com Deus e com a natureza, compartilhando os seus valores, para enriquecer a sua vida pessoal e comunitária”¹².

Como tal, ela constitui-se como um elemento basilar para o ser humano. Poderíamos até dizer que a comunicação está para o ser humano como a água está para o peixe. Ela é um fenómeno central e essencial da vida das pessoas e das sociedades, razão de ser de toda a cultura e primordial no desenvolvimento individual, social e espiritual.

Este fenómeno emerge do passado cultural da sociedade onde estamos inseridos, resultante de um processo de aprendizagem. “Não há humanidade sem aprendizagem cultural e, para começar, sem aquilo que é a base de toda a cultura (...): a linguagem. O mundo em que vivemos, seres humanos que somos, é um mundo linguístico, uma realidade de símbolos e leis sem a qual não só seríamos incapazes de comunicar entre nós mas também de aprender a *significação* do que nos rodeia”¹³. Fernando Savater menciona que “por ‘significação’ não devemos entender uma qualidade misteriosa das coisas em si próprias, mas a forma mental que nós, seres humanos, lhes damos para podermos relacionar-nos uns com os outros por meio delas”¹⁴.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ Maria Odete Fachada, *Psicologia das Relações Interpessoais* (Lisboa: Edições Sílabo, 1998), p. 8.

¹² Felicíssimo Martínez Díez, *Teología de la Comunicación* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994), p. 24.

¹³ Fernando Savater, *Ética para um Jovem* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2008), p. 65.

¹⁴ Fernando Savater, *O Valor de Educar* (Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2006), p. 38.

Para Hannah Arendt, o mundo não é humano só por ser constituído por seres humanos, e não se torna humano por se ouvir a voz humana, mas sim, e apenas, quando se torna objeto de diálogo. Só a discutir, a falar com os nossos semelhantes do que se passa no mundo e em nós próprios é que se o humaniza, e é ao falar disso que se aprende a ser humano.¹⁵

Isto porque “a situação fundamental da comunicação é o diálogo”¹⁶. E, o diálogo é, para Martin Buber,¹⁷ a principal característica da existência humana, sendo esta, aliás, um acontecimento dialógico, impossível de se concretizar sem o encontro, um encontro dialógico. A este propósito, Joseph Ratzinger refere que “o verdadeiro diálogo não se realiza quando os homens se limitam a falar sobre alguma coisa. O diálogo entre os homens só se torna autêntico quando... se torna comunicação”¹⁸.

Neste sentido, não é possível imaginar o Homem incomunicado, nem é possível imaginar o progresso histórico da humanidade sem comunicação. Nicklas Luhmann considera que “sem comunicação não existem relações humanas nem vida humana”¹⁹, sendo assim aquela algo indispensável nas relações humanas. A comunicação é, deste modo, um aspeto fundamental no processo das relações interpessoais, pois o ser humano passa grande parte do seu tempo a comunicar. Ela desempenha um papel privilegiado na interação e “constitui uma habilidade que pode melhorar progressivamente, desde que haja disponibilidade e abertura para que cada um se dê ao outro de forma verdadeira e autêntica, visando o enriquecimento do indivíduo, do grupo e da sociedade”²⁰.

Assim sendo, “em cada momento de encontro com o outro, mais não fazemos que comunicar, comunicar constantemente; damo-nos mesmo conta de que, quando pensamos mais não fazemos do que comunicar connosco mesmos, como se fôssemos um outro - aquele outro que conhece, verdadeiramente, o nosso íntimo”²¹.

Neste sentido, o ser humano personaliza-se comunicando-se. Comunicar é confrontar-se com os demais, colocar-se frente a eles, olhar-se de frente, expressar-se de frente. Nestas

¹⁵ Cf. Hannah Arendt, *A Condição Humana* (Lisboa: Relógio d'Água, 2001).

¹⁶ Pio Ricci Bitti e Bruna Zani, *A Comunicação como Processo Social* (Lisboa: Editorial Estampa, 1997), p. 27.

¹⁷ Cf. Martin Buber, *Eu e Tu* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2014).

¹⁸ Joseph Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo* (Lisboa: Principia, 2005), p. 66.

¹⁹ Nicklas Luhmann, *A Improbabilidade da Comunicação* (Lisboa: Edições Vega, 2006), p.39.

²⁰ Maria Odete Fachada, *Psicologia das Relações Interpessoais* (Lisboa: Edições Sílabo, 1998), p. 3.

²¹ Nuno Brás da Silva Martins, “O estatuto teológico de uma teologia da comunicação”, *Didaskalia XXXIII*, (2003), p. 350.

ações estão presentes as experiências mais profundas da existência humana: o amor e o ódio, a comunhão e a solidão.²²

De facto, “a comunicação encontra-se inscrita no mais profundo do ser de cada homem; é uma realidade humana central - tão central que nos passa despercebida, a não ser quando a percebemos falhada”²³. Neste esforço pela comunicação estão em jogo o doce sabor do êxito ou a amargura do fracasso humano. Estes dependem do modo de cada um comunicar e de agir na relação com os outros. “O homem é um ser social por sua própria natureza, e a complexa questão da personalidade humana está, toda ela, na dependência da boa ou má capacidade da Comunicação individual”²⁴.

Confrontando-se com os seus semelhantes, o ser humano conhece-se a si mesmo, autodefine-se e tem consciência da sua identidade. Percorre um caminho de amadurecimento pessoal até consumir o seu ciclo de comunhão pessoal. Ou, pelo contrário, encontra-se com a incomunicação e a solidão, que constituem o abismo mais profundo e a expressão mais radical do fracasso humano. Recorde-se a História do Patinho Feio, quando todos lhe davam a informação de que era muito feio, o Patinho afastou-se e isolou-se. Ou o drama de Sísifo e o seu fracasso comunicativo. Ou também o episódio bíblico da Torre de Babel.

“A cooperação e o entendimento entre os homens ligam-se indissociavelmente à capacidade humana de Comunicação; de que essa capacidade vem sendo negligenciada, é prova o mundo caótico em que vivemos. O esforço por uma Comunicação humana mais efetiva pode representar decisiva contribuição para um mundo melhor”²⁵.

É segundo esta perspectiva que se entende que a comunicação face a face pode contribuir para esse mundo melhor, despedaçando o individualismo, a solidão e a indiferença, contribuindo para um mundo mais fraterno, onde impere o cuidado com os outros.

²² Cf. Felicíssimo Martínez Díez, *Teología de la Comunicación* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994).

²³ Nuno Brás da Silva Martins, “O estatuto teológico de uma teologia da comunicação”, *Didaskalia XXXIII*, (2003), p. 350.

²⁴ José Roberto Whitaker Penteadó, *A Técnica da Comunicação Humana* (São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1980), p. XII.

²⁵ *Ibidem*, p. XIII.

1.1.2. A comunicação face a face e as suas características

A comunicação face a face é uma forma de interação em que ambos os interlocutores estão presentes, fisicamente, um diante do outro ou outros, ou seja, a comunicação face a face promove a troca de informações entre duas ou mais pessoas, mas distingue-se da que é realizada para pequenos ou grandes grupos de pessoas. Assim sendo, no processo comunicacional intervêm, desde logo, dois intervenientes, o recetor e o emissor, sendo que a comunicação exige sempre a participação de, no mínimo, duas pessoas. O processo de comunicação consiste em um emissor fazer chegar uma mensagem a um recetor, através de um canal de comunicação e por meio de um código. Ora, é da interação destes elementos, emissor, recetor, mensagem, canal e código, que se constitui a comunicação.

Outro elemento importante no processo comunicacional é o canal utilizado, o meio físico ou virtual, que assegura a transmissão da mensagem. O canal mais vulgar é o ar, e também o que mais importa, já que é o canal utilizado na comunicação face a face, mas existem outros como o telemóvel, a carta, a televisão, o rádio ou o computador.

A mensagem diz respeito ao conteúdo da comunicação, ou seja, o emissor emite um conjunto de sinais com um significado, o código, que o recetor interpreta, concedendo-lhe significado e decodificando-o. O código pode ser a linguagem, oral ou escrita, o código Morse, os gestos ou o tom de voz. Neste sentido, pode-se mencionar que comunicação é linguagem e a comunicação é uma das funções básicas da linguagem, possibilitando a transformação de pensamentos em ações.

Ora, para emitir uma mensagem utilizam-se vários códigos, mas na comunicação face a face, o mais comum são as palavras. Porém, para o sucesso da mensagem e uma comunicação eficaz, o código deve ter o mesmo significado quer para o emissor, quer para o recetor. Quando se utilizam as palavras, entra-se no domínio da linguagem verbal. Esta desdobra-se em linguagem verbal oral ou escrita. A que mais interessa é a oral já que é a mais frequente e privilegiada na comunicação face a face.

Para que o processo comunicacional tenha sucesso, impõe-se uma preocupação, um cuidado ou mesmo até uma determinada objetividade por parte dos interlocutores na transmissão das informações, bem como a possibilidade de existir um acompanhamento, por parte do recetor, para se comprovar que a informação foi recebida e compreendida de modo eficaz, o que se costuma designar por *feedback*. A presença física dos intervenientes na

comunicação poderá promover a redução de ambiguidades e minimizar erros de interpretação da mensagem.

Para além das palavras, a linguagem não-verbal assume relevância na comunicação face a face, já que “quando duas pessoas se encontram, mesmo que não falem, não podem deixar de comunicar, porque todo o seu comportamento tem uma dimensão comunicativa”²⁶. O nosso corpo também fala, por isso, se afirma que é impossível não comunicar.²⁷ A este propósito, Nicklas Luhmann refere que apesar de a utilizarmos diariamente e, de não podermos viver sem ela, a comunicação é improvável. Contudo, o autor entende que haverá sempre um esforço para que ela exista, mencionando que é preciso superar várias dificuldades e problemas para que a mesma chegue a produzir-se, pelo que é impossível não comunicar.²⁸

Neste sentido, é frequente receber e emitir mensagens através da linguagem não-verbal, que abarca a nossa postura, as expressões faciais, os gestos, o tom de voz, os silêncios, as roupas e adornos que se usam ou a pronúncia. A expressão “os olhos são o espelho da alma” emprega-se bem neste contexto. Não obstante, torna-se necessário, para uma comunicação eficaz, que o que se quer transmitir ao recetor esteja em sintonia com a postura corporal e facial, de modo a não constituir uma barreira à eficácia da comunicação. Assim, “tal como o modo de expressão da mente racional são as palavras, o modo de expressão das emoções é não-verbal. De facto, quando as palavras de uma pessoa não estão de acordo com aquilo que é transmitido pelo tom da sua voz, pelos seus gestos ou outros canais não-verbais, a verdade emocional do que se comunica reside no *modo como* diz qualquer coisa e não *naquilo que diz*”²⁹.

Esta complexidade de jogos comunicativos englobando a linguagem verbal e não-verbal, também foi abordada por António Damásio, na obra “O Sentimento de Si”, quando exemplifica que “podemos dizer ‘desaparece da minha vida’ de uma forma muito carinhosa e também podemos dizer ‘prazer em vê-lo’ com uma prosódia que revela a nossa indiferença”³⁰.

A linguagem não-verbal tem como função reforçar a linguagem oral, “os bailarinos da comunicação comunicam com todo o corpo, o olhar, os gestos, o dito e o não dito. É da

²⁶ Maria Odete Fachada, *Psicologia das Relações Interpessoais* (Lisboa: Edições Sílabo, 1998), p. 26.

²⁷ Cf. P. Watzlawick, J. H. Beavin e D. D. Jackson, *Pragmática da Comunicação Humana. Um Estudo dos Padrões, Patologias e Paradoxos da Interação* (São Paulo: Editora Cultrix, 1967).

²⁸ Cf. Nicklas Luhmann, *A Improbabilidade da Comunicação* (Lisboa: Edições Vega, 2006).

²⁹ Daniel Goleman, *Inteligência Emocional* (Lisboa: Temas e Debates – Atividades Editoriais, Lda., 1995), p. 118.

³⁰ António Damásio, *O Sentimento de Si* (Lisboa: Publicações Europa-América, 2000), p. 117.

ambiguidade (seja ela intencional ou não) que frequentemente, jorram movimentos esbeltos, espetáculos atraentes ... comunicação mais eficaz”³¹.

Neste âmbito, quer o contacto visual, o sorriso, quer uma postura corporal consentânea à mensagem que se quer transmitir, cooperam para a eficácia da comunicação face a face. De facto, “só por hábito adquirido há séculos é que conseguimos olharmo-nos cara a cara”³², daí a importância que se concede a este tema, já que, atualmente “tendemos a substituir uma situação existencial face a face e olhos nos olhos”³³ por uma situação virtual e um olhar digital. Além disso, as pessoas passam a olhar e a preocupar-se apenas consigo mesmas, uma característica da sociedade líquida moderna, preconizada por Zygmunt Bauman.³⁴

Leonardo Boff refere que o mundo virtual parece que criou um novo habitat para o ser humano, cujas principais características são a criação de uma cápsula sobre si mesmo, pela falta de toque, tato e do contacto humano.³⁵

De facto, a comunicação face a face encerra em si uma rica presença de expressões corporais e faciais que a comunicação mediada pelas novas tecnologias não consegue abarcar, apesar da “sua linguagem apaixonante transmitida pelos sons, pelas imagens, pelas cores, pelos movimentos”³⁶ mas onde a expressão de emoções e sentimentos são embargadas. De facto, três dos cinco sentidos não podem ser transmitidos pela tecnologia. Jonah Lynch menciona que haverá sempre dimensões da realidade, como o cheiro dos limões, que a tecnologia nunca será capaz de comunicar.³⁷

O silêncio detém também uma enorme utilidade na comunicação face a face, que na comunicação mediada por uma tecnologia se torna, igualmente, mais difícil de se perceber e é

³¹ Miguel Cunha, et al., *Manual de Comportamento Organizacional e Gestão* (Lisboa: Editora RH, 2007), p. 481.

³² Raul Brandão, *Húmus*. (Acedido a 10 de março 2019 em <https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/06/H%C3%BAmus.pdf>).

³³ Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis, *Cegueira Moral. A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida* (Lisboa: Relógio de Água Editores, 2016), p. 30.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ Cf. Leonardo Le Boff, *Saber Cuidar. Ética do Humano – Compaixão pela Terra* (Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999).

³⁶ Paulo VI, *Mensagem para o IV Dia Mundial das Comunicações Sociais “As comunicações sociais e a juventude”* (6 abril de 1970). (Acedido em 30 de abril de 2019 em https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19700406_iv-com-day.html).

³⁷ Cf. Jonah Lynch, *The Scent of Lemons: Technology and Relationships in the Age of Facebook* (Londres: Darton, Longman and Todd Ltd., 2012).

equivalente à exclusão.³⁸ Bento XVI, na Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2012,³⁹ abordou também a importância do silêncio na comunicação.

Através dos *emoticons* verifica-se uma tentativa de suprir essa privação, mas nunca será possível alcançar a riqueza da relação presencial, muito embora as tecnologias digitais estejam a redefinir o sentido de presença.⁴⁰ Pese embora o telemóvel ser referido, pelas operadoras de telecomunicações, como um fator de socialização, este nunca terá o impacto do contacto presencial, com a interação entre linguagem verbal e não-verbal.⁴¹ O tom e a postura também não são percecionados através de uma mensagem por telemóvel ou através de um *chat*, onde as mensagens poderão não ser recebidas em tempo real por estarmos *offline*.

Daí que “a relação mediada pela Rede é sempre, necessariamente, incompleta, se não estiver enganchada na realidade”⁴². Tal relaciona-se com a necessidade que muitos adolescentes encerram em si de marcarem um encontro, um contacto presencial e físico, com aqueles com quem estão conectados. O desafio a uma utilização responsável da Rede, espelhada nas Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, é que as novas tecnologias devem abrir caminho para o encontro presencial e a comunicação face a face, assegurando a qualidade do contacto humano e a atenção às pessoas.⁴³

Outro aspeto característico da comunicação face a face relaciona-se com a autenticidade. Felizes os puros de coração, “pois a boca fala aquilo de que o coração está cheio. O homem bom tira coisas boas do seu bom tesouro, e o homem mau tira coisas más do seu mau tesouro. Eu digo-vos: no dia do julgamento, todos devem prestar contas de cada palavra inútil que tiverem falado. Porque tu serás justificado pelas tuas próprias palavras, e serás condenado pelas tuas próprias palavras”(Mt 12,34-37).

A este propósito Bento XVI, na Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, salienta a importância da autenticidade ao mencionar que “de natureza espiritual, a criatura humana

³⁸ Cf. Zygmunt Bauman, *Amor Líquido. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos* (Lisboa: Relógio de Água Editores, 2006).

³⁹ Cf. Bento XVI, *Mensagem para o XLVI Dia Mundial das Comunicações Sociais “Silêncio e palavra: caminho de evangelização”* (24 de janeiro de 2012). (Consultado em 2 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20120124_46th-world-communications-day.html).

⁴⁰ Cf. Antonio Spadaro, *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo na era da Internet* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012), p. 150.

⁴¹ Maria do Céu Machado, *Adolescentes* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015), p. 84.

⁴² Antonio Spadaro, *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo na era da Internet* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012), p. 63.

⁴³ Bento XVI, *Mensagem para o LV Dia Mundial das Comunicações Sociais “Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital”* (24 de janeiro de 2011). (Consultado em 2 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html).

realiza-se nas relações interpessoais: quanto mais as vive de forma autêntica, tanto mais amadurece a própria identidade pessoal”⁴⁴.

Enquanto, a comunicação digital permite apresentar o “eu” que pretendo ser, a comunicação face a face é mais autêntica, imprevisível, já que na primeira forma de comunicar pode-se editar ou mesmo apagar os conteúdos que partilhamos. Como tal, “o adolescente gere o que quer dar a conhecer”⁴⁵. E, quando se dá conta, em vez de investirmos em amizades verdadeiras, está-se a investir na nossa promoção pessoal, selecionando o que temos de melhor para publicar. Este risco de cair numa espécie de construção da autoimagem pode levar ao surgimento do narcisismo, com uma interação parcial, onde apenas se comunicam algumas partes do mundo interior. Ou ainda de criar uma personagem que não corresponde à verdade, beliscando a autoestima de muitos adolescentes.

Por tal, o Papa Francisco alerta para o facto de muitos adolescentes e jovens terem um medo de “fundo” que é o de não serem aceites como são, o de não serem autênticos:

“hoje, há muitos jovens que, na tentativa de se adequar a padrões frequentemente artificiais e inatingíveis, têm a sensação de dever ser diferentes daquilo que são na realidade. Fazem contínuos ‘foto-retoques’ das imagens próprias, escondendo-se por trás de máscaras e identidades falsas, até chegarem quase a tornar-se eles mesmos um ‘fake’, um falso. Muitos têm a obsessão de receber o maior número possível de apreciações ‘gosto’. E daqui, desta sensação de desajustamento, surgem muitos medos e incertezas”⁴⁶.

Além disso, a realidade digital tende hoje a privilegiar mais a imagem perante a escuta. Na comunicação face a face, a escuta é uma atitude importante já que “a eficácia e/ou compreensão das palavras depende mais do modo como elas são escutadas do que da maneira como são proferidas. (...) A competência em escutar é, no entanto, muito pouco ensinada – sendo mais comum a formação em escrever e falar”⁴⁷. O Papa Francisco na Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2014 também salienta a importância da escuta na

⁴⁴ Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (Lisboa: Paulus Editora, 29 de junho de 2009), n.º 53.

⁴⁵ Maria do Céu Machado, *Adolescentes* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015), p. 85.

⁴⁶ Francisco, *Mensagem para a XXXIII Jornada Mundial da Juventude* (11 de fevereiro de 2018). (Consultado em 23 de abril de 2019 e disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20180211_messaggio-giovani_2018.html).

⁴⁷ Miguel Cunha, et al., *Manual de Comportamento Organizacional e Gestão* (Lisboa: Editora RH, 2007), p. 450.

comunicação, a qual requer proximidade.⁴⁸ Na comunicação face a face “requer-se a coragem da franqueza no falar e a coragem da humildade no escutar”⁴⁹. Mas ainda antes a Carta de Tiago apelava à importância do ouvir: “Bem o sabeis, meus amados irmãos: cada um seja pronto para ouvir, lento para falar e lento para se irar” (Tg 1,19).

Ora, a escuta e o interesse pelo outro na comunicação face a face sofrem algumas ameaças. Dada a vida acelerada e stressada em que muitos vivem, a comunicação face a face está a perder a sua primazia, sobrepondo-se a comunicação escrita à comunicação oral, fruto das novas tecnologias e das novas aplicações de comunicação digital, como o *WhatsApp* ou o *Messenger*. Assim, se as novas tecnologias possibilitam “uma extraordinária oportunidade de diálogo, encontro e intercâmbio entre as pessoas”⁵⁰, por outro lado, a comunicação torna-se mais pobre, limitada e superficial. A título de exemplo, as mensagens de telemóvel ou a rede social *Twitter* limitam as mensagens a 140 caracteres, pelo que têm de ser concisas e curtas.

De facto, as novas tecnologias modificaram os usos da linguagem, para além de terem trazido uma panóplia de novas palavras, a linguagem informática.⁵¹ Atente-se nas palavras de Zygmunt Bauman:

“a forma-padrão de comunicação inter-humana é uma mensagem por *iPhone* com as palavras reduzidas a consoantes, e qualquer palavra que não consiga sobreviver a essa redução é proscrita e eliminada. As comunicações mais populares (...) não podem ter mais de 140 caracteres. A amplitude da atenção humana – a mais escassa das mercadorias hoje no mercado – foi reduzida ao tamanho e à duração de mensagens que possam ser compostas, enviadas e recebidas. A primeira vítima de uma vida apressada e da tirania do momento é a linguagem – atenuada, empobrecida, vulgarizada e esvaziada dos significados de que seria portadora”⁵².

Com o volume constante de comunicação nos dias de hoje, cada palavra vai perdendo o seu sentido, não havendo uma efetiva preparação ou cuidado com as palavras a utilizar.

⁴⁸ Cf. Francisco, *Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro”* (24 de janeiro de 2014). (Consultado em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

⁴⁹ Sínodo dos Bispos, *Documento Final do Sínodo dos Bispos: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (27 de outubro de 2018), n.º 126. (Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html).

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ Cf. Antonio Spadaro, *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo na era da Internet* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012), p. 32.

⁵² Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis, *Cegueira Moral. A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida* (Lisboa: Relógio de Água Editores, 2016), p. 63.

Lembre-se a este respeito que os adolescentes começaram a utilizar formas para abreviar as palavras, dado o limite de caracteres por mensagem, gerando erros ortográficos quando necessitam de escrever a palavra de forma correta.

O Papa Francisco adverte que não é saudável confundir a comunicação com o mero contacto virtual.⁵³ Refere ainda que, “enquanto para alguns a tecnologia tem enriquecido nossas relações, para muitos outros têm gerado uma forma de dependência, tomando o lugar das relações humanas e até mesmo da relação com Deus”⁵⁴. O Santo Padre alerta que como em tudo, é necessária uma utilização prudente das novas tecnologias evitando consequências nefastas, como “dependência, isolamento e perda progressiva de contacto com a realidade concreta, impedindo o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas”⁵⁵.

Como tal, deve-se privilegiar “a capacidade de ver antes de mais nada o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus”⁵⁶. E aqui a caridade assume um lugar de destaque pois só através desta é possível acolher o outro como um dom. A comunicação face a face é uma oportunidade para tal, para nos treinar “na vida trinitária, na sinfonia sempre mais bela de novos relacionamentos baseados na caridade que acolhe, perdoa e, sobretudo, é capaz de dar e receber”⁵⁷. Bento XVI menciona que “as próprias relações entre os homens, ao longo da história, só podem ganhar com a referência a este Modelo divino”⁵⁸. Somos seres criados à imagem e semelhança de Deus, o que espelha um reflexo trinitário em nós.⁵⁹ E, como tal, não há experiência de vida sem uma experiência do outro, a experiência da alteridade. “Ser é sempre ser-para-o-outro”⁶⁰.

A comunicação face a face deve, então, espelhar este modelo trinitário, onde é fundamental “ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e

⁵³ Francisco, Exortação Apostólica *Christus Vivit* (Lisboa: Paulus Editora, 25 de março de 2019), n.º 88.

⁵⁴ Sínodo dos Bispos, *Documento Final da Reunião Pré-Sinodal para preparação da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos* (24 de março de 2018), n.º 4. (Consultado em 23 de abril de 2019 em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html).

⁵⁵ Sínodo dos Bispos, *Documento Final do Sínodo dos Bispos: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (27 de outubro de 2018), n.º 22. (Consultado em 23 de abril de 2019 em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html).

⁵⁶ João Paulo II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (6 de janeiro de 2001), n.º 43. (Disponível em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html e acedido em 22 de abril de 2019).

⁵⁷ Equipa da Pastoral Orgânica da Diocese de Viseu, *Para uma Igreja Comunhão. Da Lumen Gentium aos nossos dias* (Viseu: Diocese de Viseu, 2011), p.33.

⁵⁸ Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (Lisboa: Paulus Editora, 29 de junho de 2009), n.º 54.

⁵⁹ Cf. Alexandre Palma, *A Trindade é um mistério mas podemos falar disso* (Prior Velho: Editora Paulinas, 2014).

⁶⁰ *Ibidem*, p. 142.

cuja luz há-de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor”⁶¹. Devemos tentar chegar a verdadeiros relacionamentos trinitários, pela escuta recíproca, a aceitação plena de cada um, na certeza de que o outro faz parte de mim.⁶²

Assim, apesar de todas as modificações provocadas pelas novas tecnologias na interação social, não se pode deixar de reconhecer que a relação pessoal, face a face, continua a ter um papel fundamental na sociedade pós-moderna e do qual se efetua uma análise seguidamente.

1.2. A comunicação face a face e o despedaçar do individualismo

O Ser Humano é um ser social mas, apesar de tudo, a sociedade pós-moderna é condescendente com o individualismo. Este é a sobrevalorização do indivíduo sobre a sociedade, estando preocupado apenas consigo mesmo.

A nova realidade digital trouxe alguns desafios à convivência face a face, assim como gerou um impacto individualista no uso do dispositivo tecnológico que se opõe à vivência presencial e, até mesmo, à vivência eclesial. Muitos adolescentes vivem hoje “numa cultura amplamente digitalizada, que tem impactos extremamente profundos sobre a noção de tempo e de espaço, sobre a perceção de si, do próximo e do mundo, sobre a maneira de comunicar, aprender, obter informações, entrar em relação com os outros”⁶³. Numa sociedade pós-moderna com marcas acentuadas de uma liquidez, onde os laços relacionais se tornam fracos e físsiparos,⁶⁴ colocam-se inúmeros desafios aos contactos presenciais entre as pessoas.

Antonio Spadaro refere mesmo que há necessidade de redefinir quem é o meu próximo.⁶⁵ Se até então, o próximo era a pessoa que estava num contexto físico contíguo, hoje tal distinção deixou de fazer sentido, já que uma pessoa a viver no outro lado do mundo também pode ser o meu próximo.

⁶¹ João Paulo II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, (6 de janeiro de 2001), n.º 43. (Consultado em 22 de abril em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html).

⁶² Equipa da Pastoral Orgânica da Diocese de Viseu, *Para uma Igreja Comunhão. Da Lumen Gentium aos nossos dias* (Viseu: Diocese de Viseu, 2011), p. 34.

⁶³ Sínodo dos Bispos, *Documento Final do Sínodo dos Bispos: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, (27 de outubro de 2018), n.º 21. (Consultado em 23 de abril de 2019 em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html).

⁶⁴ Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis, *Cegueira Moral. A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida* (Lisboa: Relógio de Água Editores, 2016).

⁶⁵ Antonio Spadaro, *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo na era da Internet* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012), p. 64.

No mesmo seguimento, a noção de amizade também terá de se redefinir. Está próximo de mim, é meu amigo, quem estiver conectado na Rede comigo, pese embora que nunca se tenham encontrado presencialmente. “Portanto, arrisco estar ‘longe’ de um amigo meu que mora perto e que não está no *Facebook* e usa pouco o *e-mail*, e, por outro lado, sentir-me ‘perto’ de uma pessoa que nunca encontrei, que se tornou minha ‘amiga’, porque é amiga de um amigo meu e com a qual tenho uma troca frequente na Rede”⁶⁶.

Neste sentido, parece que se está a colecionar amigos como selos, sem destringir quantidade e qualidade, o que leva à banalização do significado profundo de amizade com a troca de fotos ou de umas palavras assíncronas. Está-se, então, a tratar os amigos como meras unidades estatísticas, onde o sucesso social se determina pelo maior número de amigos que se tem nas redes sociais? Porém, pode-se ter muitos amigos mas, verdadeiramente, está-se só, pois muitos daqueles resumem-se a meras conexões.⁶⁷ Este cenário também lembra um verso da música de Rui Veloso, “Chico Fininho”, quando canta “por mais amigos que tenha sinto-me sempre sozinho”, nas suas atribulações de adolescente.

De facto, o sucesso depende da quantidade, e não da qualidade, de conexões, já que é assim que é possível ficar ao corrente do que todos estão a *falar*, das escolhas indispensáveis do momento, das músicas mais ouvidas, das últimas sapatilhas da moda, das recentes aventuras das celebridades, das festas mais badaladas, dos festivais e eventos mais comentados.⁶⁸ Isto é o que favorece, segundo Alfredo Teixeira, a criação de uma cultura adolescente, pelos traços identificadores de uma imagem de si, da construção de narrativas comuns e de uma sociabilidade relacional.⁶⁹

E, se é tão bom ter amigos, por que os do *Facebook* não chegam? Talvez porque o número e a qualidade das relações de amizade ao vivo têm uma associação com o estado de saúde, já que a pessoa que possui mais amigos concretos, reais, sente-se mais saudável e feliz.⁷⁰

Além disso, a utilização intensiva da internet está relacionada com níveis mais altos de solidão e que o tempo dedicado a relações virtuais retira tempo para interações ao vivo,

⁶⁶ *Ibidem*, p. 65.

⁶⁷ Maria Luísa Pedroso de Lima, *Nós e os outros: o poder dos laços sociais* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018), p. 83.

⁶⁸ Cf. Zygmunt Bauman, *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno* (Rio de Janeiro: Zahar, 2011).

⁶⁹ Cf. Alfredo Teixeira, “A adolescência e a juventude como culturas. Os quadros sociais da experiência crente”, *Theologica*, n.º 47, (2012), p. 99-113.

⁷⁰ Maria Luísa Pedroso de Lima, *Nós e os outros: o poder dos laços sociais* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018), p. 83.

potenciando efeitos depressivos e contribuindo para o isolamento social.⁷¹ É a condição de “lobos solitários sempre em contato” como menciona Zygmunt Bauman, condição que os adolescentes hoje assumem sempre com relações “contínuas” entre eles,⁷² subvertendo as noções do tempo e do espaço. Quando o telemóvel não tem acesso à internet, fica-se com a ideia “de que uma forma importante de relação deixa de ser possível, e se observa um sentimento de isolamento”⁷³. Aliás, Sherry Turkle, socióloga norte-americana escreveu uma obra com o título “Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other”⁷⁴ onde aborda estas questões.

Assim sendo, “em vez de ser uma comunidade global, pode a ‘teia’ (‘web’) do futuro tornar-se uma vasta rede fragmentada de indivíduos isolados — abelhas humanas nas suas células — interagindo com os dados e não uns com os outros? O que seria da solidariedade — o que seria do amor — num mundo como esse?”⁷⁵.

Este panorama faz com que façamos parte de uma nova narrativa humana, criada no espaço virtual, e que é geradora de uma lista de novos bloqueios mentais como referem Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis:

“ela inclui o nosso esquecimento deliberado do Outro, a nossa recusa deliberada em reconhecer e admitir um ser humano de outro tipo, ao mesmo tempo que descartamos alguém vivo, real, que está a fazer e a dizer alguma coisa mesmo ao nosso lado – tudo em nome de fabricar um ‘amigo’ no Facebook, distante e que talvez viva numa outra realidade semiótica. Nessa lista também se encontra a alienação, ao mesmo tempo que se simula a amizade; não ver nem conversar com alguém que está connosco; (...) Há também o desejo de comunicarmos, não com aqueles que nos são próximos e que sofrem em silêncio, mas com alguém imaginado e construído, a nossa própria projeção ideológica – e esse desejo é acompanhado por uma inflação de palavras e conceitos convenientes”⁷⁶.

⁷¹ Cf. Maria Luísa Pedroso de Lima, *Nós e os outros: o poder dos laços sociais* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018).

⁷² Cf. Zygmunt Bauman, *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*, (Rio de Janeiro: Zahar, 2011).

⁷³ Antonio Spadaro, *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo na era da Internet* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012), p. 137.

⁷⁴ Cf. Sherry Turkle, *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other* (New York: Basic Books, 2012).

⁷⁵ Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, *Ética para as Comunicações Sociais*, (2 de Junho de 2000), n.º 29. (Consultado a 5 de junho de 2019 em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20000530_ethics-communications_po.html).

⁷⁶ Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis, *Cegueira Moral. A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida* (Lisboa: Relógio de Água Editores, 2016), p. 20.

Na mesma linha de pensamento, Antonio Spadaro entende o perigo desta alienação, “o refúgio num mundo fictício e indolor que faz perder o contacto com a riqueza incomparável da experiência ‘irreversível’”⁷⁷.

O Papa Francisco também evoca esta alienação, “às vezes somos duros de coração e de mente, esquecemo-nos, entretemo-nos, extasiamos-nos com as imensas possibilidades de consumo e de distração que esta sociedade oferece. Gera-se assim uma espécie de alienação que nos afeta a todos”⁷⁸. Será que hoje se está tão distraído e alienado como o sacerdote ou o levita que ignoraram o homem espancado pelos assaltantes junto à estrada, da parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25 – 37)?

Aliás, parece que “a nossa capacidade de convivência face a face e a satisfação, o prazer que obtemos dela também correm perigo, quando confrontados com a pressão combinada de uma visão consumista do mundo e do ideal das ‘relações puras’”⁷⁹. Zigmunt Bauman socorre-se do conceito de relações puras de Anthony Giddens,⁸⁰ onde o objetivo das relações é extrair o máximo de satisfação possível e, quando tal já não se verifica, rompe-se a relação. A este propósito, João Duque também refere que a matriz preponderante da relação humana passou a ser o proveito individual.⁸¹ “Cada um dos parceiros de uma relação pura, separada ou simultaneamente, tentará fazer o papel de sujeito, tendo o outro como objeto”⁸². Pese embora sermos seres em relação, “o ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo, que se pode usar e deitar fora”⁸³. De facto,

“as dinâmicas dos mass-media e do mundo digital (...) tendem a substituir as relações reais com os outros, com todos os desafios que implicam, por um tipo de comunicação mediada pela internet. Isto permite seleccionar ou eliminar a nosso arbítrio as relações e, deste modo, frequentemente gera-se um novo tipo de emoções artificiais, que têm a ver mais com dispositivos e monitores do que com as pessoas e a natureza. Os meios atuais permitem-nos comunicar e partilhar conhecimentos e afetos. Mas, às vezes, também nos impedem de tomar contacto direto com a angústia, a

⁷⁷ Antonio Spadaro, *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo na era da Internet* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012), p. 72.

⁷⁸ Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (Lisboa: Paulus Editora, 24 de novembro de 2013), p. 186.

⁷⁹ Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis, *Cegueira Moral. A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida* (Lisboa: Relógio de Água Editores, 2016), p. 188.

⁸⁰ Cf. Anthony Giddens, *Modernidade e Identidade* (Oeiras: Celta Editora, 1992).

⁸¹ Cf. João Duque, “Família cristã - que futuro?”, *Bíblica*, 23, (2014), p.113-120.

⁸² Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis, *Cegueira Moral. A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida* (Lisboa: Relógio de Água Editores, 2016), p. 184.

⁸³ Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (Lisboa: Paulus Editora, 24 de novembro de 2013), n.º 53.

trepidação, a alegria do outro e com a complexidade da sua experiência pessoal. Por isso, não deveria surpreender-nos o facto de, a par da oferta sufocante destes produtos, ir crescendo uma profunda e melancólica insatisfação nas relações interpessoais ou um nocivo isolamento”⁸⁴.

Com as imensas possibilidades que as novas tecnologias nos permitem, hoje, de conhecer e contactar com pessoas, o facto é que a sensação de vazio, de solidão e a quantidade de relacionamentos desfeitos é cada vez maior. Na terminologia de Zygmunt Bauman, os relacionamentos postulam-se como líquidos, sem laços profundos, transformados em mercadorias e geridos em função da sua utilidade.⁸⁵ Assim, a rejeição, o bloqueio, pode chegar a qualquer momento, comunicada em cima da hora ou mesmo sem aviso, já que os vínculos não são sólidos, mas instáveis e duvidosos.⁸⁶

Nos dias de hoje, tal é uma forma característica de convívio humano e no qual se emboca pelos benefícios que podem trazer e que só se mantém enquanto propiciar uma satisfação suficiente. Contudo, as relações humanas não podem ser consideradas como um jogo, onde se perde ou se ganha. Utilizando a linguagem informática, se já não é satisfatório manter esse relacionamento, apaga-se e/ou atualiza-se com uma nova amizade. A liquidez da modernidade, de Zygmunt Bauman,⁸⁷ tão bem retratada nesta conjuntura.

“As ‘redes’- nome agora escolhido para substituir as antiquadas ideias, que se creem desfasadas, de ‘comunidade’ ou ‘comunhão’- é esse direito *unilateral* de as abandonar”⁸⁸. Portanto, se as pessoas já não estão satisfeitas com a sua atividade é colocado ao critério da sua vontade o propósito de persistir ou desistir da pertença a essa rede. Apenas as continuam a utilizar enquanto corresponderem à satisfação das suas expectativas. Os autores referem, assim, a existência de uma relação de consumidor-mercadoria, também nas relações inter-humanas.

Albert Nolan utiliza a noção de ego, referindo – se a este como o “eu egoísta”, o ‘eu’ que julga ser o centro do mundo, que não confia em ninguém a não ser em si mesmo, o que conduz à insegurança e à solidão.⁸⁹ O autor argumenta, ainda, que “o ego egoísta não ama

⁸⁴ Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si* (Lisboa: Paulus Editora, 24 de maio de 2015), p. 47.

⁸⁵ Cf. Zygmunt Bauman, *Amor Líquido. Sobre a Fragilidade dos Laços Sociais* (Lisboa: Relógio de Água Editores, 2008).

⁸⁶ *Ibidem*, p. 185.

⁸⁷ Cf. Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis, *Cegueira Moral. A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida* (Lisboa: Relógio de Água Editores, 2016).

⁸⁸ *Ibidem*, p. 25.

⁸⁹ Albert Nolan, *Jesus Hoje. Uma Espiritualidade de Liberdade Radical* (Prior Velho: Editora Paulinas, 2008), p.51.

ninguém além de si mesmo, atendendo apenas às suas próprias necessidades e à sua própria gratificação. Sofrendo de uma falta total de empatia, o ego pode ser extraordinariamente cruel para os outros”⁹⁰. É a cultura do *self* levada ao extremo.

Para Emmanuel Lévinas, tal é impensável já que é no rosto do outro que eu me torno responsável, pelo que não posso poder sobre o outro.⁹¹ É uma responsabilidade baseada no rosto, no face a face, do outro.

Para Martin Buber, “o homem que está face a mim nunca pode ser meu objeto”⁹². Para este autor, a relação caracteriza o ser humano, pelo que este não pode ser objetivado porque o outro tem de permanecer enquanto tal. Porém, num tempo que não pára de mudar, na cultura do provisório, onde o outro é “descartável” como qualificou Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, tanto faz que morra uma criança migrante no mar Mediterrâneo ou na espera desesperável das famílias para ingressarem nos Estados Unidos da América. “Quase sem nos apercebermos, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe”⁹³. Não será esta falta de sensibilidade perante o outro e o seu sofrimento a tal cegueira moral, preconizada por Zigmunt Bauman?⁹⁴

A este propósito, Zigmunt Bauman e Leonidas Donskis teceram o conceito de “adiaforização”, que espelha este cenário, isto é, “a capacidade de não reagir, ou de reagir como se algo estivesse a acontecer não com pessoas, mas com objetos físicos, coisas e não seres humanos”⁹⁵. Algo acontece mas só aos outros, a nós não.⁹⁶ É um sentimento gerado “pela nossa compreensão do mundo humano tecnológico e virtual”⁹⁷, que produz “indivíduos insensíveis, cuja natureza e atenção sociais só são despertadas por estímulos sensoriais e

⁹⁰ *Ibidem*, p.52.

⁹¹ Cf. Emmanuel Lévinas, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 1980).

⁹² Martin Buber, *Do Diálogo e do Dialógico* (São Paulo: Editora Perspetiva, 1982), p. 8.

⁹³ Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (Lisboa: Paulus Editora, 24 de novembro de 2013), n.º 54.

⁹⁴ Cf. Zigmunt Bauman e Leonidas Donskis, *Cegueira Moral. A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida* (Lisboa: Relógio de Água Editores, 2016).

⁹⁵ *Ibidem*, p. 52.

⁹⁶ O poema do pastor luterano Martin Niemöller, após ter sido libertado do campo de concentração nazi, ilustra bem esta situação: "Primeiro vieram buscar os comunistas e eu não disse nada pois não era comunista. Depois vieram buscar os socialistas e eu não disse nada pois não era socialista. Depois vieram buscar os sindicalistas e eu não disse nada pois não era sindicalista. Depois vieram buscar os judeus e eu não disse nada pois não era judeu. Finalmente, vieram buscar-me a mim – e já não havia ninguém para falar". (Disponível em <https://www.publico.pt/2016/11/29/mundo/analise/donald-trump-e-a-licao-de-martin-niemoller-1752917>).

⁹⁷ Zigmunt Bauman e Leonidas Donskis, *Cegueira Moral. A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida* (Lisboa: Relógio de Água Editores, 2016), p. 54.

destrutivos”⁹⁸. A tal poder-se-ia ainda acrescentar a falta de empatia, de que se ocupa o ponto seguinte.

A cultura digital produz tal sintoma, pelo que a comunicação face a face deverá constituir-se como uma oportunidade de “conexão significativa entre as pessoas, capaz de proporcionar a base para a construção de relações de comunhão numa sociedade fragmentada”⁹⁹. Devemos sempre “abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com o seu sofrimento e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado”¹⁰⁰. Como menciona o Papa Francisco, muitos “acabam enredados numa vida completamente virtual, onde as relações parecem mais simples e ágeis, mas depois revelam-se dramaticamente sem sentido!”¹⁰¹. A relação humana não pode ser como um jogo, como sublinha Antonio Spadaro, necessita de tempo e de conhecimento direto.¹⁰²

E, para esta conexão significativa, a empatia assume um lugar de destaque na promoção de relações harmoniosas e saudáveis entre as pessoas. Como tal, segue-se agora uma análise sobre esta habilidade.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 53.

⁹⁹ Antonio Spadaro, *Ciberteologia, Pensar o Cristianismo na era da Internet* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012), p. 83.

¹⁰⁰ Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (Lisboa: Paulus Editora, 24 de novembro de 2013), n.º 88.

¹⁰¹ Francisco, Mensagem para a Quaresma 2018, “*Porque se multiplicará a iniquidade, vai esfriar o amor de muitos*” (Mt 24, 12) (1 de novembro de 2017). (Disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco_20161018_messaggio-quaresima2017.html).

¹⁰² Antonio Spadaro, *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo na era da Internet* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012), p. 63.

1.3.A empatia: uma habilidade para estabelecer comunhão com os outros

A empatia é entendida como a habilidade de compreender emocionalmente o eu de outro.¹⁰³ É usual referir-se que a empatia é a arte de calçar os sapatos da outra pessoa. O conceito advém do grego *empathia*, que significa “emoção”, “sentimento”, “estado de alma”.

Na comunicação face a face, ela é uma habilidade essencial para estabelecer relações pessoais saudáveis, pautadas por maior tolerância e pela comunhão com os outros. Gera uma espécie de sintonização com o outro, sendo que ao coloca-se no lugar do outro e tentar compreender o que ele sentiria numa determinada situação, tal é o princípio de uma convivência mais autêntica.

“Colocarmo-nos no lugar do outro constitui uma experiência de sujeito a sujeito ou de eu-a-tu. Quando tomamos consciência de uma pessoa ou de outro eu, experimentamos uma espécie de comunhão com essa pessoa”¹⁰⁴. Além disso, as nossas relações melhorariam se, por algumas vezes, fizéssemos uma pausa para nos lembrarmos de que quem temos diante de nós é uma pessoa, com os seus próprios pensamentos e emoções.¹⁰⁵

Neste sentido, “a empatia nasce da autoconsciência; quanto mais abertos formos às nossas próprias emoções, mais capazes seremos de ler os sentimentos dos outros”¹⁰⁶. Para Carl Rogers, a empatia é captar o mundo do outro como se fosse o seu próprio mundo, mas sem nunca esquecer esse caráter de “como se”. O autor refere ainda que a aceitação e a empatia constituem condições necessárias para o crescimento humano, pelo que também devem estar presentes na relação de ensino, na amizade e na vida familiar.¹⁰⁷

Atualmente, onde há um adolescente, há, certamente, e pelo menos, um *smartphone*. Ora, a presença contínua nos ecrãs dificulta os adolescentes de estabelecerem empatia. Esta implica a interação humana “e quando grande parte da relação com o mundo é feita não através de outros seres humanos mas sim de ecrãs de televisões, computadores ou telemóveis,

¹⁰³ *Dicionário de Língua Portuguesa* (Porto: Porto Editora, 2010).

¹⁰⁴ Albert Nolan, *Jesus Hoje. Uma Espiritualidade de Liberdade Radical* (Prior Velho: Editora Paulinas, 2008), p.218.

¹⁰⁵ *Ibidem*.

¹⁰⁶ Daniel Goleman, *Inteligência Emocional* (Lisboa: Temas e Debates – Atividades Editoriais, Lda., 1995), p. 117.

¹⁰⁷ Cf. Carl Rogers, *Tornar-se Pessoa* (Lisboa: Padrões Culturais), 2009.

é muito mais difícil aprender a empatia. (...) Daí que seja difícil criar um robot que possa realmente substituir uma pessoa”¹⁰⁸.

De facto, tal relaciona-se com uma espécie de mímica corporal e, sobretudo, facial e a capacidade de as ler, já que “a chave para intuir os sentimentos dos outros reside na habilidade de ler os canais não-verbais: o tom de voz, o gesto, a expressão facial, etc.”¹⁰⁹.

Também a Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo *Gaudium et Spes* nos revela a importância da empatia quando é mencionado que “o nosso respeito e amor devem estender-se também àqueles que pensam ou atuam diferentemente de nós em matéria social, política ou até religiosa. Aliás, quanto mais intimamente compreendermos, com delicadeza e caridade, a sua maneira de ver, tanto mais facilmente poderemos com eles dialogar”¹¹⁰.

Para Martin Buber, o diálogo genuíno só se dá em clima de plena reciprocidade, quando o indivíduo experiencia a relação também ‘do lado do outro’, sem contudo abdicar da sua especificidade própria”¹¹¹. Porém, quando tal não se sucede, corre-se o risco de as pessoas não estarem atentas aos outros, centrando-se nelas próprias, tornando-se indiferentes diante dos outros. A ilustrar tal situação Boris Cyrulnik, neurologista e psiquiatra, menciona alguns exemplos, um deles é no metro de Paris, onde as pessoas estão a meio da porta e não se mexem quando os outros querem entrar ou sair. Acrescenta ainda que “uma sociedade com menores níveis de empatia é necessariamente mais perigosa (...). Os psicopatas podem matar, roubar, violar, sem culpabilidade”¹¹².

Numa entrevista ao Jornal *Expresso*, António Damásio refere que a “ideia de que se esbarra com indivíduos que estão a ler o seu *e-mail* na rua e a andar ao mesmo tempo, a olhar para o ecrã em vez de olhar para as pessoas com quem vão esbarrar, é ridícula”¹¹³. Mas

¹⁰⁸ Alexandra Prado Coelho, “Jovens hoje desenvolvem menos empatia”, *Jornal Público* (2 de Fevereiro de 2019). (Disponível em <https://www.publico.pt/2019/02/02/sociedade/noticia/jovens-hoje-desenvolvem-menos-empatia-1860385> a 10 de março de 2019).

¹⁰⁹ Daniel Goleman, *Inteligência Emocional* (Lisboa: Temas e Debates – Atividades Editoriais, Lda., 1995), p. 117.

¹¹⁰ Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo *Gaudium et Spes* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999), n.º 28.

¹¹¹ Martin Buber, *Do diálogo e do Dialógico* (São Paulo: Editora Perspetiva, 1982), p. 8.

¹¹² Alexandra Prado Coelho, “Jovens hoje desenvolvem menos empatia”, *Jornal Público* (2 de Fevereiro de 2019). (Disponível em <https://www.publico.pt/2019/02/02/sociedade/noticia/jovens-hoje-desenvolvem-menos-empatia-1860385> a 10 de março de 2019).

¹¹³ Valdemar Cruz, “Entrevista a António Damásio – Neurocientista professor na Universidade de Southern California”, *Jornal Expresso* (8 de junho de 2019), p. 22 e 23.

mantém a esperança acrescentando que “pode ser que as pessoas se cansem da ideia disparatada de estarem a guiar uma trotinete elétrica e a ler o *e-mail* ao mesmo tempo”¹¹⁴.

Antonio Spadaro também questiona se o uso das novas tecnologias não propicia o desenvolvimento de um isolamento que impede os adolescentes das “simples e banais ocasiões de diálogo e escuta, que salpicam o dia normal de uma pessoa: ‘desculpe’, ‘com licença’, ‘pode dizer-me que horas são?’”¹¹⁵.

A este propósito relembramos as palavras do Papa Francisco quando afirma que se desenvolveu uma globalização da indiferença e, “quase sem nos apercebermos, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios”¹¹⁶.

Na mesma linha de pensamento, Daniel Goleman refere que esta incapacidade de ler os sentimentos dos outros constitui um grande défice de inteligência emocional e uma trágica falha naquilo que significa ser humano, sendo que “em qualquer relação, as raízes da solicitude nascem da sintonia emocional, da capacidade de sentir empatia”¹¹⁷.

A empatia alicerça-se num grupo de neurónios designados por neurónios-espelho, cujo nome se deve ao facto de se ativarem quando observamos os outros. Através deste tipo de neurónios “é possível, mesmo ao nível das emoções, haver uma transferência emocional de uma emoção alheia para mim”¹¹⁸. Neste sentido, Isabel Varanda lembra a importância de um “debate alargado sobre a iliteracia emocional, diagnosticada como um potente fator de despersonalização, no nosso tempo”¹¹⁹. Assim sendo e, para que as sociedades não se tornem brutais, Boris Cyrulnik, similarmente, apela a necessidade de se desenvolver uma “pedagogia da empatia”, que deve começar nas escolas, para explicar que “não nos podemos permitir tudo”¹²⁰.

Também o Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* foca a importância do ouvir e ver com empatia: “A escuta torna possível um

¹¹⁴ *Ibidem*.

¹¹⁵ Antonio Spadaro, *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo na era da Internet* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012), p. 45.

¹¹⁶ Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (Lisboa: Paulus Editora, 24 de novembro de 2013), p. 54.

¹¹⁷ Daniel Goleman, *Inteligência Emocional* (Lisboa: Temas e Debates – Atividades Editoriais, Lda., 1995), p.118.

¹¹⁸ João Duque, “Do sentimento de si ao sentimento do outro”, *Theologica*, n.º 46, (2011), p. 8.

¹¹⁹ Isabel Varanda, “As ciências humanas e a fé ao serviço da personalização”, *Humanística e Teologia*, n.º 25, (2004), p. 248.

¹²⁰ Alexandra Prado Coelho, “Jovens hoje desenvolvem menos empatia”, *Jornal Público* (2 de Fevereiro de 2019) (Acedido a 10 de março de 2019 em <https://www.publico.pt/2019/02/02/sociedade/noticia/jovens-hoje-desenvolvem-menos-empatia-1860385>).

intercâmbio de dons, num contexto de empatia. Permite que os jovens ofereçam a sua contribuição para a comunidade”¹²¹. Na Exortação Apostólica *Christus Vivit*, Francisco reforça o papel da escuta ao mencionar que “a escuta atenta e desinteressada indica o valor que a outra pessoa tem para nós, para lá das suas ideias e das suas opções de vida”¹²². Já S. Paulo exortava à empatia: “Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram” (Rm 12,15).

Jesus utilizava um estilo de comunicação empática, pois aproximava-se das pessoas e importava-se verdadeiramente com elas, “lia no coração dos seus interlocutores e dava resposta às necessidades mais autênticas que tinham”¹²³. Tomava as suas agruras como suas, recorde-se a passagem da ressurreição de Lázaro:

“Ao vê-la a chorar e os judeus que a acompanhavam a chorar também, Jesus suspirou profundamente e comoveu-se. Depois, perguntou: ‘Onde o pusestes?’ Responderam-lhe: ‘Senhor, vem e verás.’ Então Jesus começou a chorar. Diziam os judeus: ‘Vede como era seu amigo!’”(Jo 11,33 – 36).

Outro exemplo de como Jesus utilizava a capacidade empática, o seu cuidado com os outros:

“Jesus percorria as cidades e as aldeias, ensinando nas sinagogas, proclamando o Evangelho do Reino e curando todas as enfermidades e doenças.³⁶Contemplando a multidão, encheu-se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor” (Mt, 9,35 – 36).

Então, a empatia será a melhor resposta ao hiperindividualismo mencionado pelo sociólogo Zygmunt Bauman¹²⁴ e à cultura do ego, de Albert Nolan.¹²⁵ Descentrarmo-nos de nós e centrarmo-nos no outro. E, a adolescência ou a “puberdade – porque é uma altura de extraordinárias mudanças na biologia da criança, na sua capacidade de pensar e no funcionamento do cérebro – é também uma altura crucial para a aprendizagem de lições

¹²¹ Sínodo dos Bispos, *Documento Final do Sínodo dos Bispos: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (27 de outubro de 2018), n.º 8. (Consultado em 23 de abril de 2019 em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html).

¹²² Francisco, Exortação Apostólica *Christus Vivit* (Lisboa: Paulus Editora, 25 de março de 2019), p. 292.

¹²³ Francisco, Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia “*O rosto da misericórdia*” (Prior Velho: Editora Paulinas, 11 de abril de 2015), p.11.

¹²⁴ Cf. Zygmunt Bauman, *Tempos Líquidos* (Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007).

¹²⁵ Albert Nolan, *Jesus Hoje. Uma Espiritualidade de Liberdade Radical* (Prior Velho: Editora Paulinas, 2008).

sociais e emocionais”¹²⁶. Daí o foco nos adolescentes de que versa o ponto três. Porém, antes uma reflexão sobre o que refere o Magistério da Igreja sobre a problemática em questão.

2. Análise das Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais e a sua interseção com a comunicação face a face

Neste ponto efetua-se uma análise ao que o Magistério Eclesial emite, verificando as interseções com a principal temática deste trabalho, a importância da comunicação face a face numa cultura marcadamente digital.

O Dia Mundial das Comunicações Sociais foi a única celebração estabelecida pelo Concílio Vaticano II, instituído através do decreto *Inter Mirifica*, em 1963. É celebrado no domingo que antecede o Pentecostes, sendo que, comumente, as Mensagens do Santo Padre para este dia, são divulgadas na festa litúrgica de São Francisco de Sales, padroeiro dos jornalistas, a 24 de janeiro. Embora tenham começado em 1967 e, após uma análise atenta, das mensagens para este dia, no Pontificado de Paulo IV, incidem mais sobre a imprensa, o rádio, a televisão e o cinema, não se constituindo de relevância para a nossa problemática. Em João Paulo II importam sobretudo as dos últimos anos do seu Pontificado, onde a internet já conhecia uma grande expansão. Talvez, por isso, se tenha registado uma mudança no discurso da Santa Sé, onde o foco deixou de estar centrado nos profissionais e nos responsáveis pelas comunicações sociais, como vemos mais nas Mensagens de João Paulo II e, nas quais encontramos menos convergências com a nossa problemática, e centrou-se mais nos internautas, nos utilizadores comuns, com os Papas seguintes. Aliás, Bento XVI é o primeiro Santo Padre de um período marcadamente digital, mas é nas Mensagens de Francisco que encontramos mais pontos de contacto com o nosso tema.

Um aspeto transversal a todas as mensagens de João Paulo II, Bento XVI e Francisco reporta-se às potencialidades que os meios de comunicação social podem aportar, postas ao serviço do bem integral da pessoa e em benefício da humanidade inteira, capazes de facilitar a “comunicação, a comunhão e a cooperação”¹²⁷. Outro traço característico é a advertência dos Santos Padres para o lado mais negro destas tecnologias, para as degenerações e a sua

¹²⁶ Daniel Goleman, *Inteligência Emocional* (Lisboa: Temas e Debates – Atividades Editoriais, Lda., 1995), p. 132.

¹²⁷ Bento XVI, *Mensagem para o XL Dia Mundial das Comunicações Sociais “A mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação”* (24 de janeiro de 2006), n.º 1. (Consultado em 2 de maio de 2019 em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20060124_40th-world-communications-day.html).

utilização desregrada, criando dependência, solidão e isolamento. Segue-se, então, uma análise das Mensagens de João Paulo II para o Dia Mundial das Comunicações Sociais.

2.1. João Paulo II: a comunicação e o desenvolvimento da pessoa

Numa das primeiras mensagens do seu Pontificado, João Paulo II debruça-se sobre a relação que os meios de comunicação social podem exercer no desenvolvimento das crianças, na medida em que “as impressões desta idade são as que penetram mais profundamente na psicologia do ser humano e condicionam, muitas vezes de modo duradouro, as sucessivas relações consigo mesmo, com os outros e com o ambiente”¹²⁸. De facto e, como se veio a confirmar, os meios de comunicação social alteraram a forma de comunicar, aprender, pensar e relacionar.

O Papa João Paulo II afirma que a expansão das tecnologias da informação possibilitou a comunicação entre indivíduos e grupos em todas as partes do mundo, mas e, “paradoxalmente, as mesmas forças que podem contribuir para o melhoramento da comunicação podem levar, de igual modo, ao aumento do isolamento e à alienação”¹²⁹. Advertia, ainda para o facto de que as pessoas, através da Internet, ampliaram os seus contactos, de um modo impensável, todavia, essas relações “mantidas eletronicamente jamais podem substituir o contacto humano direto”¹³⁰, ou seja, o contacto que viabiliza a comunicação face a face.

Na Mensagem para o Dia das Comunicações Sociais de 2015, João Paulo II reconhece a importância de que se revestem as palavras na comunicação face a face: “lemos na Carta de São Tiago: ‘de uma mesma boca procedem a bênção e a maldição. Não convém, meus irmãos, que sejam assim’ (Tg 3,10). As Sagradas Escrituras recordam- nos que as palavras têm um extraordinário poder para unir as pessoas ou dividi-las, para criar vínculos de amizade ou

¹²⁸ João Paulo II, *Mensagem para o XIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicações sociais e desenvolvimento da criança”* (23 de maio de 1979). (Consultado em 30 de abril de 2019 em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_23051979_world-communications-day.html).

¹²⁹ João Paulo II, *Mensagem para o XXXIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Mass-media: presença amiga ao lado de quem procura o Pai”* (24 de janeiro de 1999). (Consultado em 30 de abril de 2019 em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011999_world-communications-day.html).

¹³⁰ João Paulo II, *Mensagem para o XXXVI Dia Mundial das Comunicações Sociais “Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho”* (24 de janeiro de 2002), n.º 5. (Consultado em 30 de abril de 2019 em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20020122_world-communications-day.html).

provocar hostilidade”¹³¹. Já dizia o poeta Alexandre O’Neill que “há palavras que nos beijam como se tivessem boca. Palavras de amor, de esperança, de imenso amor”¹³², outras há que nos transportam para a inimizade e agressividade.

Os comunicadores têm, assim, a possibilidade de fomentar uma “autêntica cultura da vida”¹³³, sendo que “o modelo e a pauta de toda comunicação encontra-se no próprio Verbo de Deus”¹³⁴. Além disso, “a pessoa e a comunidade humanas são a finalidade e a medida do uso dos meios de comunicação social: a comunicação deveria realizar-se de pessoa a pessoa, para o desenvolvimento integral das mesmas”¹³⁵.

Estes fundamentos também se encontram presentes nas Mensagens de Bento XVI e de Francisco, a que se dedicam os pontos seguintes.

2.2. Bento XVI: uma utilização verdadeira e responsável

Na sua primeira mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 2006, o Papa Bento XVI começa por definir os *media*, “como uma rede capaz de facilitar a comunicação, a comunhão e a cooperação”¹³⁶. De facto, os meios de comunicação conheceram muitos progressos tecnológicos, “permitindo a comunicação imediata e direta” entre pessoas que se encontram a muitos quilómetros de distância mas esta rapidez “nem sempre consegue criar um espírito de colaboração e de comunhão no âmbito da sociedade”¹³⁷.

Bento XVI aborda também a introdução de novas palavras pelas novas tecnologias, referindo que o novo vocabulário que os *mass media* eletrónicos introduzem não deve ser menosprezado. Isto porque, os mesmos “formam a cultura popular, portanto devem vencer qualquer tentação de manipulação, sobretudo em relação aos jovens, procurando ao contrário

¹³¹ João Paulo II, *Mensagem para o XXXIX Dia Mundial das Comunicações Sociais “Os meios de comunicação: ao serviço da compreensão entre os povos”* (24 de janeiro de 2005), n.º 1. (Consultado em 30 de abril de 2019 em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20050124_world-communications-day.html).

¹³² Cf. Alexandre O’Neill, *Poesias completas & dispersos* (Lisboa: Assírio e Alvim, 2018).

¹³³ João Paulo II, *Mensagem para o XXXIX Dia Mundial das Comunicações Sociais “Os meios de comunicação: ao serviço da compreensão entre os povos”* (24 de janeiro de 2005), n.º 1. (Consultado em 30 de abril de 2019 em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20050124_world-communications-day.html), n.º 4.

¹³⁴ *Ibidem*, n.º 5.

¹³⁵ *Ibidem*, n.º 4.

¹³⁶ Bento XVI, *Mensagem para o XL Dia Mundial das Comunicações Sociais “A mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação”* (24 de janeiro de 2006), n.º 1. (Consultado em 2 de maio de 2019 em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20060124_40th-world-communications-day.html).

¹³⁷ *Ibidem*, n.º 2.

educar e servir, para garantir a realização de uma sociedade civil digna da pessoa humana, e não a sua desagregação”¹³⁸. Na Mensagem de 2009, o Papa dirige-se à geração digital, ou seja, aos “jovens que cresceram em estreito contacto com estas novas técnicas de comunicação e, conseqüentemente, sentem-se à vontade num mundo digital que entretanto para nós, adultos que tivemos de aprender a compreender e apreciar as oportunidades por ele oferecidas à comunicação, muitas vezes parece estranho”¹³⁹.

Bento XVI menciona que o ambiente digital não é um mundo paralelo ou meramente virtual e que faz parte do dia-a-dia de muitas pessoas e, nomeadamente, dos mais novos. O envolvimento nas redes sociais leva a estabelecer novas formas de relação interpessoal, já que “na realidade, muitas pessoas estão a descobrir – graças precisamente a um contacto inicial feito *on line* – a importância do encontro direto, de experiências de comunidade”¹⁴⁰.

Porém, o Papa Emérito chama a atenção que a noção de amizade, “uma das maiores riquezas de que pode dispor o ser humano”¹⁴¹ pode, nas redes sociais, ser completamente adulterado e banalizado. Bento XVI avisa que seria triste se o nosso desejo de sustentar e desenvolver *on-line* as amizades fosse realizado à custa da nossa disponibilidade para a família, para os vizinhos e para aqueles que encontramos no quotidiano, no lugar de trabalho, na escola, nos tempos livres. De facto, quando o desejo de ligação virtual se torna obsessivo, a consequência é que a pessoa se isola, interrompendo a interação social real.¹⁴²

A amizade não pode ser considerada um fim, mas como se referiu anteriormente, o que se sucede é que quando a relação *on line* já não é satisfatória, a pessoa pode *bloquear* a outra ou mesmo *eliminar* essa amizade. É a lógica da economia e do consumo aplicada às relações de amizade, as quais subsistem em prol do proveito individual.

Bento XVI foca-se também sobre dois aspetos do processo humano de comunicação: o silêncio e a palavra. Para o Papa Emérito, silêncio e palavra são dois momentos da

¹³⁸ *Ibidem*, n.º 4.

¹³⁹ Bento XVI, *Mensagem para o XLIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade”* (24 de janeiro de 2009). (Consultado em 2 de maio de 2019 em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html).

¹⁴⁰ Bento XVI, *Mensagem para o XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Autenticidade e Verdade na cultura das redes sociais”* (24 de janeiro de 2013). (Consultado em 2 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html).

¹⁴¹ Bento XVI, *Mensagem para o XLIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade”* (24 de janeiro de 2009). (Consultado em 2 de maio de 2019 em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html).

¹⁴² *Ibidem*.

comunicação que devem ser equilibrados, alternados e integrados “entre si para se obter um diálogo autêntico e uma união profunda entre as pessoas”¹⁴³. Mas embora as palavras naveguem bem na rede, já o mesmo não podemos dizer do silêncio, das expressões faciais, de gestos ou posturas. Estes são característicos de uma relação face a face, baseada no encontro como se regista nas Mensagens do Papa Francisco.

2.3. *Francisco: a cultura do encontro*

O Papa Francisco direciona mais as suas Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais aos interlocutores da comunicação, ao modo como as pessoas comunicam hoje entre si, advogando uma cultura do encontro. Isto porque, descobrindo o centro vital que é o encontro, será possível orientar os relacionamentos com as tecnologias, segundo os critérios da dignidade da pessoa humana e do bem comum, sem deixar que nos absorvam.¹⁴⁴ “A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros”¹⁴⁵.

O Papa exorta, assim, a uma comunicação construtiva, rejeitando os preconceitos contra o outro, abrindo lugar a um diálogo também ele construtivo e promovendo uma cultura do encontro.¹⁴⁶

A palavra do cristão visa fazer crescer a comunhão, tanto no ambiente físico como no digital.¹⁴⁷ Isto porque:

“no projeto de Deus, a comunicação humana é uma modalidade essencial para viver a comunhão. Imagem e semelhança do Criador, o ser humano é capaz de

¹⁴³ Bento XVI, *Mensagem para o XLVI Dia Mundial das Comunicações Sociais “Silêncio e palavra: caminho de evangelização”* (24 de janeiro de 2012). (Consultado em 2 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20120124_46th-world-communications-day.html).

¹⁴⁴ Francisco, *Mensagem para o XLIX Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor”* (23 de janeiro de 2015). (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20150123_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁴⁵ Francisco, *Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro”* (24 de janeiro de 2014). (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁴⁶ *Ibidem*.

¹⁴⁷ Francisco, *Mensagem para o L Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo”* (24 de janeiro de 2016). (Acedido em 3 de maio de 2019 em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

expressar e compartilhar o verdadeiro, o bom e o belo. (...) Mas, se orgulhosamente seguir o seu egoísmo, o homem pode usar de modo distorcido a própria faculdade de comunicar, como o atestam, já nos primórdios, os episódios bíblicos dos irmãos Caim e Abel e da Torre de Babel (cf. *Gn* 4, 1-16; 11, 1-9). (...) Se, pelo contrário, se mantiver fiel ao projeto de Deus, a comunicação torna-se lugar para exprimir a própria responsabilidade na busca da verdade e na construção do bem”¹⁴⁸.

Assim sendo, a comunicação não gera divisão, discórdia, separação ou isolamento. A comunicação é encontro, é união, é acolhimento, estabelece pontes entre as pessoas. Ela nasce na família, “o primeiro lugar onde aprendemos a comunicar”¹⁴⁹ e onde se descortina que é “descoberta e construção de proximidade”¹⁵⁰. Na Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2014, Francisco coloca algumas interpelações, nomeadamente, a questão da proximidade e como esta se manifesta no ambiente digital, como pode a comunicação estar ao serviço de uma autêntica cultura do encontro e se o ambiente digital nos pode ajudar a crescer em humanidade e na compreensão recíproca.

Para Francisco, “quem comunica faz-se próximo”¹⁵¹. Já se mencionou anteriormente, verificando-se, aliás, uma sintonia entre as ideias de Antonio Spadaro e as do Papa Francisco, que as novas tecnologias estão a redefinir a noção de próximo¹⁵², existindo o risco delas nos fazerem “ignorar o nosso próximo real”¹⁵³. É possível ser verdadeiramente próximo aos outros, indaga o Santo Padre? Francisco elucida a resposta através da parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37), que considera também uma parábola do comunicador. O bom samaritano não só se faz próximo como cuida da pessoa que encontra maltratada ao lado da estrada, não ignora o seu próximo real como fazem o sacerdote e o levita. Os ataques que aquele homem sofre às mãos dos assaltantes servem para o Papa elucidar que “quando a

¹⁴⁸ Francisco, *Mensagem para LI Dia Mundial das Comunicações Sociais* “‘A verdade vos tornará livres’ (Jo 8,32). *Fake news e jornalismo de paz*” (24 de janeiro de 2018), n.º 1. (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html)

¹⁴⁹ Francisco, *Mensagem para o XLIX Dia Mundial das Comunicações Sociais* “*Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor*” (23 de janeiro de 2015). (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20150123_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁵⁰ *Ibidem*.

¹⁵¹ Francisco, *Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais* “*Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro*” (24 de janeiro de 2014). (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁵² Cf. Antonio Spadaro, *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo na era da Internet* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012), p. 65.

¹⁵³ Francisco, *Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais* “*Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro*” (24 de janeiro de 2014). (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

comunicação tem como fim predominante induzir ao consumo ou à manipulação das pessoas”¹⁵⁴ também gera agressões.

Por isso, “comunicar significa tomar consciência de que somos humanos, filhos de Deus”¹⁵⁵ e a verdadeira essência do humano é amar, daí que ninguém consegue viver sozinho, fechado em si mesmo, precisa de conexões. Mas estas conexões têm de ser acompanhadas de um encontro verdadeiro, uma conceção defendida pelo Santo Padre também refletida na sua última Exortação Apostólica.¹⁵⁶ As redes sociais criam relações e, “na realidade, muitas pessoas estão a descobrir – graças precisamente a um contacto inicial feito *on-line* – a importância do encontro direto, de experiências de comunidade”¹⁵⁷. Porém, o atual Papa adverte que as mesmas podem agravar o autoisolamento, “como uma teia de aranha capaz de capturar”¹⁵⁸, sendo os adolescentes o isco mais fácil, por estarem “mais expostos à ilusão de que a *social web* possa satisfazê-los completamente a nível relacional, até se chegar ao perigoso fenómeno dos jovens ‘eremitas sociais’, que correm o risco de se alhear totalmente da sociedade. Esta dinâmica dramática manifesta uma grave rutura no tecido relacional da sociedade, uma laceração que não podemos ignorar”¹⁵⁹.

A rede pode, então, ser um lugar rico de humanidade, “não uma rede de fios, mas de pessoas humanas”¹⁶⁰, onde podem surgir “novas relações e formas de comunidade”¹⁶¹. Um lugar que “requer tempo e capacidade de fazer silêncio para escutar”¹⁶², de saber acolher os

¹⁵⁴ *Ibidem*.

¹⁵⁵ *Ibidem*.

¹⁵⁶ Francisco, Exortação Apostólica *Christus Vivit* (Lisboa: Paulus Editora, 25 de março de 2019), n.º 88.

¹⁵⁷ Francisco, *Mensagem para o XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização”* (24 de janeiro de 2013). (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html).

¹⁵⁸ Francisco, *Mensagem para LI Dia Mundial das Comunicações Sociais “‘A verdade vos tornará livres’ (Jo 8,32). Fake news e jornalismo de paz”* (24 de janeiro de 2018). (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁵⁹ Francisco. *Mensagem para LIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “‘Somos membros uns dos outros’ (Ef 4,25). Das comunidades de redes sociais à comunidade humana”*. (24 de janeiro de 2019). (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁶⁰ Francisco, *Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro”* (24 de janeiro de 2014). (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁶¹ Francisco, *Mensagem para o XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização”* (24 de janeiro de 2013). (Consultado em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html).

¹⁶² Francisco, *Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro”* (24 de janeiro de 2014). (Consultado em 3 de maio em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

diferentes, de responsabilidade e empenho pela verdade e pela autenticidade, já que “em última instância a pessoa comunica-se a si mesma”¹⁶³.

De facto, “não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação”¹⁶⁴, mas o envolvimento pessoal de um comunicador e da sua capacidade de se fazer “próximo, com amor, com ternura, de quem encontramos ferido pelo caminho”¹⁶⁵. No fundo, do seu coração e da sua competência de fazer uma boa utilização dos meios ao seu dispor.¹⁶⁶ O acesso à Rede “implica uma responsabilidade pelo outro, que não vemos mas é real, tem a sua dignidade que deve ser respeitada”¹⁶⁷. A consciência da responsabilidade que temos uns para com os outros, inclusivamente no mundo *on – line*.¹⁶⁸

Na Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2015, o Papa Francisco expõe a interdependência dos membros da família porque outros nos precederam, dos quais recebemos as palavras, sendo que podemos usá-las porque as recebemos, podemos dar porque também recebemos. “Somos membros uns dos outros” (Ef 4,25).

Neste sentido, “este circuito virtuoso está no coração da capacidade da família de ser comunicada e de comunicar; e, mais em geral, é o paradigma de toda a comunicação”¹⁶⁹. Para o Santo Padre o ventre materno é a primeira experiência de comunicação, onde têm destaque o contacto corporal e a escuta. Socorrendo-se do episódio bíblico da visita de Maria a sua prima Isabel (Lc 1,39 – 56), onde o menino exulta de alegria ao ouvir a saudação de Maria, Francisco menciona que a comunicação é “como um *diálogo que tece com a linguagem do*

¹⁶³ Francisco, *Mensagem para o XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização”* (24 de janeiro de 2013). (Consultado em 3 de maio em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html).

¹⁶⁴ Francisco, *Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro”* (24 de janeiro de 2014). (Consultado em 3 de maio em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁶⁵ Francisco, *Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro”* (24 de janeiro de 2014). (Consultado em 3 de maio em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁶⁶ Francisco, *Mensagem para o L Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo”* (24 de janeiro de 2016). (Acedido em 3 de maio em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁶⁷ *Ibidem*.

¹⁶⁸ Francisco, *Mensagem para LIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “‘Somos membros uns dos outros’ (Ef 4,25). Das comunidades de redes sociais à comunidade humana”* (24 de janeiro de 2019). (A 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁶⁹ Francisco, *Mensagem para o XLIX Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor”* (23 de janeiro de 2015). (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20150123_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

corpo”¹⁷⁰ e que “exultar pela alegria do encontro é, em certo sentido, o arquétipo e o símbolo de qualquer outra comunicação, que aprendemos ainda antes de chegar ao mundo”¹⁷¹. É neste encontro e proximidade familiar que sobressai a importância da comunicação não-verbal, a capacidade da família de se abraçar, decifrar olhares e silêncios, de rir e chorar juntos.¹⁷²

A primeira “escola”¹⁷³ da comunicação é a família, já que a criança que aprende no contexto familiar a ouvir os outros e a falar de modo respeitoso será, sem dúvida, uma construtora de diálogo, de comunhão e paz.

A comunicação também é misericórdia. No Ano Santo da Misericórdia, Francisco relaciona-a com a comunicação, mencionando que o que se diz e o modo como se diz, as nossas palavras e os nossos gestos, devem ser capazes de expressar a compaixão, a ternura e a misericórdia de Deus para todos. O amor, por sua natureza, é comunicação: leva ao dar-se e não a isolar-se e, como cristãos, somos convocados a comunicar com todos, sem exceção. A comunicação estabelece pontes, favorece o encontro, a inclusão e, “num mundo dividido, fragmentado, polarizado, comunicar com misericórdia significa contribuir para a boa, livre e solidária proximidade entre os filhos de Deus e irmãos em humanidade”¹⁷⁴.

O Santo Padre, nesta Mensagem, foca também um aspeto extremamente importante na comunicação face a face, a capacidade de escuta. Aliás, Bento XVI também aborda este aspeto na Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2012.¹⁷⁵ De facto, a capacidade de escutar o outro é, muitas vezes, um ato misericordioso. Na vida acelerada que caracteriza os dias de hoje, parar para escutar é quase uma excentricidade. Essa capacidade requer proximidade e acolhimento, pois:

“escutar nunca é fácil. Às vezes é mais cómodo fingir-se de surdo. Escutar significa prestar atenção, ter desejo de compreender, dar valor, respeitar, guardar a palavra alheia. Na escuta, consoma-se uma espécie de martírio, um sacrifício de nós mesmos

¹⁷⁰ *Ibidem.*

¹⁷¹ *Ibidem.*

¹⁷² *Ibidem.*

¹⁷³ *Ibidem.*

¹⁷⁴ Francisco, *Mensagem para o L Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo”* (24 de janeiro de 2016). (Acedido em 3 de maio de 2019 em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁷⁵ Bento XVI, *Mensagem para o XLVI Dia Mundial das Comunicações Sociais “Silêncio e palavra: caminho de evangelização”* (24 de janeiro de 2012). (Acedido em 2 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20120124_46th-world-communications-day.html).

em que se renova o gesto sacro realizado por Moisés diante da sarça-ardente: descalçar as sandálias na ‘terra santa’ do encontro com o outro que me fala (cf. *Ex 3, 5*)”¹⁷⁶.

A escuta recíproca, o diálogo sincero e verdadeiro, o uso responsável da linguagem, uma comunicação construtiva são aspetos essenciais do nosso ser-em-relação. E “em virtude de termos sido criados à imagem e semelhança de Deus, que é comunhão e comunicação-de-Si, trazemos sempre no coração a nostalgia de viver em comunhão, de pertencer a uma comunidade”¹⁷⁷. Assim, apesar dos inúmeros desafios que se colocam hoje à comunicação face a face, somos todos convidados a “investir nas relações, a afirmar – também na rede e através da rede – o carácter interpessoal da nossa humanidade”¹⁷⁸.

A utilização da Rede deve ser complementar ao encontro em carne e osso, como menciona Francisco, “vivido através do corpo, do coração, dos olhos, da contemplação, da respiração do outro”¹⁷⁹, funcionando como um recurso para a comunhão e reabrindo o caminho ao diálogo, ao encontro, ao sorriso, ao carinho.¹⁸⁰

Após uma exposição sobre os pontos de contacto das Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais dos Santos Padres com a comunicação face a face, converge-se agora para uma concetualização sobre os adolescentes.

¹⁷⁶ *Ibidem.*

¹⁷⁷ Francisco, *Mensagem para LIII Dia Mundial das Comunicações Sociais* “‘Somos membros uns dos outros’ (*Ef 4,25*). *Das comunidades de redes sociais à comunidade humana*” (24 de janeiro de 2019). (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁷⁸ *Ibidem.*

¹⁷⁹ *Ibidem.*

¹⁸⁰ *Ibidem.*

3. A comunicação face a face no desenvolvimento do adolescente

Os adolescentes constituem o público-alvo deste Relatório, sendo que se torna de extrema importância conhecer as características deste período da vida para se adequar a prática letiva e o processo de ensino-aprendizagem.

3.1. Ser adolescente hoje

A adolescência deriva da palavra latina *adolescere* que significa ‘crescer’, ‘amadurecer’, atingir a maturidade, pelo que se relaciona com o crescimento e o desenvolvimento da pessoa, nas suas diversas vertentes física, psicológica, intelectual, social, moral e espiritual.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a adolescência é o período de transição entre a infância e a idade adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social. Enquanto o início da adolescência está associado ao início da puberdade, o seu fim não é tão evidente mas determina-se que termina quando o adolescente consegue alcançar a sua independência.¹⁸¹

Para esta Organização, a adolescência compreende o período entre os 10 e os 19 anos de idade, desencadeado por mudanças corporais, fisiológicas e psicológicas. Contudo, esta categorização não deixa de ser arbitrária, na medida em que existem “existem oscilações deste período etário impostas pelas diferenças entre os sexos, etnias, meios geográficos, condições socioeconómicas e culturais”¹⁸². Aliás, Pierre Bourdieu refere que as divisões entre as idades são arbitrárias.¹⁸³ Tal também se prende com o facto de “por via da hiperestimulação própria da nossa cultura, os efeitos próprios da adolescência têm sido antecipados. A multiplicação de possibilidades comunicativas, a disseminação de culturas visuais, a dilatação do tempo ‘entre- eles’, são fatores decisivos nessa experiência de antecipação. O resultado é a amálgama

¹⁸¹ World Health Organization. “Young People’s Health - a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All”. *Technical Report Series 731*, (Geneva: WHO, 1986), p.11. (Acedido a 16 de maio de 2019 em https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/41720/WHO_TRS_731.pdf?sequence=1&isAllowed=y).

¹⁸² Manuela Ferreira e Paula Batista Nelas, “Adolescências... adolescentes...”, *Millenium*, n.º 32 (fevereiro de 2006), p.14.

¹⁸³ Pierre Bourdieu, *Questões de Sociologia* (Lisboa: Fim de Século - Edições, 2003), p. 151.

provocada pelas velocidades diferentes dos diferentes níveis da construção da sua identidade”¹⁸⁴.

Além disso, existem diferenças no desenvolvimento entre os sexos, como escreve Maria do Céu Machado:

“Dos 10 aos 14 anos, a rapariga cresce e toma formas femininas, olha com frequência para o espelho (o que inclui todas as montras das lojas e superfícies espelhadas), esvoaça em bandos aos risos, com evidente cumplicidade, troca confidências, aprende a má-língua, descobre que os rapazes existem e, quando se zanga é a sério.

O rapaz da mesma idade, por seu lado, joga furiosamente futebol ou outros desportos de equipa, é amigo de outros rapazes, com os quais se envolve numa luta física que se assemelha a violência mas não tem esse significado. Discute em grupo, desportos e jogos da play-station, e sente-se intimidado pelas raparigas, que procura evitar”¹⁸⁵.

Ora, face ao exposto, denota-se, assim, que existem diferenças nos interesses e nas atividades dos adolescentes consoante o sexo. Além disso, neste período, no que concerne à socialização, as atitudes de pares e do grupo de amigos prevalecem sobre a família. “O adolescente gosta de relações de grupo e tende para elas”¹⁸⁶. A identificação deixa de ser com os pais e o grupo de amigos assume preponderância, possibilitando um jogo de identificações e a partilha de segredos e experiências substanciais para o desenvolvimento da personalidade.¹⁸⁷ Os meios tecnológicos vieram favorecer a valorização do grupo pelos adolescentes, ao lhes permitirem estarem sempre em contacto.

Não obstante, os meios de comunicação social têm um poder inquestionável e uma forte influência na sociedade de hoje, ditando tendências. E quanto maior a presença dos meios de comunicação em casa, menor é a intensidade da comunicação face a face entre os membros do grupo familiar, aumentando assim a incomunicação pessoal.

A família é a primeira escola da comunicação, onde:

¹⁸⁴ Alfredo Teixeira, “A adolescência e a juventude como culturas. Os quadros sociais da experiência crente”, *Theologica*, n.º 47, (2012), p.47.

¹⁸⁵ Maria do Céu Machado, *Adolescentes* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015), p. 22.

¹⁸⁶ Guy Avanzini, *O Tempo da Adolescência* (Lisboa: Edições 70, 1980), p. 113.

¹⁸⁷ Cf. Ernestina Silva, Daniel Silva e Suzana André, “A pequena sereia: arquétipo da adolescência”, *Millenium*, n.º 31 (maio de 2005), p. 94-99.

“os meios mais modernos de hoje, irrenunciáveis sobretudo para os mais jovens, *tanto podem dificultar como ajudar* a comunicação em família e entre as famílias. Podem-na *dificultar*, se se tornam uma forma de se subtrair à escuta, de se isolar apesar da presença física, de saturar todo o momento de silêncio e de espera (...); e podem-na *favorecer*, se ajudam a narrar e compartilhar, a permanecer em contacto com os de longe, a agradecer e pedir perdão, a tornar possível sem cessar o encontro”¹⁸⁸.

Convivemos, hoje, com aqueles a quem apelidaram de nativos digitais, e eis a mudança do ser que nos fala Camões: “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser, muda-se a confiança: todo o mundo é composto de mudança”. Os nativos digitais são, então, seres que já nascem a saber utilizar as novas tecnologias e num mundo de realidade dupla: a física e a digital. E que as articula, sem dificuldade, como se a realidade real fosse o prolongamento da virtual e vice-versa.¹⁸⁹ Marc Prensky é o autor da definição de nativos digitais.¹⁹⁰ Para esta geração, a forma de pensar, de sentir e de ser está irremediavelmente alterada. Os nativos digitais crescem com os telemóveis e com brinquedos que litigam amor.¹⁹¹ Bento XVI também aborda esta geração na Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2009: “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade”¹⁹².

Para Antonio Spadaro, “um dos maiores desafios, especialmente para os que não são ‘nativos digitais’, é o de não perceber a rede como uma realidade paralela, isto é, separada em relação à vida de todos os dias, mas um espaço antropológico interligado radicalmente com os outros da nossa vida. (...) Os media digitais não são portas de saída da realidade, mas uma

¹⁸⁸ Francisco, *Mensagem para o XLIX Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor”* (23 de janeiro de 2015). (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20150123_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

¹⁸⁹ “A Lição dos Nativos Digitais”, *Diário de Notícias* (31 de maio de 2013). (Disponível em <https://www.dn.pt/revistas/nm/interior/a-licao-dos-nativos-digitais-3249894.html>, a 12 de abril de 2019).

¹⁹⁰ Leo Branco, “O professor deve ser um mentor”, *Revista Exame* (14 dezembro de 2017). (Disponível em <https://exame.abril.com.br/revista-exame/o-professor-deve-ser-um-mentor/>, a 16 de maio de 2019).

¹⁹¹ Sherry Turkle, *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other* (New York: Basic Books, 2012), p. xii.

¹⁹² Cf. Bento XVI, *Mensagem para o XLIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade”* (24 de janeiro de 2009). (Consultado em 2 de maio de 2019 em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html).

espécie de ‘próteses’, extensões capazes de enriquecer a nossa capacidade de viver as relações e trocar informações”¹⁹³.

O mais preocupante é que cresce o número de pessoas, especialmente entre as crianças e os jovens, a quem preocupa mais o mundo criado pelos meios de comunicação que o mundo real. João Duque refere que “assistimos à transformação da realidade real – incluindo o seu lado duro e inaceitável – em realidade virtual (constatamos aquilo a que poderia chamar-se a ‘morte da realidade’). Esta ‘virtualização’, por seu turno, não permite que sejam vistos os aspetos incómodos da realidade, reduzindo assim a capacidade de visão do próprio *homo videns*”¹⁹⁴. Ora, tal constatação acarreta algumas preocupações com o futuro das próximas gerações. Muitos adolescentes vivem hoje atulhados em novas tecnologias, com o rosto no ecrã, não tendo uma plena consciência dos problemas que os rodeiam, pelo que se torna premente sensibilizá-los para a transformação desta sociedade, onde o primado da pessoa humana deverá vigorar. É importante, como refere o Papa Francisco, “neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos”¹⁹⁵.

O Papa apela ainda, evidenciando a sua apologia na cultura do encontro e numa clara alusão ao “armário” em que permanecem muitos adolescentes, para que:

“nunca percais o prazer de gozar do encontro, da amizade, o prazer de sonhar juntos, de caminhar com os outros. Os cristãos autênticos não têm medo de se abrir aos outros, de compartilhar os seus espaços vitais transformando-os em espaços de fraternidade. Não deixeis, queridos jovens, que os fulgores da juventude se apaguem na escuridão duma sala fechada, onde a única janela para olhar o mundo seja a do computador e do *smartphone*. Abri de par em par as portas da vossa vida! Os vossos espaços e tempos sejam habitados por pessoas concretas, relações profundas, que vos deem a possibilidade de compartilhar experiências autênticas e reais no vosso dia-a-dia”¹⁹⁶.

¹⁹³ Antonio Spadaro, *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo na era da Internet* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012), p. 18.

¹⁹⁴ João Manuel Duque, “Utopias neognósticas do pós-humano na cibercultura. Para uma leitura filosófico-teológica”, *Perspetiva Teológica*, v. 48 (jan./abr. 2016), p.171.

¹⁹⁵ Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (Lisboa: Paulus Editora, 24 de novembro de 2013), n.º 87.

¹⁹⁶ Francisco, *Mensagem para a XXXIII Jornada Mundial da Juventude* (11 de fevereiro de 2018). (Disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20180211_messaggio-giovani_2018.html).

De facto, hoje é possível navegar ao mesmo tempo em dois ou três visores e interagir simultaneamente em diferentes cenários virtuais, pelo que Francisco refere que é necessário os adolescentes terem uma boa capacidade de discernimento, para que não se tornem meras marionetas, à mercê das tendências do momento.¹⁹⁷ Assim, o seguinte ponto é dedicado a esta “idade do armário” e a todas as suas características.

3.2. *A problemática da “idade do armário” e as dificuldades na comunicação face a face*

O ser humano é um ser em construção, que nasce inserido numa determinada comunidade, e que se desenvolve na família, no grupo de amigos, na escola, no local de trabalho e nos vários contextos com os quais contacta. À medida das relações que vai estabelecendo com os outros, o ser humano vai-se desenvolvendo.

A relação face a face nos níveis primários do grupo familiar constitui um dos fatores decisivos no processo de socialização, e é de extrema importância para o desenvolvimento da capacidade empática.

Este período é comumente designado por “idade do armário”, isto porque o relacionamento com os pais altera-se, verificando-se uma importância crescente dos amigos, e os adolescentes amuavam e trancavam-se no quarto, que assemelhar-se-ia a uma espécie de ‘armário’. Mas se antes se fechavam a ler, “agora no quarto têm televisão e computador (ou *tablet*), telemóvel e enviam e recebem SMS infundáveis aos amigos. Quando instados ao diálogo pelos pais, dão respostas abruptas, desagradáveis, por vezes, insolentes”¹⁹⁸. De facto, as novas tecnologias alteraram a forma de nos relacionarmos, pensarmos e comunicarmos.

Alfredo Teixeira refere que “muita da presença do adolescente no habitat familiar é uma copresença: é ele e as suas relações (no ecrã, no telemóvel, etc.). Todos os estudos mostram que os adolescentes passam cada vez mais tempo ‘entre eles’ e cada vez menos num quadro de interação familiar”¹⁹⁹. É o mundo aut centrado dos adolescentes.

De facto, os adolescentes comunicam melhor entre os pares do que com a família, utilizando uma linguagem própria, com calão e jargões, uma espécie de código e apenas

¹⁹⁷ Cf. Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (Lisboa: Paulus Editora, 19 de março de 2018), n.º 167.

¹⁹⁸ Maria do Céu Machado, *Adolescentes* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015), p. 49.

¹⁹⁹ Alfredo Teixeira, “A adolescência e a juventude como culturas. Os quadros sociais da experiência crente”, *Theologica*, n.º 47 (2012), p. 104.

perceptível entre eles, numa clara exclusão dos adultos. Além disso, as raparigas “comunicam de forma aparentemente mais íntima, partilhando emoções e experiências. Os rapazes são menos diretos, mais distantes, preferindo discutir assuntos neutros como desportos ou música. E utilizam mais a linguagem não-verbal, em gestos agressivos e lutas físicas embora de propósito não violento”²⁰⁰.

Tal constitui o que se pode designar por cultura adolescente, como salienta Alfredo Teixeira, partindo da identificação dos traços caracterizadores que configuram uma “determinada imagem de si, uma certa relação com o mundo e uma forma de construir o vínculo social”²⁰¹.

Para tal, o autor estabelece eixos de análise, sendo o primeiro o efeito da precocidade, na medida em que efeitos particulares da adolescência são antecipados devido à hiperestimulação própria da nossa cultura. Alfredo Teixeira menciona que “a multiplicação de possibilidades comunicativas, a disseminação de culturas visuais, a dilatação do tempo ‘entre eles’, são fatores decisivos nessa experiência de antecipação”²⁰².

Outro eixo de análise é a valorização da imagem de si, ou seja, é imperativo ter um estilo, já que a construção da identidade, quer a individual, quer a grupal, faz-se pela identificação com um estilo: a postura, o tipo de roupa, os gostos, as expressões. Muitas vezes, este estilo é construído através da cultura de massas, onde as redes sociais desempenham um papel fundamental de propagação dessa cultura. Sem um estilo, nas relações que estabelece, o adolescente expõe-se ao ridículo, pois, paradoxalmente, como menciona Alfredo Teixeira, é preciso ser-se como os outros para afirmar a sua identidade individual.

Este estilo, traço marcante da identidade, contribui para que os adolescentes possuam uma sociabilidade específica, que se constitui numa cultura relacional, sendo esta o terceiro eixo de análise estabelecido pelo autor. O grupo de amigos e as relações entre pares são hipervalorizadas pelos adolescentes, as quais se sustentam com narrativas comuns, sendo mais importante “estar com” do que “fazer com”. Assim, “trata-se de uma sociabilidade performativa, narrativa, contínua e em rede”²⁰³. Para estas novas características da adolescência muito contribuíram as atuais tecnologias, nomeadamente com a sua

²⁰⁰ Maria do Céu Machado, *Adolescentes* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015), p. 83.

²⁰¹ Alfredo Teixeira, “A adolescência e a juventude como culturas. Os quadros sociais da experiência crente”, *Theologica*, n.º 47 (2012), p. 100.

²⁰² *Ibidem*.

²⁰³ *Ibidem*, p. 102.

miniaturização e portabilidade, que vieram permitir relações “ininterruptas” entre os adolescentes, estando sempre “on”.²⁰⁴

Gastão Veloso traça um cenário da adolescência muito atual salientando que, para além da família, o mundo mediático impõe-se na vida dos adolescentes. Estes “vivem ora num ambiente pequeno e fechado formado pelo ciclo familiar ora completamente ‘sós’, entregues a si próprios e absorvidos em mecanismos de pura virtualização, num processo comunicativo que não está mais assente numa relação de proximidade física, mas pelo contrário, é realizado à distância, na mediação feita por meios técnicos”²⁰⁵. Hoje, os adolescentes também convivem com o ideal cultural do mundo industrializado ocidental que é o indivíduo *self-made*, autossuficiente e autónomo, que se vale a si próprio.²⁰⁶ João Duque chama-lhe o “individualismo da autorrealização”, que “dificulta a capacidade de doação – ao cônjuge ou aos filhos – comprometendo seriamente a relação com o presente mas também com as gerações futuras”²⁰⁷.

Ora, esta cultura perpassa as gerações mais novas, as quais crescem no âmbito de relações inter-humanas mais fragilizadas. Isto porque o mundo mediático produz o efeito cuja tendência é:

“para anular a comunicação entre os próximos, base das relações familiares, transferindo-a para a simulação da comunicação à distância. Ao mesmo tempo, criam-se outras imagens do mundo, em grande parte pouco realistas, mas muito marcantes para as gerações mais jovens. A ilusão do mundo perfeito, sem as exigências e os incómodos das relações reais, tornam as pessoas progressivamente incapazes de uma relação real. Pais e filhos, irmãos, avós, netos – tudo isso tem tendência para ser tolerado apenas virtualmente. Famílias reais já parecem não satisfazer os imensos desejos dos nossos contemporâneos”²⁰⁸.

Tal cenário faz da escola e da educação algo de extremamente importante, abordando conteúdos que ajudem os alunos a romper com ele e a sermos assim otimistas como António Damásio quando este indica que “o melhor que se pode dizer é que pode ser que as pessoas se cansem da ideia disparatada de estarem a guiar uma trotinete elétrica e a ler o *e-mail* ao

²⁰⁴ *Ibidem*.

²⁰⁵ Gastão Veloso, “Algumas imagens da vida e da religião dos adolescentes”, *Theologica*, n.º 42, (2007), p.78.

²⁰⁶ Albert Nolan, *Jesus Hoje. Uma Espiritualidade de Liberdade Radical* (Prior Velho: Editora Paulinas, 2008), p.41.

²⁰⁷ João Duque, “Família cristã - que futuro?”, *Biblica*, 23, (2014), p.116.

²⁰⁸ *Ibidem*.

mesmo tempo²⁰⁹. Pode ser então que as famílias acautelem mais tempo para se encontrarem, para redescobrirem a importância da proximidade, do sorriso, da escuta, do diálogo, dos silêncios, do amor e da comunhão.

Síntese

O ser humano é um ser em relação, um ser social, que não vive sem comunicar. A comunicação é, assim, o modo de entrar em relação com os outros, de trocar ideias e experiências. Todavia, definir o conceito de comunicação é uma tarefa difícil, perante as múltiplas formas de comunicação humana, pelo que se limitou o seu âmbito à comunicação face a face. Esta é um modo de interação em que os interlocutores estão presentes, fisicamente, um diante do outro ou outros.

A forma como cada um comunica dita o seu sucesso ou promove experiências de incomunicação e solidão, sendo que o fim último da comunicação é a comunhão. Assim sendo, é preciso superar dificuldades e obstáculos para que a comunicação se produza, impondo-se alguns cuidados por parte dos interlocutores na transmissão das informações, já que é impossível não comunicar. Como tal, para uma comunicação eficaz é necessário uma sintonia entre a linguagem verbal e a não-verbal.

A comunicação face a face caracteriza-se por uma riqueza de expressões corporais, sensoriais e faciais que a tecnologia não consegue abranger. O silêncio, a escuta e a autenticidade são aspetos essenciais na comunicação face a face que na comunicação mediada por uma tecnologia não têm o mesmo impacto ou perceção.

A realidade digital trouxe inúmeros desafios à comunicação face a face, desde logo o efeito individualista no uso do dispositivo tecnológico que obsta à vivência presencial, com alterações na noção de tempo e de espaço, sobre a compreensão de si, do próximo e da perceção do mundo. Uma utilização intensa da internet está relacionada com níveis mais altos de solidão e o tempo dedicado às relações virtuais retira tempo para interações face a face. Ainda nesta realidade, a matriz preponderante das relações passou a ser o proveito individual, isto é, as pessoas utilizam as ‘redes’ enquanto corresponderem à satisfação das suas expectativas. Se já não estão satisfeitas com a sua atividade é colocado ao critério da sua vontade o propósito de perdurar ou desistir da pertença a essa ‘rede’.

²⁰⁹ Valdemar Cruz, “Entrevista a António Damásio – Neurocientista professor na Universidade de Southern California”, *Jornal Expresso*, (8 de junho de 2019), p. 23.

Por tal, a comunicação face a face deverá constituir-se como uma oportunidade para uma conexão significativa entre as pessoas, alicerçando a construção de relações de comunhão em tempo, presença física e conhecimento direto.

Para estabelecer esta comunhão, a empatia é uma habilidade que assume um lugar de destaque na promoção de relações harmoniosas e saudáveis entre as pessoas. Ela gera um modo de sintonia com o outro, através do colocar-se no seu lugar e tentar compreender o que ele sentiria numa determinada situação. Porém, a cultura digital coloca alguns obstáculos ao desenvolvimento desta habilidade, por parte dos adolescentes, pela presença contínua nos ecrãs. Ora, a escola deve permitir anular este défice empático, com uma proposta educativa para uma utilização salutar e responsável das novas tecnologias.

Tal constitui um dos apelos dos Papas Bento XVI e Francisco para uma utilização responsável das novas tecnologias, que devem possibilitar o encontro presencial e a comunicação face a face, com qualidade. Aquelas devem ser postas ao serviço do bem integral da pessoa e em prol da humanidade, visando a comunicação, a comunhão e a cooperação. A cultura do encontro é a que deve orientar a utilização da ‘rede’.

Todas estas questões são pertinentes e devem ser transmitidas aos adolescentes, para que, nesta fase da vida, possam discernir melhor sobre o que desejam tornar-se. Os nativos digitais defrontam-se com novos desafios com a miniaturização e portabilidade dos *gadgets*, permitindo-lhes estar sempre *on*, alterando as características da sociabilidade e de comunicação. A escola e, no seu âmbito, a disciplina de EMRC, são o contexto adequado para permitir que os adolescentes encontrem respostas para os desafios inerentes a uma comunicação saudável e eficaz.

Ora, por tudo o exposto e porque se valoriza a cultura do encontro, preconizada pelo Papa Francisco, valoriza-se o cuidado com o outro e, se pensar em educar é sempre propor o que se valoriza na vida, o que se pretende comunicar às gerações mais jovens,²¹⁰ tal foi o que norteou toda a ação no âmbito da PES e que se expressa na segunda parte deste Relatório.

²¹⁰ Cf. José Tavares, *Uma Sociedade que Aprende e se Desenvolve: Relações Interpessoais* (Porto: Porto Editora, 1996), p. 15.

PARTE II – O PAPEL DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA NA PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS ADOLESCENTES

Alicerçada no referencial teórico da Primeira Parte, nesta Parte visa-se apresentar a importância da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no espaço escolar como essencial ao desenvolvimento integral dos adolescentes. Neste sentido, traça-se o contributo da disciplina para um íntegro crescimento dos alunos e as especificidades da sua docência. Além disso, contextualiza-se a lecionação da Prática de Ensino Supervisionada, com a caracterização da Escola e a turma, a planificação da Unidade Letiva e a avaliação de todo o percurso efetuado.

1. A EMRC e o seu contributo para o desenvolvimento integral dos alunos

A educação é a missão fundamental da escola e da sociedade, já que dela deriva o desenvolvimento harmonioso e integral das gerações futuras. A escola é, desta forma, uma organização que não nos pode deixar indiferentes, considerando que ela deve ser um lugar de abertura ao transcendente e aos outros, um lugar de diálogo, coesão e escuta, onde as crianças e os adolescentes se sintam valorizados nas suas capacidades e riquezas interiores e aprendam a viver com os outros.²¹¹

Neste sentido, a dimensão religiosa constitui-se como uma dimensão da pessoa humana e, como tal, a educação que não leve em consideração esta dimensão será uma educação deficitária. Ela é parte integrante da pessoa, é abertura à alteridade e ao mistério que preside cada relação e cada encontro entre os seres humanos.²¹²

A educação religiosa assume-se, assim, como um fator insubstituível no desenvolvimento integral dos alunos, pelo que sem a disciplina de EMRC, “os alunos estariam privados de um elemento essencial para a sua formação e desenvolvimento pessoal, que os ajuda a atingir uma harmonia vital entre a fé e a cultura. A formação moral e a educação religiosa favorecem também o desenvolvimento da responsabilidade pessoal e

²¹¹ Cf. Bento XVI, Mensagem do Papa para a Celebração do XLV Dia Mundial da Paz, *Educar os Jovens para a justiça e a paz* (01 de janeiro de 2012), n.º 2. (Acedido em 23 de abril de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20111208_xlv-world-day-peace.html).

²¹² Bento XVI, *Discurso do Papa Bento XVI aos Professores de Religião Católica nas Escolas Italianas* (25 de Abril de 2009). (Acedido em 1 de julho de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20090425_insegnanti-religione.html).

social e demais virtudes cívicas, e constituem então um relevante contributo para o bem comum da sociedade”²¹³.

Na mesma linha, Bento XVI refere que é graças ao ensinamento da religião católica, que “a escola e a sociedade enriquecem-se de verdadeiros laboratórios de cultura e de humanidade, nos quais, decifrando a contribuição do cristianismo, habilita-se a pessoa a descobrir o bem e a crescer na responsabilidade, a procurar o confronto e a apurar o sentido crítico, a inspirar-se nos dons do passado para compreender melhor o presente e projetar-se conscientemente para o futuro”²¹⁴.

De facto, a escola desempenha, hoje, um papel decisivo na transformação dos indivíduos e das suas atitudes.²¹⁵ É nela que as crianças e adolescentes passam uma grande parte do seu tempo, sendo que a educação dos alunos, independentemente da sua origem social, deve orientar-se para formar pessoas não só cultas, mas que tenham também uma forte personalidade de acordo com as necessidades do nosso tempo.²¹⁶

Neste sentido, a disciplina de EMRC, ao integrar os diversos currículos escolares, desde o 1.º ao 12.º ano de escolaridade, representa um valioso contributo para a formação desta forte personalidade. Sem os fundamentos e os valores transmitidos pela disciplina, “a vida perde horizontes, confina-se ao imediatismo das situações quotidianas, torna-se efémera e conduz a uma sociedade vazia de sentido”²¹⁷. Além disso, “no mundo, o ser humano não se contenta com existir sem se colocar questões sobre si mesmo, sobre o mundo que o rodeia e onde habita e sobre o sentido da sua vida”²¹⁸, pelo que a disciplina de EMRC contribui para a procura de respostas a estas questões. Para tal, muito contribuem os docentes de EMRC, cujo trabalho letivo se pauta por determinadas especificidades e de que versa o seguinte ponto.

²¹³ João Paulo II, *Carta Circular n. 520/2009 aos Presidentes das Conferências Episcopais sobre o Ensino da Religião na Escola* (5 de maio de 2009), n.º 10. (Acedido a 1 de julho de 2019 em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20090505_circ-insegn-relig_po.html).

²¹⁴ Bento XVI, *Discurso do Papa Bento XVI aos Professores de Religião Católica nas Escolas Italianas, Sala Paulo VI (25 de Abril de 2009)*. (Acedido em 1 de julho de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20090425_insegnanti-religione.html).

²¹⁵ Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta Pastoral Educação, Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, (Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002), n.º 18.

²¹⁶ Vaticano II, “Gaudium et Spes”, *Documentos Conciliares – Constituições, decretos e declarações* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, Lda., 1998), n.º 31.

²¹⁷ Conferência Episcopal Portuguesa, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade”, *Pastoral Catequética*, n.º 5, Ano 2 (Lisboa: SNEC, Maio-Agosto 2006), p. 4.

²¹⁸ Isabel Varanda, “Nem acaso, nem necessidade. O jogo como metáfora da Criação”, *Disdaskalia XXXVII*, (2007), p. 145.

2. As especificidades da docência de EMRC

A missão da escola não é apenas instruir com a mera transmissão de conteúdos curriculares mas também de estimular e socializar, constituindo-se como um espaço norteado por valores intrínsecos à dignidade de cada ser humano, visando a integração saudável do mesmo na sociedade em que vive.²¹⁹ Ora, tal missão constitui um desafio, ao qual o professor de EMRC deve estar preparado para responder à altura e procurar levar inovação e criatividade para o habitat escolar.

Um professor deve ser um bom teórico mas também tem de se adaptar a cada contexto/turma e aplicar estratégias específicas consoante as mesmas. Tal constitui, então, um triplo desafio para o professor com a conjugação das dimensões científica, pedagógica e relacional.²²⁰ Na escola educa-se por meio dos conteúdos letivos mas também muito pelo exemplo dos professores.²²¹

Como refere o Papa Francisco, no Discurso aos Participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica, “o terreno da educação é um grande canteiro aberto”²²², pelo que o docente de EMRC deverá possuir competências científicas, pedagógicas, relacionais e espirituais indispensáveis para um bom desempenho profissional. Isto porque é bela e de grande responsabilidade a vocação de todos aqueles que têm o dever de educar nas escolas, já que a mesma exige especiais qualidades de inteligência e de coração, uma preparação esmeradíssima e uma vontade sempre pronta à renovação e adaptação.²²³ Como tal, para uma prática pautada pelo profissionalismo, o professor de EMRC precisa de investir na sua formação permanente.

“Os professores são os primeiros que devem permanecer abertos à realidade com a mente sempre aberta para aprender! Pois, se um professor não está aberto para aprender, não é um bom professor, e nem sequer é interessante; os jovens compreendem, ‘farejam’, e são atraídos pelos professores que têm um pensamento aberto, ‘incompleto’, que procuram ‘um

²¹⁹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade”, *Pastoral Catequética*, n.º 5, Ano 2 (Lisboa: SNEC, Maio-Agosto 2006).

²²⁰ Cf. Richard Arends, *Aprender a Ensinar* (Lisboa: McGraw-Hill, 1999).

²²¹ Cf. Maria do Céu Machado, *Adolescentes* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015), p. 66.

²²² Francisco, *Discurso aos Participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica* (13 de fevereiro de 2014). (Acedido a 1 de julho de 2019 em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140213_congregazione-educazione-cattolica.html).

²²³ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Declaração Gravissimum Educationis* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999), n.º 5.

mais', e assim contagiam os estudantes com esta atitude"²²⁴. Tal é um requisito que o docente de EMRC deve ter, mantendo sempre a vontade de querer saber sempre mais, para uma prática constantemente renovada e inovadora.

De facto, a disciplina de EMRC enfrenta algumas dificuldades e resistências e, muitas vezes, o carisma e o profissionalismo do professor é o que prevalece para o reconhecimento do valor da disciplina no currículo dos alunos.²²⁵ Para apreender os conteúdos letivos, um manual e um computador satisfazem essa exigência, “mas para entender como se ama, compreender quais são os valores e os hábitos que criam harmonia na sociedade, é necessário um bom professor”²²⁶. Assim, a qualidade do processo de ensino-aprendizagem sofre também influência das relações interpessoais que se estabelecem.²²⁷

Ora, tudo o referido espelha as especificidades de ser docente de EMRC, às quais se acrescentam ainda características como a alegria e o sentido de humor, a paciência, a mansidão, a ousadia e ardor,²²⁸ e muita criatividade, tão necessárias à docência de EMRC.

3. Contextualização da Lecionação da Prática de Ensino Supervisionada

Após se ter apresentado a pertinência da disciplina EMRC na Escola e da docência de EMRC, a atenção centra-se agora na prática letiva desenvolvida na turma B, do 6.º ano de escolaridade, do Agrupamento de Escolas de Mundão, sob a orientação científica da Prof.^a Doutora Isabel Varanda e do orientador cooperante Dr. António Clemente.

Assim, segue-se a caracterização da Escola e da turma na qual foi realizada a PES.

²²⁴ Francisco, *Discurso aos estudantes e professores das Escolas Italianas* (10 de maio de 2014). (Acedido em 1 de julho de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140510_mondo-della-scuola.html).

²²⁵ Conferência Episcopal Portuguesa, “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade”, *Pastoral Catequética*, n.º 5, Ano 2, (Lisboa: SNEC, Maio-Agosto 2006), n.º 4.

²²⁶ Francisco, *Discurso à União Católica Italiana de Professores, Dirigentes, Educadores e Formadores* (14 de maio de 2015). (Acedido em 1 de julho de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/march/documents/papa-francesco_20150314_uciim.html).

²²⁷ José Tavares, *Uma Sociedade que Aprende e se Desenvolve: Relações Interpessoais* (Porto: Porto Editora, 1996).

²²⁸ Cf. Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate* (Lisboa: Paulus Editora, 19 de março de 2018).

3.1. Caracterização do Agrupamento de Escolas de Mundão

O Agrupamento de Escolas de Mundão integra a rede pública escolar do distrito de Viseu, que agrupa escolas desde o pré-escolar até ao 3.º Ciclo do Ensino Básico, encontrando-se localizado na freguesia de Mundão, a 8 km da sede de Concelho. Tem a sede na Escola Básica 2,3 de Mundão e iniciou a sua atividade em 1995, abrangendo sobretudo seis freguesias da zona norte do concelho:



Figura n.º 1: Agrupamento de Escolas de Mundão

Mundão, Cavernães, S. Pedro de France, União de freguesias Barreiros/ Cepões, Côta e Rio de Loba. Desde o ano letivo 2009/2010 é uma escola que integra o programa dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP).

Presentemente tem 12 turmas, estando também incluído um curso de Educação e Formação, perfazendo um total de 430 alunos, no ano letivo de 2018/2019, registando-se uma tendência de decréscimo do número de alunos face a anos anteriores.

O Agrupamento situa-se num meio envolvente se, por um lado, bastante industrial, já que na freguesia de Mundão se situa o Parque Empresarial de Mundão, por outro, marcadamente rural, sendo que a maioria dos alunos que o constituem vem de um estrato socioeconómico médio e médio baixo, com dificuldades de acesso à cultura e ao desporto.²²⁹ Por tal, a escola tem vindo a desenvolver estratégias que permitem um verdadeiro desenvolvimento de todas as competências fundamentais à formação integral dos alunos.²³⁰ Aliada a estas estratégias o Agrupamento rege-se, ainda, por valores como: o trabalho, o empenho, a inclusão, a cooperação, o respeito, a responsabilidade e a familiaridade.

No que concerne à disciplina de EMRC, a mesma está bem arraigada na Escola, com um lugar claramente definido, para o qual, sem dúvida, muito contribui o grupo disciplinar docente composto por dois professores do quadro, com a maioria dos alunos inscritos na Disciplina.

²²⁹ Agrupamento de Escolas de Mundão, *Projeto Educativo 2017 – 2021* (Mundão: 20 de fevereiro de 2018), p.7.

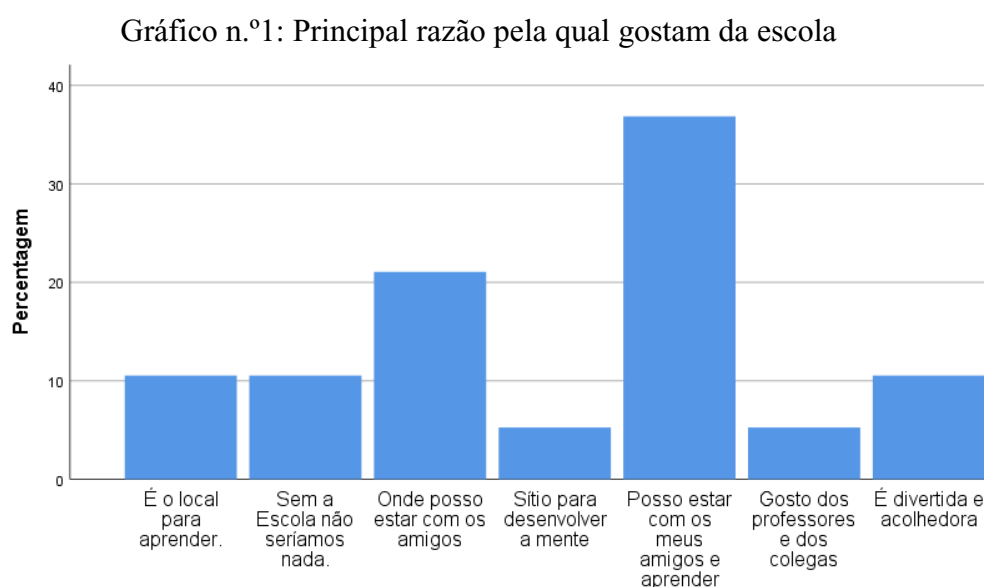
²³⁰ *Ibidem*.

3.2. Caracterização da Turma B, do 6.º ano de escolaridade da Prática de Ensino Supervisionada

A Prática de Ensino Supervisionada foi desenvolvida na turma B, do 6.º ano de escolaridade da Escola Básica 2,3 de Mundão. A turma é constituída por 20 alunos, sendo que uma aluna não frequenta as aulas de EMRC por professar outra confissão religiosa. Assim, num total de 19 alunos, a turma encontra-se, em termos de género, equitativamente distribuída, sendo 9 alunos do sexo masculino e 10 alunos do sexo feminino. A maioria tem 11 anos de idade, havendo dois alunos com 13 anos e um com 12, por apresentarem retenções no 1.º ciclo do ensino básico. É uma turma empenhada, com bons resultados escolares, caracterizando-se ainda por uma boa participação nas Atividades Extracurriculares da Escola.

Ora, para executar uma boa planificação da Unidade Letiva emerge a necessidade de mergulhar na particularidade de uma realidade empírica, como defende Pierre Bourdieu.²³¹ Assim, procedeu-se à administração de um inquérito por questionário (Cf. Anexo 1) de modo a efetuar uma caracterização da turma do 6.º B e adequar o processo de ensino-aprendizagem.

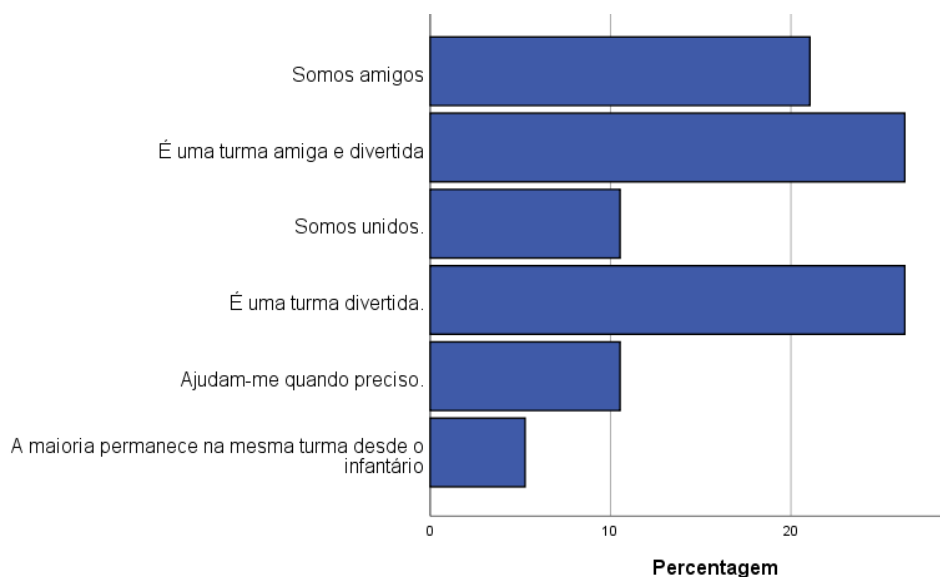
Neste sentido, quando questionados sobre se gostam de frequentar a escola, todos os alunos respondem afirmativamente, sendo a principal razão apontada o facto de no mesmo local poderem aliar a aprendizagem e o estar com os amigos, sobressaindo aqui a questão da convivialidade associada à adolescência.



²³¹ Cf. Pierre Bourdieu, *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação* (Oeiras: Celta Editora, 1997).

Quando consultados sobre se gostavam da sua turma também todos os alunos assinalaram que sim, essencialmente por ser uma turma divertida, amiga e unida, sendo que a maior parte dos alunos permanecem juntos desde o Jardim de Infância. Daqui ressalva que todos se sentem acolhidos e integrados na escola e na turma.

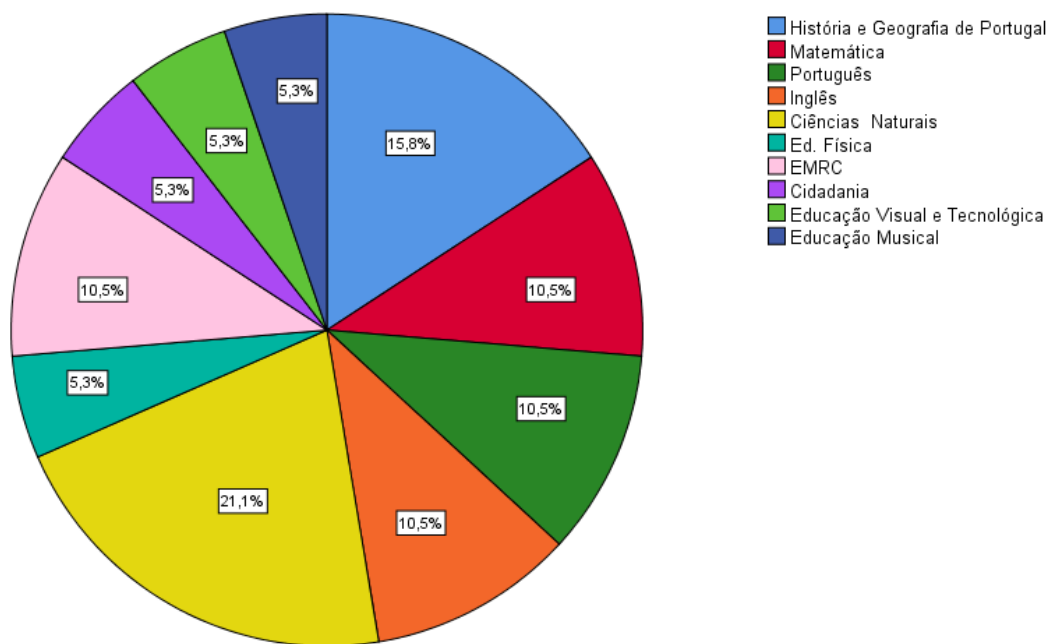
Gráfico n.º 2: Principal razão pela qual gostam da turma



Grande parte dos alunos reside perto da escola já que levam entre 5 a 10 minutos a deslocarem-se para a escola (Cf. Anexo 2, Gráfico n.º 1), fazendo-o de carro próprio (Cf. Anexo 2, Gráfico n.º 2). Todos os alunos vivem com os pais, sendo que 60% dos discentes têm mais um/a irmão/ã (Cf. Anexo 2, Gráfico n.º 3). Cerca de 25% dos discentes não têm irmãos.

O próximo gráfico reflete as disciplinas favoritas para os discentes, com destaque para as Ciências Naturais e a História e Geografia de Portugal. De mencionar que a disciplina de EMRC também foi assinalada como disciplina preferida para 2 alunos (10,5%). A disciplina que a maior parte dos alunos (68%) não gosta é Matemática (Cf. Anexo 2, Gráfico n.º 4).

Gráfico n.º 3: Disciplina que mais gosta



Nas preferências gastronómicas verifica-se uma grande dispersão nos gostos, recolhendo a *pizza* e a lasanha a preferência de 21% dos alunos, respetivamente. Os hambúrgueres, o bitoque, arroz/massa com carne também são pratos preferidos dos discentes, conforme a Tabela n.º 1, nos anexos.

No que concerne à sua profissão de futuro existe também uma variedade de profissões apontadas, sendo a profissão de médico/a assinalada por 3 alunos e a de engenheiro, por 2 alunos. Depois, e atentando na Tabela n.º 1, registaram-se profissões como modelo, cabeleireira, informático, zoólogo, juíza, tenista, cantora, entre outras. Denota-se, assim, o interesse dos alunos em prosseguir os estudos para o Ensino Superior.

Tabela n.º 1: Profissão que gostaria de ter no futuro

	Frequência	Percentagem
Técnico	1	5,3
Médico/a	3	15,8
Modelo	1	5,3
Educadora de Infância	1	5,3
Cabeleireira	1	5,3
Tesoureiro	1	5,3
Zoólogo	1	5,3
Professora	1	5,3
Engenheiro	2	10,5
Polícia	1	5,3
Cantora	1	5,3
Tenista	1	5,3
Veterinária	1	5,3
Informático	1	5,3
Chefe de Empresa	1	5,3
Juíza	1	5,3
Total	19	100,0

Sobre a ocupação dos intervalos (Cf. Anexo 2, Tabela n.º 2), todos os alunos costumam ocupá-los a conversar com os/as amigos/as, sendo que 4 alunos também costumam estar/jogar no telemóvel, assim como ir à biblioteca ou jogar ping-pong. Esta última atividade relaciona-se com o facto de o polivalente da escola estar equipado com mesas de ping-pong.

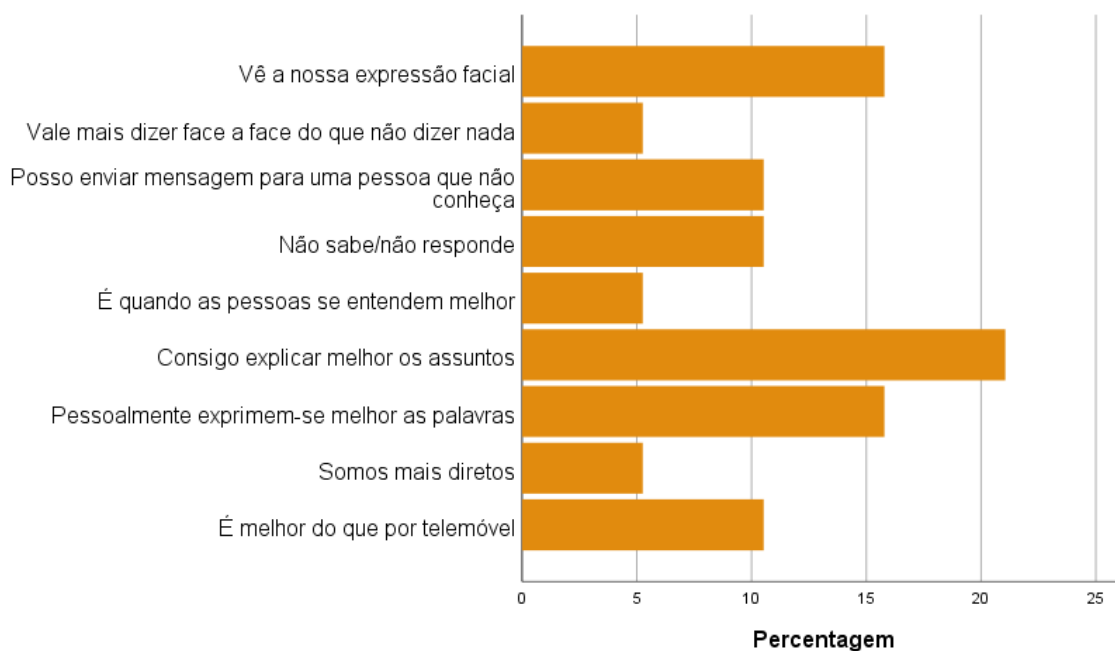
Fora da escola, os alunos ocupam os seus tempos livres em várias atividades, sendo as mais escolhidas (Cf. Anexo 2, Tabela n.º 3): ouvir música, ver televisão, praticar desporto e brincar com os amigos. As atividades que recolheram menos opções foram as atividades de estudar, ler e jogar computador/Playstation/Nintendo.

O principal objetivo com que os alunos utilizam a internet é para falar com os amigos, logo seguido de ouvir música, da participação nas redes sociais e para jogar (Cf. Anexo 2, Gráfico n.º 5). Apenas um aluno referiu que não possui internet em casa.

Cerca de 47% dos discentes passam por dia, em média, entre 30 minutos a 1 hora no telemóvel e/ou computador e 30% afirmaram passar, em média, mais de 1 hora (Cf. Gráfico n.º 6, em Anexo 2). A maioria dos alunos utiliza, pelo menos, uma rede social. Porém, três discentes afirmaram não utilizar nenhuma rede social referindo que não gostam de publicar fotos, ou não querem utilizar as redes sociais, e um por não ter telemóvel. As redes sociais mais usadas pelos alunos são o *WhatsApp*, o *Instagram* e, por último, o *Facebook* (Cf. Tabela n.º 5, em Anexo 2).

Uma grande fatia dos alunos apontou que conta ao/à melhor amigo/a um assunto importante através da comunicação face a face (Cf. Gráfico n.º 8, em Anexo 2). Apenas quando não estão juntos o fazem por mensagem de telemóvel, chamada ou utilizando uma rede social. Além disso, 95% dos alunos considera que a comunicação face a face é o modo de comunicação mais eficaz, apresentando justificações como: o interlocutor “vê a nossa expressão facial”, “consigo explicar melhor os assuntos” ou “é melhor do que por telemóvel”, conforme se observa no gráfico seguinte.

Gráfico n.º 4: Principal razão pela qual se comunica de modo mais eficaz



O/a aluno/a que respondeu que a comunicação mediada pelo telemóvel ou computador era a mais eficaz não apresentou a justificação para a sua opção de resposta.

Quanto à frequência das aulas de EMRC, e pela análise das respostas, verificamos que os alunos estão inscritos em EMRC pelas variadas atividades letivas que os professores proporcionam, já que cerca de 48% dos alunos assinalaram esta resposta e 38% indicaram também que é pelos conteúdos e temas lecionados em EMRC. Nas outras razões os alunos apontaram respostas como “porque acredito em Deus e Jesus”, “Porque a minha mãe me obrigou” e, por último, “porque gosto dos professores”.

Tabela n.º 2: Principal Razão pela qual está inscrito/a em EMRC

	Percentagem
Pelas variadas atividades letivas que os professores proporcionam	47,6%
Pelos conteúdos/temas lecionados	38,1%
Outra Razão	14,3%
Total	100,0%

Quanto à predileção de atividades letivas nas aulas de EMRC, os discentes preferem a visualização de filmes, seguindo-se de jogos/dramatizações e cantar.

Tabela n.º 3: Atividade letivas que mais gostam de fazer nas aulas de EMRC

	N	Percentagem
Cantar	5	15,2%
Ver filmes	16	48,5%
Trabalhos de Grupo	4	12,1%
Fichas de trabalho	1	3,0%
Jogos/Dramatizações	7	21,2%
Total	33	100,0%

Relativamente aos professores de EMRC, os discentes referiram que estes são sobretudo “simpáticos, esclarecedores e sempre prontos a ajudar”, assim como “divertidos” e “bondosos”, conforme a tabela seguinte. Neste sentido, concluímos que os discentes têm uma

opinião muito positiva sobre os docentes de EMRC, essencialmente apresentam características sobre a forma de ser dos docentes, o que talvez ateste que através do exemplo dos professores também se educa.

Tabela n.º 4: O que pensam dos professores de EMRC

	Frequência	Percentagem
São cooperantes	1	5,3
Fazem muitas atividades	1	5,3
Apoiam os alunos e são divertidos.	2	10,5
São bondosos	3	15,8
Simpáticos, esclarecedores e sempre prontos a ajudar	6	31,6
São divertidos	4	21,1
Religioso, engraçado e brincalhão	2	10,5
Total	19	100,0

Após uma abordagem ao contexto escolar e à turma da PES, enquadra-se seguidamente a lecionação e correspondente planificação da Unidade Letiva 1 do 6.º ano – “A Pessoa Humana”.

3.3. *Planificação e lecionação da Unidade Letiva 1*

Para uma lecionação adequada impõe-se uma criteriosa planificação, a qual deve respeitar as finalidades da disciplina, as suas Metas Curriculares e os objetivos e conteúdos inerentes à Unidade Letiva selecionada.²³² Assim, a planificação da Unidade Letiva foi alicerçada no programa da disciplina de EMRC de 2014, distribuindo de um modo equilibrado e exequível, as metas, os objetivos e os conteúdos programáticos. Depois de uma reflexão sobre os mesmos estabeleceu-se a sua execução em seis aulas, no 2.º período do ano letivo.

Após a análise cuidada do currículo proposto, e tendo em conta o contexto da PES, procederam-se a algumas adaptações, no intuito de conferir e trazer temas da atualidade e do quotidiano dos alunos, relacionando-os com as metas e os objetivos a alcançar nesta Unidade Letiva. Para tal, foram acrescentados dois objetivos aos já propostos pelo Programa de EMRC.

A lecionação da unidade letiva 1 – “A Pessoa Humana” – desperta para a importância do ser pessoa, um ser em relação, consigo, com os outros e com Deus. Neste sentido, no desenrolar das seis aulas pretende-se que os alunos se descubram e se construam como pessoas. Neste âmbito a atividade realizada pelo Núcleo de Estágio no Natal veio antecipar a concretização destes pressupostos. Esta atividade consistiu numa Campanha de angariação de produtos de higiene pessoal para duas instituições de solidariedade social de Viseu, intitulada “Ser Feliz... na Partilha”, visando mobilizar os alunos e restante comunidade educativa para os valores da solidariedade e da partilha na orientação de comportamentos em situações do quotidiano; e sensibilizar para os problemas sociais e abertura aos outros, assumindo gestos de fraternidade e solidariedade.

Posto isto, passa-se a apresentar as propostas de planificação implementadas durante a PES, apresentadas em anexo, as quais tomaram em consideração o contexto escolar, o perfil dos alunos, as metas, os objetivos, os conteúdos, as estratégias utilizadas, os critérios de avaliação e uma adequada gestão do tempo.

A avaliação é um processo e, como tal, decorre ao longo de todas as aulas lecionadas. É ela que nos indica se podemos avançar para os próximos conteúdos ou se é necessário

²³² Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Moscavide: SNEC, 2014), p.159.

retomar algum ponto menos esclarecido. Por conseguinte, e para todas as aulas desenvolvidas, em termos de avaliação, é tida em conta a observação direta: da assiduidade e pontualidade; de atitudes e valores, como a atenção, interesse, respeito, empenho e sentido crítico; da participação espontânea ou solicitada; pela formulação de perguntas e pela análise das tarefas realizadas pelos alunos. Em todas as aulas verificaram-se momentos de avaliação diagnóstica, através da formulação de perguntas, no sentido de ir ao encontro dos saberes e conhecimentos dos discentes. A avaliação formativa também ocorreu em todas as aulas pelos instrumentos de avaliação já referidos. Na última aula foi realizada uma Ficha de Avaliação de Conhecimentos para consumar a avaliação sumativa da Unidade Letiva.

3.3.1. Aula 1 – O conceito de Pessoa Humana

A primeira aula tem como sumário “Introdução à Unidade Letiva 1: a Pessoa Humana. O conceito de Pessoa”, visando o alcance da meta “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”, e do objetivo “reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros” (Cf. Anexo 3).

O início da aula destina-se à apresentação da docente e a uma saudação aos alunos. De seguida, é entregue aos alunos um marcador com o seu nome, dada a sua pertinência neste tema, sendo pedido que, celeremente, o decorem a seu gosto. É distribuída a Ficha de Trabalho n.º 1 (Cf. Anexo 6), para que os alunos registem o sumário, que a docente, entretanto, escreve no quadro.

Como motivação e introdução à Unidade Letiva 1 é apresentada, em suporte multimédia, uma *missão* para as próximas aulas (Cf. Anexo 4). Lançado o mote, a professora começa por efetuar uma chuva de ideias sobre quem é a pessoa, registando as palavras dos alunos no quadro e diagnosticando os seus conhecimentos sobre o tema. Para complementar esta atividade e elucidar a origem e o conceito de pessoa, a docente solicita aos alunos, um por cada objeto, a descobrir o que se encontra no interior de uma caixa colocada em cima da secretária da professora. No interior



Figura n.º 2: Caixa com os objetos utilizados na aula 1

da caixa encontram-se objetos como uma *máscara de teatro*, um *spinner*, uma *corrente de pessoas* e *várias imagens de pessoas diversas*, sendo os alunos interpelados para que relacionem os referidos objetos com o tema da aula. Com a *máscara de teatro* pretende-se demonstrar a origem da palavra pessoa no âmbito do teatro grego e com o *spinner* o contributo do Cristianismo, nomeadamente de Santo Agostinho, ao reconhecer Deus como Pessoa. Com a *corrente de pessoas* ambiciona-se o destrinçar dos conceitos pessoa e indivíduo mas também acentuar o carácter relacional da pessoa, que depende sempre de outra antes de si.



Figura n.º 3: Corrente de seres humanos utilizada na aula 1

Posteriormente será pedido ao/à aluno/a que recorte uma das pessoas e é questionado/a se essa pessoa conseguiria viver só. Com *as imagens das diversas pessoas* procura-se identificar os aspetos em comum e as suas diferenças, realçando que o rosto é o alicerce da palavra pessoa.

Nesta sequência da irrepitibilidade da pessoa humana, solicita-se que um/a aluno/a se ofereça para ler o texto da Ficha de Trabalho n.º 1, intitulado “Eu sou especial.” Após a exploração dos objetos e da leitura do referido texto é visionada uma apresentação multimédia (Cf. Anexo 5) com uma sistematização de todos os conteúdos abordados através dos objetos.

Por fim, os alunos registam na Ficha de Trabalho (Cf. Anexo 6) uma súmula do que aprenderam na aula. A professora despede-se dos alunos, desejando a continuação de uma boa semana.

3.3.2. Aula 2 – As dimensões da Pessoa Humana

“As dimensões da Pessoa Humana” constitui o sumário da segunda aula, onde se ambiciona alcançar a mesma meta da aula anterior: “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”, e também o seguinte objetivo: “identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente” (Cf. Anexo 7).

A docente saúda os alunos e distribui uma Ficha (Cf. Anexo 9) para que os discentes assentem o sumário que escreve no quadro. Posteriormente, solicita que um/a aluno/a faça uma síntese dos conteúdos abordados na aula anterior, servindo também de interligação para esta aula. Após esta recapitulação, os alunos visualizam uma apresentação multimédia (Cf. Anexo 8) que apresenta o desafio para esta segunda aula.

Para que os alunos compreendam que a pessoa humana é corpo e alma, utiliza-se a dinâmica da marioneta. Esta é composta por dois alunos, em que um aluno baixo será o corpo e o aluno alto será a alma. A alma será aquela que comanda. O corpo é aquele que obedece. O aluno mais alto fica colocado atrás do aluno mais baixo e segura-lhe nos pulsos. Os dois juntos formam uma pessoa só. A professora vai dando orientações e questionando os alunos sobre quem deve fazer o quê (entre a alma e o corpo) e sugere que lhe deem um nome.

De seguida, pede que um(a) aluno(a) retire da caixa um objeto, que é uma Encíclica, com um excerto relacionado com o tema, o qual o/a aluno/a deverá ler, para se relacionar com o conteúdo da aula. A docente questiona se os alunos sabem o que é uma Encíclica e quem é o seu autor.

A professora pede a outro/a aluno/a para retirar outro objeto da caixa. O/a aluno/a retira um *puzzle*, sendo que o mesmo também se relaciona com o tema da aula. A professora introduz, deste modo, as dimensões da pessoa humana. Para uma melhor sistematização dos conteúdos é exposta uma apresentação em suporte multimédia (Cf. Anexo 10) sobre as dimensões da pessoa humana.

Após a análise da apresentação, a professora convida um/a aluno/a a distribuir os puzzles pelos colegas, que deverão construir o seu puzzle na Ficha de Trabalho n.º 2 (Cf. Anexo 9) e estabelecer a relação das dimensões da pessoa humana com o seu significado. A professora realiza a correção, no quadro, questionando os alunos menos participativos.

A esta tarefa segue-se a distribuição de uma folha A3, na figura n.º 4, onde os alunos devem concretizar as dimensões da pessoa humana com o seu exemplo. A docente menciona

que alguns aspetos terão de ser realizados em casa, com a ajuda dos pais. A conclusão da aula efetua-se através do registo de uma síntese na Ficha de Trabalho sobre a aula.

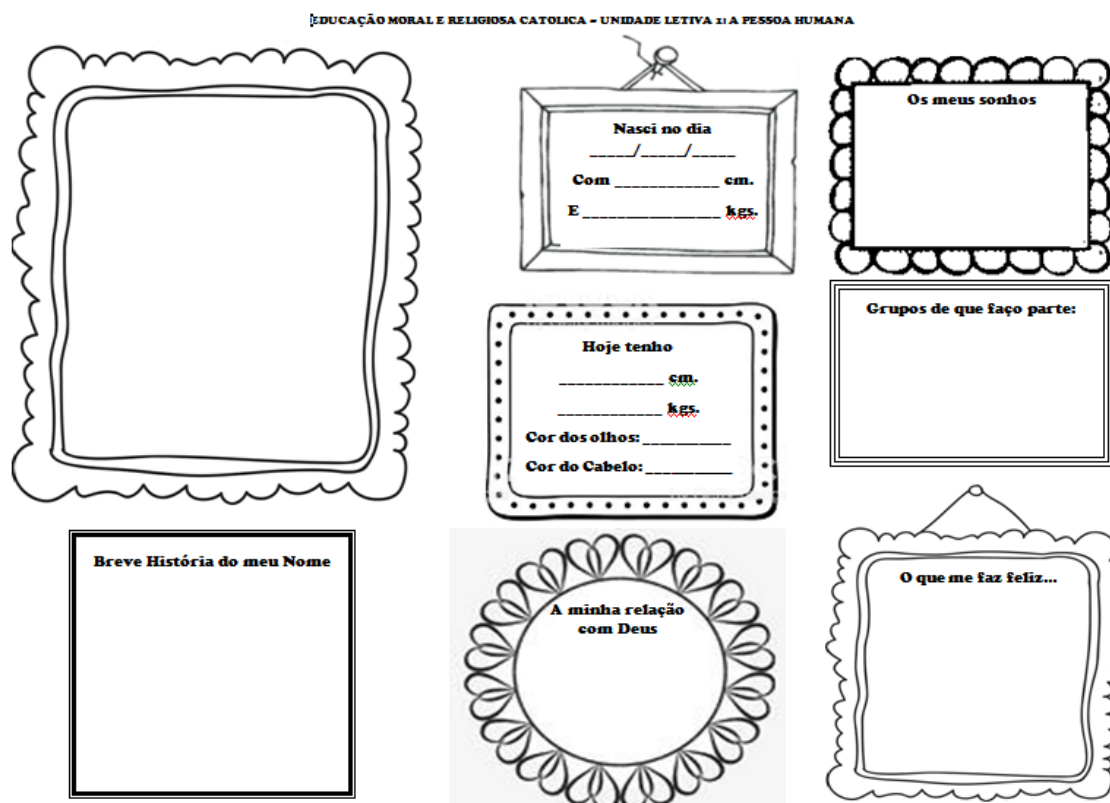


Figura n.º 4: Concretização das dimensões na pessoa de cada aluno, em formato A3.

3.3.3. Aula 3 – A Pessoa Humana: a sua capacidade de comunicar, de abertura ao Outro e aos outros

A terceira aula tem como sumário “A Pessoa Humana: a sua capacidade de comunicar, de abertura ao Outro e aos outros”. Na continuidade das últimas aulas, para além da meta referida na última aula, ambiciona-se alcançar o objetivo “identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente”. Nesta aula, para além da meta e do objetivo estabelecidos no Programa de EMRC, houve necessidade de criar um objetivo diferente: “salientar a importância da comunicação no desenvolvimento da pessoa humana” (Cf. Anexo 11). Somos seres criados à imagem e semelhança de Deus, dotados de dimensão espiritual, pelo que a comunicação nos distingue dos outros seres e nos permite comunicar as experiências individuais aos outros, através da linguagem.

A professora acolhe os alunos, distribuindo as fotocópias (Cf. Anexo 12) onde aqueles devem registar o sumário. A docente pede para que um/a aluno/a faça uma sinopse da aula anterior. Seguidamente solicita que os alunos demonstrem a concretização dos seus trabalhos sobre as dimensões da pessoa humana e pede a participação de 4 ou 5 alunos na exploração do que cada um fez.

Depois, a professora apresenta os conteúdos da aula através de uma apresentação em suporte digital (Cf. Anexo 13). Posto isto, pede a um/a aluno/a para que se desloque até à caixa, colocada em cima da secretária da professora, e retire os objetos que lá se encontram, identificando se correspondem a linguagem verbal ou não verbal (Cf. Anexo 14).

Solicita agora que os discentes realizem o exercício n.º 1 da Ficha n.º 3 (Cf. Anexo 12), no intuito de fazer refletir os alunos sobre palavras que ajudam a tecer os laços entre as pessoas e palavras que rompem ou ferem esses laços. Segue-se a sua correção. A aula fica concluída através do registo de uma síntese na Ficha n.º 3. A docente solicita que os alunos tragam para a próxima aula provérbios ou expressões sobre a comunicação e termina a aula desejando umas boas férias de Carnaval.

3.3.4. Aula 4 – A empatia: uma habilidade para estabelecer comunhão com os outros

A quarta aula versa sobre “A empatia: uma habilidade para estabelecer comunhão com os outros”. Para esta aula foi criado o objetivo “fomentar atitudes de empatia”, no intuito de os alunos conseguirem estabelecer relações saudáveis e harmoniosas com os demais. Para além deste objetivo, pretende-se ainda que os alunos reconheçam a pessoa como ser único que vive em relação com os outros (Cf. Anexo 15).

Os primeiros momentos da aula destinam-se ao acolhimento dos alunos e ao registo do sumário nas fotocópias distribuídas, onde aqueles devem procurar as palavras na Ficha n.º 4 (Cf. Anexo 16), para o escrever. De seguida, a professora pede para que um/a aluno/a faça uma sinopse da aula anterior. Refere que entrámos num período importante para os cristãos, aguardando que os alunos refiram a resposta: Quaresma.

A docente questiona se os alunos trouxeram provérbios ou expressões sobre a comunicação, para que os passem a apresentar. Seguidamente, realiza-se o Jogo da Mensagem, onde a docente transmite uma mensagem a um/a aluno/a e este/a sucessivamente passa a mensagem que ouviu a cada colega. O/A último/a aluno/a diz em voz alta a mensagem

que recebeu. A professora interroga sobre o que aconteceu à mensagem e à importância de cada elemento do processo de comunicação. Interliga a exploração dos provérbios ou expressões sobre comunicação, com o Jogo da Mensagem, dando pistas sobre o que é um bom comunicador. Com esta dinâmica pretende-se elucidar a necessidade de uma comunicação saudável e eficaz entre todos, e que os alunos compreendam a utilidade de utilizar palavras despretensiosas, simples, como as que Jesus utilizava nas Parábolas e a extrema importância da escuta ativa para a fidelidade da mensagem, para serem bons comunicadores.

Após este momento, a docente pede a um/a aluno/a para que se desloque até à caixa, colocada em cima da secretária da professora, e retire o objeto, que é um *par de sapatos*, e insta à sua ligação com os conteúdos da aula. A professora introduz, deste modo, o conceito de empatia.

A docente pede a colaboração de outro/a aluno/a para, através de mímica, expressar 4 emoções básicas do ser humano: alegria, tristeza, raiva e medo.



Figura n.º 5: Caixa com par de sapatos

De seguida, solicita a um/a aluno/a para ler um pequeno excerto de texto sobre os perigos das novas tecnologias que não geram empatia nem o olhar no outro. O texto visa alertar os alunos para uma utilização adequada e responsável das novas tecnologias, já que existem vários perigos na sua utilização, um deles é que não geram empatia nem o olhar no outro, da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco. Com esta atividade visa-se também levar os alunos a refletir nas suas práticas diárias com os computadores e os *smartphones*. Estabelece-se um diálogo com os alunos sobre esta temática. A conclusão da aula é através do registo, em código, de uma síntese na Ficha n.º 4, que os discentes têm de descobrir. A professora termina a aula desejando um bom resto de semana.

3.3.5. Aula 5 – A promoção de condições para que todos vivam como pessoas

Para além da meta estabelecida para as últimas aulas, para esta acrescenta-se a meta “amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo” e utilizam-se estratégias e atividades para alcançar os seguintes objetivos definidos: “identificar os direitos

fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana”, “conhecer Organizações que lutam pelos direitos das crianças” e “promover as condições para que todos vivam como as pessoas que são” (Cf. Anexo 17).

A aula inicia com a receção e saudação aos alunos e o registo do sumário pelos alunos que devem procurar na Ficha de Trabalho (Cf. Anexo 18) entregue as palavras para o mesmo. Os alunos são instados a revisitarem a aula anterior. Posteriormente e estabelecendo uma articulação, a docente realiza uma análise dos conhecimentos sobre os Direitos das Crianças e os Direitos Humanos.

A professora menciona que o desafio da aula é um trabalho de grupo. Para constituir os grupos, a docente atribui um número, de 1 a 6, a cada aluno devendo os alunos com o número igual formarem um grupo. Após a organização equilibrada dos grupos, um/a aluno/a retira da caixa, colocada em cima da secretária da professora, as fotocópias com o trabalho de grupo (Cf. Anexo 19) e as distribui-as pelos grupos para reflexão. Foi-lhes também facultada uma versão resumida da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Convenção dos Direitos da Criança.

Como motivação, é dito aos discentes que são governantes por uns minutos, com o poder de implantar algumas medidas para que todos possam ter as mesmas condições para viverem como pessoas. Com as imagens da Ficha de Trabalho os discentes identificam quais os direitos humanos ou das crianças que estão a ser postos em causa, propondo medidas para que os mesmos sejam efetivados. Depois das reflexões, os grupos passam a apresentar o seu trabalho. Com este trabalho de grupo pretende-se que os alunos reconheçam as suas responsabilidades pessoais e sociais para que todos sejam efetivamente tratados como pessoas e para que conheçam organizações que lutam pelos direitos das crianças.

De seguida, em grupos de dois, os alunos irão ser avaliados através de perguntas no programa Quizizz. A professora felicita os alunos pelos resultados e termina a aula desejando um bom resto de semana e de um bom trabalho.

3.3.6. Aula 6 – Ser autêntico torna-nos felizes

A última aula tem como sumário “Ser autêntico torna-nos felizes” e como metas: “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história” e “identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo”. Procura-se atender aos seguintes objetivos:

“reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros”, “promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação)” e “interpretar textos bíblicos que evidenciem, como elemento fulcral da mensagem cristã, o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano” (Cf. Anexo 20).

Após o acolhimento dos alunos, a docente fornece o apontamento de que o dia da aula é o Dia Internacional da Família, relacionando-o com o tema da Pessoa Humana. Seguidamente são distribuídas as fotocópias onde os alunos desvendam e registam o sumário, que está em forma de código na Ficha de Trabalho n.º 6 (Cf. Anexo 21). Os alunos são motivados, e por ser a última aula, a fazer uma sinopse das aulas anteriores.

A docente pede a dois alunos/as que leiam a banda desenhada nas fotocópias, retirada do Manual do 6.º ano. De seguida, introduz as noções de felicidade e autenticidade. Ser verdadeiro, transparente, puro, sermos nós próprios, é algo que traz felicidade.

Após esta explanação, a docente insta a colaboração de um/a aluno/a para descobrir os objetos presentes na Caixa (presente, lupa, copo de vidro) e questiona os alunos sobre a relação dos objetos com o tema da aula. A docente explica, sintetizando, o que simboliza cada objeto tendo em conta as noções de autenticidade e felicidade. A *caixa*, vazia, embrulhada com um papel de embrulho muito bonito e brilhante, simbolizam as pessoas que se afiguram muito bonitas por fora mas o que realmente conta é o seu interior. Pretende-se que os alunos entendam a necessidade de coerência entre o que somos e o que aparentamos ser.

Com o objeto *lupa* pretende-se chamar a atenção que há pessoas que se querem parecer mais e melhores do que aquilo que são, ampliando a sua imagem, como sucede, muitas vezes, nas redes sociais, quando se publica o melhor que somos, pese embora a possibilidade de retoques para melhorar essa imagem.

O objeto *copo de vidro* é transparente, vê-se o seu interior e não esconde nada. O que é por dentro também é por fora, havendo uma coerência entre o interior e o exterior. Os cristãos devem ser como o copo de vidro, autênticos e sem medo de se abrirem aos outros, como menciona o Papa Francisco, na última Jornada Mundial da Juventude, no Panamá.



Figura n.º 6: Caixa com o objeto *Copo de vidro*

Os alunos são questionados a refletir sobre com que objeto se identificam mais. Na Ficha de trabalho atentam sobre o conceito de autenticidade e completam a síntese da aula.

Seguidamente, e para consolidar os conhecimentos da Unidade Letiva, a docente distribui e solicita aos alunos a realização de uma ficha de trabalho (Cf. Anexo 22 e 23), com perguntas de escolha múltipla. Assim que todos terminem a resolução da mesma, a professora procede à sua correção.

A aula termina com uma apresentação multimédia (Cf. Anexo 24) e a entrega de um marcador com um poema sobre a amizade, desejando muitas felicidades a todos os alunos e pedindo que sejam pessoas, felizes e autênticas, e que concedam condições para que os outros também sejam pessoas.



**Mal nos conhecemos
Inauguramos a palavra amigo!**

**Amigo é um sorriso
De boca em boca,
Um olhar bem limpo**

**Uma casa, mesmo modesta, que
se oferece.
Um coração pronto a pulsar
Na nossa mão! (...)**

**Amigo é o erro corrigido,
Não o erro perseguido,
explorado.
É a verdade partilhada,
praticada.**

Amigo é a solidão derrotada!

**Amigo é uma grande tarefa,
Um trabalho sem fim,
Um espaço útil, um tempo fértil,
Amigo vai ser, é já uma grande
festa!**

Alexandre O'Neill

EMRC – PES 2018/2019

Agrupamento de Escolas de
Mundão

Figura n.º 7: Marcador oferecido aos
alunos

3.4. Síntese e Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada

Embarcando na aventura mais fascinante e difícil da vida,²³³ que é educar, chegamos ao ponto de efetuar algumas conclusões sobre a mesma. Educar ou ensinar não é apenas seguir uma planificação, cumprir metas ou alcançar objetivos. Abarca, também, orientar os alunos a consolidarem a sua identidade e a traçarem o seu projeto de vida.

Neste sentido, a PES foi o momento que propiciou uma prática reflexiva, de crítica e de contínuo aperfeiçoamento, sobre a planificação das aulas, as atividades e estratégias a encetar em cada uma delas e a própria lecionação. De facto, um professor deve ser um bom teórico mas também tem de se adaptar a cada contexto/turma e aplicar estratégias específicas consoante as mesmas. Tal constitui, então, um triplo desafio para o professor com a conjugação das dimensões científica, pedagógica e relacional.²³⁴

Ao longo da Unidade Letiva 1, “A Pessoa Humana” abordaram-se todos os conteúdos, dando-se mais ênfase a uns do que a outros, na tentativa de atualizar e adaptar os seus conteúdos da Unidade Letiva aos dias de hoje, fornecendo ferramentas para que os discentes consigam lidar e enfrentar os desafios iminentes da cultura digital que se vive na atualidade e que transforma o ser, o aprender e o estar.

As aulas ministradas tiveram sempre, por base, uma fundamentação científica e pedagógico-didática. As mesmas foram dinâmicas, utilizando-se estratégias e atividades diversificadas, criativas e originais no intuito de cativar a atenção e o empenho dos discentes.

Houve uma preocupação constante com o acolhimento dos alunos e de efetuar uma ligação entre os conteúdos das aulas, para que o processo ensino-aprendizagem fosse bem consolidado. As sínteses no final de cada aula também possibilitaram a assimilação dos conteúdos programáticos.

Assim sendo, com a lecionação desta unidade pretendeu-se que os discentes compreendessem o significado de ser pessoa, a qual é uma condição que nos distingue dos outros seres, e que construíssem uma chave de leitura religiosa da pessoa e da vida. Somos criados à imagem e semelhança de Deus, que é em Si mesmo relação. Somos seres de relação, isto é, não conseguimos ser sem ser em relação. Porém, a contemporaneidade parece centrar-

²³³ Bento XVI, Mensagem do Papa para a Celebração do XLV Dia Mundial da Paz, *Educar os Jovens para a justiça e a paz* (01 de janeiro de 2012), nº 2. (Acedido em 1 de julho de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20111208_xlv-world-day-peace.html).

²³⁴ Cf. Richard Arends, *Aprender a Ensinar* (Lisboa: McGraw-Hill, 1999).

se no indivíduo e não na pessoa, impelindo-nos para um individualismo. Como tal, procurou-se romper com esta conceção e demonstrar que a pessoa é um ser-com, um ente que não pode ser fechado, que se abre aos outros e a Deus. Além disso, tal conceção foi um contributo do Cristianismo, como foi demonstrado.

A pessoa é um ser irrepitível e único e, por tal, os alunos foram sensibilizados para a riqueza das diferenças e da diversidade humana. Neste sentido, foram fornecidas aos discentes formas de melhorar a comunicação e de estabelecer comunhão com os outros através da comunicação empática. Estes últimos conteúdos vêm complementar os presentes no Programa de EMRC, na tentativa de adaptar os conteúdos programáticos a situações atuais e do quotidiano dos discentes. Projetou-se ainda evidenciar que a autenticidade, a verdade, a solidariedade e a responsabilidade são valores que devem nortear a ação de qualquer pessoa e, também, a dos alunos.

Pela construção do *puzzle* evidenciou-se a integralidade da pessoa humana, através das várias dimensões que a constituem, que devem estar em constante interligação e harmonia, sendo o amor transversal a todas elas. A capacidade de amar é o traço que caracteriza a presença de Deus em cada um de nós. E, só vivendo no amor podemos ser pessoas autênticas, solidárias, visando a construção de um mundo onde todos possam ser, efetivamente, pessoas.

A pessoa é portadora de dignidade humana, tem uma identidade reconhecida e possui direitos e deveres inalienáveis e invioláveis. Porém, tal nem sempre acontece e os alunos foram desafiados a acolher os outros e a proporcionar, na medida do seu possível, condições para que todos sejam pessoas e que cada um viva como a pessoa que é. Pelo trabalho de grupo, os alunos experimentaram como poderiam promover o bem comum e o cuidar do outro como responsabilidade perante a pessoa, a sociedade e o mundo.

Além disso, através dos objetos criteriosamente escolhidos e apresentados em cada uma das aulas tentou-se partir das experiências dos alunos, dotá-los de espírito crítico e fornecer-lhe ferramentas visando uma crescente consciência de si e da pessoa.

Posto isto, considera-se que as metas e os objetivos traçados no âmbito da Unidade Letiva ministrada foram alcançados, com muito sucesso, pelos alunos, na certeza de que se irão recordar do significado de cada objeto utilizado e relacionado com os conteúdos programáticos. Os discentes foram muito recetivos, cooperantes e empenhados em todas as tarefas propostas. O ambiente em sala de aula foi de abertura, diálogo, empatia e de fomento

do sentido crítico, para que os alunos se sentissem também envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo deste processo, houve uma busca incansável pela inovação e criatividade, pela melhor preparação ao nível científico, didático e pedagógico, já que quanto melhor o professor estiver preparado, mais facilmente conseguirá tornar as eventuais adversidades em oportunidades. Desta experiência letiva ressalta que a utilização de metodologias ativas, a diversidade de atividades e recursos didáticos promovidos no decurso de uma aula promovem a atenção, o interesse e o sucesso escolar dos discentes.

CONCLUSÃO

“Os trabalhos científicos são parecidos com uma música que fosse feita não para ser mais ou menos passivamente escutada, ou mesmo executada, mas sim para fornecer princípios de composição”.

Pierre Bourdieu, *O Poder Simbólico*

Concluído o percurso de reflexão e análise inerente a este Relatório, está-se agora em condições de sistematizar as principais conclusões. Ao longo do mesmo procurou-se refletir sobre a importância do nosso ser-com e dos desafios que se impõem, hoje, ao fenómeno da comunicação face a face. Simultaneamente, tal foi projetado na lecionação das aulas da PES, constituindo-se como um contributo para a lecionação da Unidade Letiva 1, do 6.º ano de escolaridade, “A Pessoa Humana”.

As tecnologias da informação e comunicação e a internet modificam o modo como comunicamos e nos relacionamos. A sociabilidade altera-se. Vivemos num tempo onde as novas tecnologias trouxeram inúmeras potencialidades, permitindo comunicar com quem é próximo mas está longe, aprofundando os laços, a rapidez no acesso a informação, uma aprendizagem mais intuitiva ou a ampliação de novos contactos que viabilizem o encontro e a proximidade. Todavia, este tempo da comunicação em rede, sempre em contacto, torna a comunicação mais pobre, menos autêntica, podendo comunicar-se num tempo diferente do interlocutor! A noção do tempo e do espaço diluem-se. Pela rapidez e imediaticidade proporcionadas pelo digital, muitos perdem a capacidade de esperar e parece que se transferiu esta lógica para as relações. No tempo, sem tempo, em que muitos vivem, os outros, por vezes, são tratados como mercadorias e bens de consumo.

Neste sentido, a comunicação nunca poderá ser exclusivamente virtual, terá de ter sempre uma componente presencial, face a face, como “caminho seguro para a felicidade e para a educação das gerações futuras”²³⁵. É, então, necessária uma utilização prudente das novas tecnologias, de modo a que o tempo dedicado às relações virtuais não retire tempo para interações face a face, olhos nos olhos, onde se possa sentir o calor de um abraço.

Para que os adolescentes consigam atravessar de um modo seguro a liquidez²³⁶ e a agitação do mundo atual é premente formar para valores e atitudes humanas, como o amor, a

²³⁵ Cf. João Duque, “Família cristã - que futuro?”, *Bíblica*, n.º 23, (2014), p.113-120.

²³⁶ Cf. Zygmunt Bauman, *Amor Líquido. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos* (Lisboa: Relógio de Água Editores, 2006).

responsabilidade, a autenticidade, a amizade, a verdade, a reciprocidade, a escuta ou a empatia.

Neste sentido, a disciplina de EMRC contribui para a promoção do desenvolvimento integral dos adolescentes, visando a sua formação para o reconhecimento de que todos somos pessoas, portadoras de dignidade humana, assim como para a promoção do bem comum, rompendo com a lógica do proveito como um fim em si mesmo, minorando o egoísmo que se desencadeou.²³⁷

Apesar de a família ser o contexto primordial da comunicação face a face, a escola desempenha, hoje, um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade e identidade dos adolescentes, com a criação e aperfeiçoamento de competências que possibilitam aos alunos enfrentar os desafios e as necessidades deste tempo. Em articulação com as outras disciplinas, a EMRC fornece o seu contributo e, tal foi o que norteou a lecionação da Unidade Letiva 1 “A Pessoa Humana”, fomentando o reconhecimento da pessoa como ser único que vive em relação com os outros e com o transcendente, formas de comunicar de modo saudável e eficaz, a autenticidade, uma cultura de respeito e responsabilidade pelo outro e uma cultura do encontro.

Para tal, ressalta-se que a utilização de metodologias ativas, com uma diversidade de atividades e recursos didáticos promovidos no decurso de uma aula promovem a eficácia do processo ensino-aprendizagem.

Ao longo da PES foram aperfeiçoadas muitas competências, salientando-se que toda a reflexão e fundamentação científica efetuadas possibilitaram uma maior bagagem que permitiu responder, com mais à vontade, aos desafios adjacentes à lecionação. A PES foi um momento de maturação pessoal, intelectual e também espiritual, na certeza de que a prática docente deve ser sempre uma prática crítico-reflexiva, de modo a aperfeiçoar e a melhorar todos os processos inerentes à mesma.

A escola é uma realidade desafiadora e, como tal, o professor deve estar munido de ferramentas e utensílios que lhe permitam enfrentar as novas realidades escolares, marcadas pelo mundo digital, que originou novas formas de aprendizagem e, conseqüentemente, novas formas de ensinar e educar, pelo que o docente de EMRC deve permanecer em contínua

²³⁷ Nuccio Ordine e Regina Gouveia, *A Utilidade dos Saberes Inúteis* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2017), p. 29.

atualização científica, pedagógica e didática. Ser professor é uma aventura, onde as aprendizagens se efetuam durante toda a vida.

De salientar que este trabalho não encerra em si todas as dimensões de análise necessárias a um conhecimento abrangente do fenómeno em estudo, uma vez que se entende que outras dimensões teriam de ser abordadas, como por exemplo, analisar a realidade quotidiana dos alunos seria extremamente enriquecedor ou uma reflexão sobre quem é o meu próximo. Assim, entenda-se este Relatório como um “ponto de partida” para outras linhas de investigação futuras.

BIBLIOGRAFIA

Nova Bíblia dos Capuchinhos. Lisboa: Difusora Bíblica, 1998.

1. Bibliografia do Magistério da Igreja

Bento XVI. Carta Encíclica *Caritas in Veritate*. Lisboa: Paulus Editora, 29 de junho de 2009.

Bento XVI. Carta Encíclica *Spe Salvi*. Prior Velho: Paulinas Editora, 30 de novembro de 2007.

Concílio Ecuménico Vaticano II. Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*. Coimbra: Gráfica de Coimbra. 1999.

Conferência Episcopal Portuguesa. “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade”. *Pastoral Catequética*. n.º 5. Ano 2. Lisboa: SNEC, Maio-Agosto 2006.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Carta Pastoral Educação. Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002.

Equipa da Pastoral Orgânica da Diocese de Viseu. *Para uma Igreja Comunhão. Da Lumen Gentium aos nossos dias*. Viseu: Diocese de Viseu, 2011.

Francisco. Exortação Apostólica *Christus Vivit*. Lisboa: Paulus Editora. 25 de março de 2019.

Francisco. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*. Lisboa: Paulus Editora. 19 de março de 2018.

Francisco. Carta Encíclica *Laudato Si*. Lisboa: Paulus Editora. 24 de maio de 2015.

Francisco. Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia “*O rosto da misericórdia*”. Lisboa: Paulus Editora. 11 de abril de 2015.

Francisco. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Lisboa: Paulus Editora. 24 de novembro de 2013.

2. Sitiografia do Magistério da Igreja

Bento XVI. *Mensagem para o XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Autenticidade e Verdade na cultura das redes sociais”*. 24 de janeiro de 2013. (Consultado em 2 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html).

Bento XVI. Mensagem do Papa para a Celebração do XLV Dia Mundial da Paz, *Educar os Jovens para a justiça e a paz*. 01 de janeiro de 2012, n.º 2. (Consultado em 2 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20111208_xlv-world-day-peace.html).

Bento XVI. *Mensagem para o XLVI Dia Mundial das Comunicações Sociais “Silêncio e palavra: caminho de evangelização”*. 24 de janeiro de 2012. (Consultado em 2 de maio de

2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20120124_46th-world-communications-day.html).

Bento XVI. *Mensagem para o LV Dia Mundial das Comunicações Sociais “Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital”*. 24 de janeiro de 2011. (Consultado em 2 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html).

Bento XVI. *Discurso do Papa Bento XVI aos Professores de Religião Católica nas Escolas Italianas*. 25 de Abril de 2009. (Consultado em 1 de julho de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20090425_insegnanti-religione.html).

Bento XVI. *Mensagem para o XLIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade”*. 24 de janeiro de 2009. (Consultado em 2 de maio de 2019 em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html).

Bento XVI. *Mensagem para o XL Dia Mundial das Comunicações Sociais “A mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação”*. 24 de janeiro de 2006. (Consultado em 2 de maio de 2019 em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20060124_40th-world-communications-day.html).

Francisco. *Mensagem para LIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “‘Somos membros uns dos outros’ (Ef 4.25). Das comunidades de redes sociais à comunidade humana”*. 24 de janeiro de 2019. (Consultado em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

Francisco. *Mensagem para a XXXIII Jornada Mundial da Juventude*. 11 de fevereiro de 2018. (Consultado em 23 de abril de 2019 em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20180211_messaggio-giovani_2018.html).

Francisco. *Mensagem para LI Dia Mundial das Comunicações Sociais “‘A verdade vos tornará livres’ (Jo 8.32). Fake news e jornalismo de paz”*. 24 de janeiro de 2018. (Consultado em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

Francisco. *Mensagem para a Quaresma 2018. “Porque se multiplicará a iniquidade, vai esfriar o amor de muitos” (Mt 24. 12)*. 1 de novembro de 2017. (Consultado em 23 de abril de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco_20161018_messaggio-quaresima2017.html).

Francisco. *Mensagem para o L Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo”*. 24 de janeiro de 2016. (Consultado em 3 de maio de 2019 em

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

Francisco. *Discurso à União Católica Italiana de Professores, Dirigentes, Educadores e Formadores*. 14 de maio de 2015. (Consultado em 1 de julho de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/march/documents/papa-francesco_20150314_uciim.html).

Francisco. *Mensagem para o XLIX Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor”*. 23 de janeiro de 2015. (Consultado em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20150123_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

Francisco. *Discurso aos estudantes e professores das Escolas Italianas*. 10 de maio de 2014. (Consultado em 1 de julho de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140510_mondo-della-scuola.html).

Francisco. *Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro”*. 24 de janeiro de 2014. (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

Francisco. *Mensagem para o XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização”*. 24 de janeiro de 2013. (Acedido em 3 de maio de 2019 em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html).

João Paulo II. *Carta Circular n. 520/2009 aos Presidentes das Conferências Episcopais sobre o Ensino da Religião na Escola*. 5 de maio de 2009. (Acedido em 1 de julho de 2019 em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_d oc_20090505_circ-insegn-relig_po.html).

João Paulo II. *Mensagem para o XXXIX Dia Mundial das Comunicações Sociais “Os meios de comunicação: ao serviço da compreensão entre os povos”*. 24 de janeiro de 2005. (Acedido em 30 de abril de 2019 em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20050124_world-communications-day.html).

João Paulo II. *Mensagem para o XXXVI Dia Mundial das Comunicações Sociais “Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho”*. 24 de janeiro de 2002. (Acedido em 30 de abril de 2019 em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20020122_world-communications-day.html).

João Paulo II. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*. 6 de janeiro de 2001. (Acedido em 22 de abril de 2019 em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html).

João Paulo II. *Mensagem para o XXXIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Mass-media: presença amiga ao lado de quem procura o Pai”*. 24 de janeiro de 1999. (Acedido em

30 de abril de 2019 em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011999_world-communications-day.html).

João Paulo II. *Mensagem para o XIII Dia Mundial das Comunicações Sociais “Comunicações sociais e desenvolvimento da criança”*. 23 de maio de 1979. (Acedido em 30 de abril de 2019 em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_23051979_world-communications-day.html).

Paulo VI. *Mensagem para o IV Dia Mundial das Comunicações Sociais “As comunicações sociais e a juventude”*. 6 abril de 1970. (Acedido em 30 de abril de 2019 em https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19700406_iv-com-day.html).

Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais. *Ética para as Comunicações Sociais*. 2 de Junho de 2000. (Acedido em 5 de junho de 2019 em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20000530_ethics-communications_po.html).

Sínodo dos Bispos. *Documento Final do Sínodo dos Bispos: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. 27 de outubro de 2018. (Acedido em 23 de abril de 2019 em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html)

Sínodo dos Bispos. *Documento Final da Reunião Pré-Sinodal para preparação da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*. 24 de março de 2018. (Acedido em 23 de abril de 2019 em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html).

3. Bibliografia Geral

Agrupamento de Escolas de Mundão. *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Mundão – 2017-2021*.

Arends, Richard. *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill, 1999.

Arendt, Hannah. *A Condição Humana*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

Avanzini, Guy. *O Tempo da Adolescência*. Lisboa: Edições 70, 1980.

Bauman, Zygmunt e Leonidas Donskis. *Cegueira Moral. A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida*. Lisboa: Relógio de Água Editores, 2016.

Bauman, Zygmunt. *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Bauman, Zygmunt. *Amor Líquido. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Lisboa: Relógio de Água Editores, 2006.

- Bitti, Pio Ricci e Bruna Zani. *A Comunicação como Processo Social*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- Bourdieu, Pierre. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século – Edições, 2003.
- Bourdieu, Pierre. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Oeiras: Celta Editora, 1997.
- Buber, Martin. *Do Diálogo e do Dialógico*. São Paulo: Editora Perspetiva, 1982.
- Buber, Martin. *Eu e Tu*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014.
- Cruz, Valdemar. “Entrevista a António Damásio – Neurocientista professor na Universidade de Southern California”. *Jornal Expresso*. 8 de junho de 2019.
- Cunha, Miguel, Arménio Rego, Rita Cunha e Carlos Cabral Cardoso. *Manual de Comportamento Organizacional e Gestão*. Lisboa: Editora RH, 2007.
- Damásio, António. *O Sentimento de Si*. Lisboa: Publicações Europa-América, 2000.
- Delors, Jacques (coord.). *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: Asa, 1996.
- Dicionário de Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2010.
- Díez, Felicíssimo Martínez. *Teologia de la Comunicación*. Madrid. Biblioteca de Autores Cristianos, 1994.
- Duque, João. “Utopias neognósticas do pós-humano na cibercultura. Para uma leitura filosófico-teológica”. *Perspetiva Teológica*. V. 48. Jan./Abr. 2016.
- Duque, João. “Família cristã - que futuro?”. *Bíblica*. N.º 23. 2014, p.113-120.
- Duque, João. “Do sentimento de si ao sentimento do outro”. *Theologica*. N.º 46. 2011, p.15-29.
- Fachada, Maria Odete. *Psicologia das Relações Interpessoais*. Lisboa: Edições Sílabo, 1998.
- Ferreira, Manuela e Paula Batista Nelas. “Adolescências... adolescentes...”. *Millenium - Revista do Instituto Politécnico de Viseu*. N.º 32, fevereiro de 2006.
- Goleman, Daniel. *Inteligência Emocional*. Lisboa: Temas e Debates – Atividades Editoriais. Lda., 1995.
- Lévinas, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

- Lima, Maria Luísa Pedroso de. *Nós e os outros: o poder dos laços sociais*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018.
- Lynch, Jonah. *The Scent of Lemons: Technology and Relationships in the Age of Facebook*. Londres: Darton, Longman and Todd Ltd., 2012.
- Luhmann, Nicklas. *A Improbabilidade da Comunicação*. Lisboa: Edições Vega, 2006.
- Machado, Maria do Céu. *Adolescentes*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015.
- Martins, Nuno Brás da Silva. “O estatuto teológico de uma teologia da comunicação”. *Didaskalia XXXIII*. 2003, p. 349 - 364.
- Mendonça, José Tolentino de. *O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas*. Lisboa: Quetzal Editores, 2017.
- Nolan, Albert. *Jesus Hoje. Uma Espiritualidade de Liberdade Radical*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2008.
- O’Neill, Alexandre. *Poesias completas & dispersos*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2018.
- Ordine, Nuccio, e Regina Gouveia. *A Utilidade dos Saberes Inúteis*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2017.
- Palma, Alexandre. *A Trindade é um mistério mas podemos falar disso*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014.
- Pierson, Marie Louise. *A Inteligência Relacional*. Lisboa: Edições Piaget, 2002.
- Ratzinger, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. Lisboa: Principia, 2005.
- Rogers, Carl. *Tornar-se Pessoa*. Lisboa: Padrões Culturais, 2009.
- Savater, Fernando. *Ética para um Jovem*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2008.
- Savater, Fernando. *O Valor de Educar*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2006.
- Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Estou contigo! Manual do aluno do 6.º ano de escolaridade da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC, 2015.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Moscavide: SNEC, 2014.

Silva, Ernestina, Daniel Silva e André Suzana. “A pequena sereia: arquétipo da adolescência”. *Millenium*. N.º 31, maio de 2005, p. 94-99.

Spadaro, Antonio. *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo na era da Internet*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2012.

Tavares, José. *Uma Sociedade que Aprende e se Desenvolve: Relações Interpessoais*. Porto: Porto Editora, 1996.

Teixeira, Alfredo. “A adolescência e a juventude como culturas. Os quadros sociais da experiência crente”. *Theologica*. N.º 47. 2012, p. 99-113.

Turkle, Sherry. *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. New York: Basic Books, 2012.

Varanda, Isabel. “Nem acaso, nem necessidade. O jogo como metáfora da Criação”. *Disdaskalia* XXXVII. 2007, p. 141 – 159.

Varanda, Isabel. “As ciências humanas e a fé ao serviço da personalização”. *Humanística e Teologia*, N.º 25. 2004, p. 235 – 256.

Veloso, Gastão. “Algumas imagens da vida e da religião dos adolescentes”. *Theologica*, n.º 42. 2007, p. 69 - 91.

Watzlawick, Paul, J. H. Beavin e D. D. Jackson. *Pragmática da Comunicação Humana. Um Estudo dos Padrões, Patologias e Paradoxos da Interação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.

4. Sitiografia geral

“A Lição dos Nativos Digitais”. *Diário de Notícias*. 31 de maio de 2013. (Disponível em <https://www.dn.pt/revistas/nm/interior/a-licao-dos-nativos-digitais-3249894.html>, a 12 de abril de 2019).

Alexandra Prado Coelho. “Jovens hoje desenvolvem menos empatia”. *Jornal Público*. 2 de Fevereiro de 2019. (Consultado em 10 de março de 2019 em <https://www.publico.pt/2019/02/02/sociedade/noticia/jovens-hoje-desenvolvem-menos-empatia-1860385>. acessado a 10-03-2019).

Leo Branco. “O professor deve ser um mentor”. *Revista Exame*. 14 dezembro de 2017. (Disponível em <https://exame.abril.com.br/revista-exame/o-professor-deve-ser-um-mentor/>, a 16 de maio de 2019).

Raul Brandão. *Húmus*. (Consultado em 10 de abril de 2019 em <https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/06/H%C3%BAmus.pdf>).

WHO. World Health Organization. “Young People’s Health - a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All”. *Technical Report Series 731*. (Geneva: WHO. 1986). (Consultado em 16 de maio de 2019 em https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/41720/WHO_TRS_731.pdf?sequence=1&isAllowed=y).

ANEXOS

Neste apartado apresentam-se documentos e subsídios didáticos utilizados na leção da Unidade Letiva 1, do 6.º ano de escolaridade “A Pessoa Humana”.

Anexo 1: Inquérito por questionário aplicado aos alunos do 6.º B, inscritos na disciplina de E.M.R.C.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada - Ano letivo 2018/2019



Caríssimo(a) aluno(a):

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada integrada no Mestrado em Ciências Religiosas - Educação Moral e Religiosa Católica, da Universidade Católica Portuguesa – Braga, venho, encarecidamente, solicitar-te o preenchimento do presente questionário que visa uma caracterização sociográfica dos alunos. Todas as informações recolhidas são estritamente anónimas e confidenciais, unicamente para uso exclusivo no âmbito do Relatório da Prática de Ensino Supervisionada.

Peço-te, então, que leias com atenção as questões e respondas com a máxima sinceridade. Obrigada por poder contar contigo,

A Professora Estagiária: Andreia Correia

1. Gostas da escola?

Sim Porquê? _____

Não Porquê? _____

2. E da tua turma?

Sim Porquê? _____

Não Porquê? _____

3. Quanto tempo demoras a chegar à escola?

Entre 5 a 10 minutos Entre 10 a 20 minutos

Entre 20 a 30 minutos Mais de 30 minutos

4. Como te deslocas para a escola?

A pé De carro próprio

De autocarro Outro Qual? _____

5. O que costumavas fazer, com mais frequência, nos intervalos:

Estar/Jogar no telemóvel Jogar ping-pong

Conversar com os/as amigos/as Jogar futebol

Ir à biblioteca Outra Qual? _____

6. Qual a disciplina que mais gostas? _____

7. E a que gostas menos? _____

8. Qual a principal razão pela qual estás inscrito(a) em Educação Moral e Religiosa Católica?

Pelas variadas atividades letivas que os professores de EMRC proporcionam

Pelos conteúdos/temas lecionados Pelas visitas de estudo

Outra Qual? _____

9. Quais as atividades letivas que mais gostas de fazer nas aulas de Educação Moral e Religiosa Católica?

Cantar Jogos/dramatizações Trabalhos de grupo

Ver filmes Fichas de trabalho

Outra Qual? _____

10. O que pensas sobre os professores de Educação Moral e Religiosa Católica?

11. Como ocupas os teus tempos livres? (Podes assinalar mais do que uma opção de resposta)



Estudar			
Ler		Qual o teu livro preferido?	
Ouvir música		Qual o teu estilo de música favorito?	
Ver televisão		Qual o teu programa preferido?	
Brincar com os amigos		Qual é a brincadeira preferida?	
Jogar computador ou playstation/nintendo		Qual o teu jogo predileto?	
Jogar no telemóvel		Qual o teu jogo preferido?	
Praticar desporto		Que desporto praticas?	
Outra		Qual?	

12. Qual a tua comida preferida? _____

13. Que profissão gostarias de ter no futuro? _____

14. Tens Internet em casa?

Sim

Não

15. Qual o principal objetivo com que utilizas a internet:

- Procurar informação para trabalhos escolares Falar com amigos/colegas
Enviar e receber emails Comprar bens/produtos
Fazer amizades Ver filmes
Participar nas redes sociais Ouvir música
Jogar Outra Qual? _____

16. Quanto tempo por dia, em média, costumavas passar no telemóvel e/ou computador?

- Menos de 10 minutos Entre 10 a 20 minutos
Entre 30 minutos a 1 hora Mais de 1 hora

17. Utilizas alguma rede social?

- Sim Qual? Facebook WhatsApp Outra
Twitter Instagram Qual? _____
Não Porquê? _____

18. Quando tens um assunto importante para contar ao/à teu/tua melhor amigo/a, como o fazes:

- Face a face (pessoalmente) Pelo Facebook
Por sms (mensagem escrita) Pelo WhatsApp
Outro Qual? _____

19. Como achas que se comunica de modo mais eficaz, ou seja, em que interlocutor e recetor compreendam bem o que se está a comunicar?

- Pela comunicação face a face (pessoalmente) Porquê? _____

- Pela comunicação mediada por um telemóvel e/ou computador Porquê? _____

20. Com quem vives? (assinala com um x todos os que vivem em tua casa)

- Pai Mãe Irmão N° ____ Irmã N° ____
Avô Avó Outro(s) Qual(is)? _____

- 21. Sexo:** M F **22. Idade:** _____ anos

BEM [HAJA PELA TUA COLABORAÇÃO!

Anexo 2: Análise do Inquérito por Questionário aplicado aos alunos do 6.º B, inscritos na disciplina de EMRC

Gráfico n.º 1: Tempo que demora a chegar à escola



Gráfico n.º 2: Como se desloca para a escola

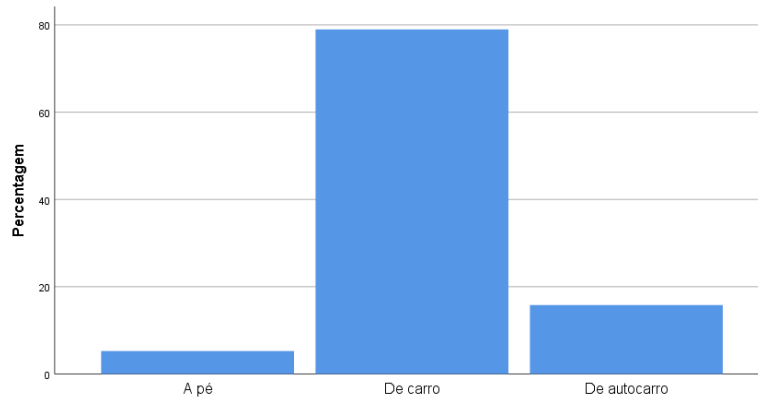


Gráfico n.º 3: Com quem vive

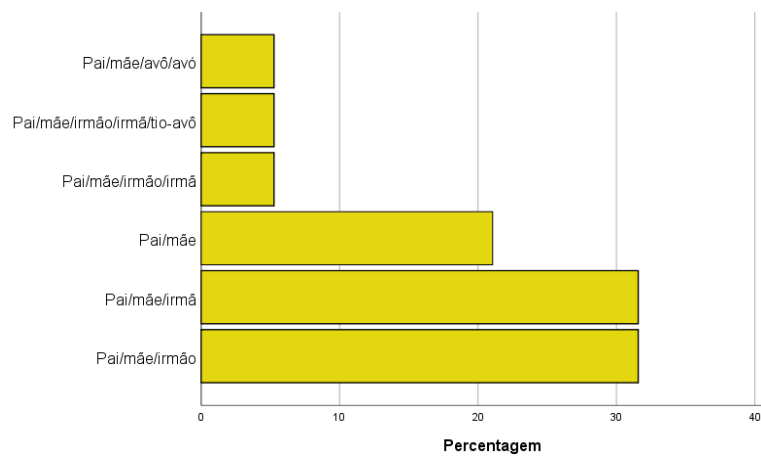


Gráfico n.º 4: Disciplina que menos gosta

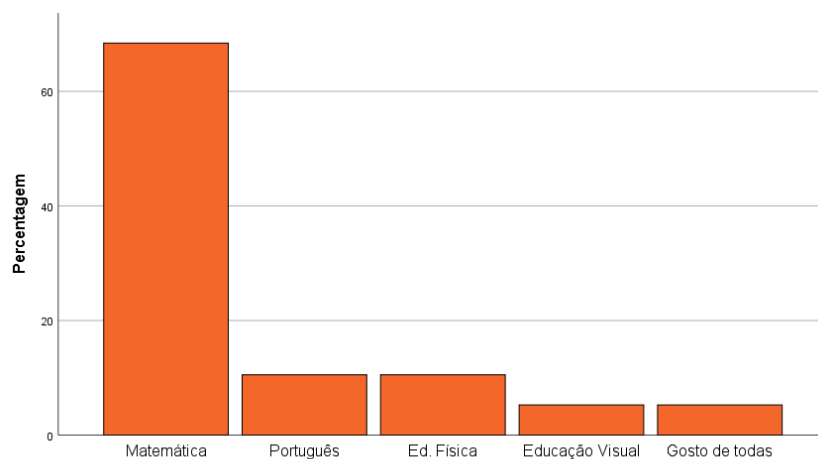


Tabela n.º 1: Comida Preferida

	Frequência	Percentagem
<i>Pizza</i>	4	21,1
Lasanha	4	21,1
Bitoque	2	10,5
Puré com bochechas de porco	1	5,3
Arroz/massa com carne	3	15,8
Hambúrguer	3	15,8
Gelado	1	5,3
Espaguete	1	5,3
Total	19	100,0

Tabela n.º 2: O que costumam fazer no intervalo

	Respostas	
	N	Percentagem
Estar/jogar no telemóvel	4	12,9%
Conversar com os/as amigos/as	19	61,3%
Ir à Biblioteca	4	12,9%
Jogar ping-pong	4	12,9%
Total	31	100,0%

Tabela n.º 3: Atividades de Tempos Livres

	N	Percentagem
Estudar	10	9,7%
Ler	10	9,7%
Ouvir música	15	14,6%
Ver televisão	15	14,6%
Brincar com os amigos	15	14,6%
Jogar computador/Playstation/Nintendo	9	8,7%
Jogar telemóvel	14	13,6%
Praticar desporto	15	14,6%
Total	103	100,0%

Gráfico n.º 5: Principal objetivo com que utilizam a internet

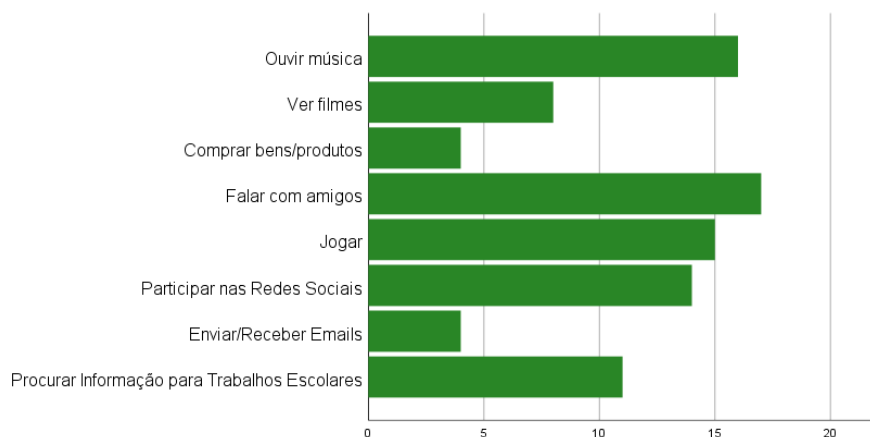


Gráfico n.º 6: Tempo, em média, passado no telemóvel e/ou computador

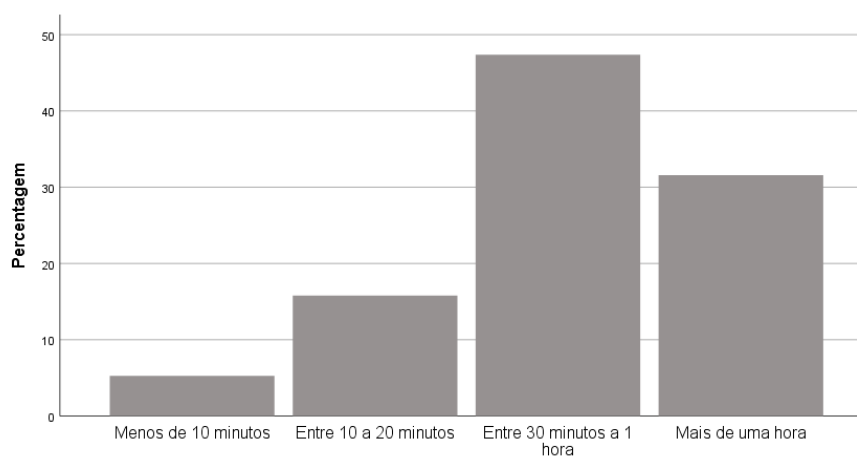


Gráfico n.º 7: Utilizam as redes sociais?

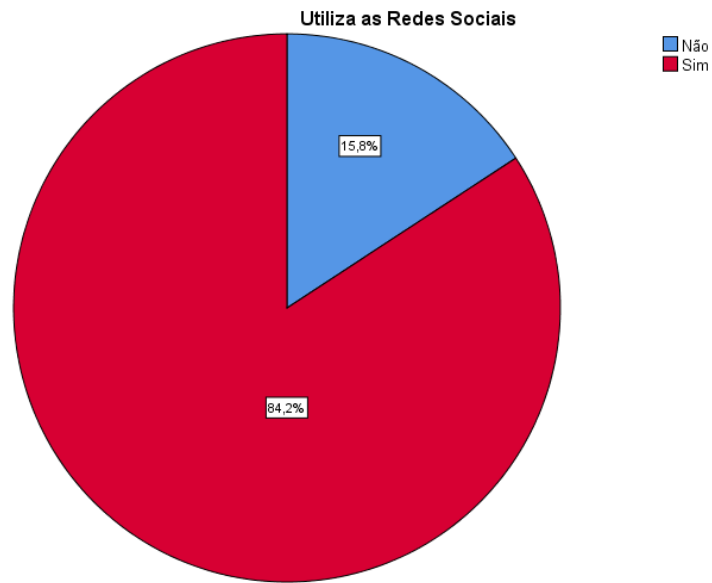


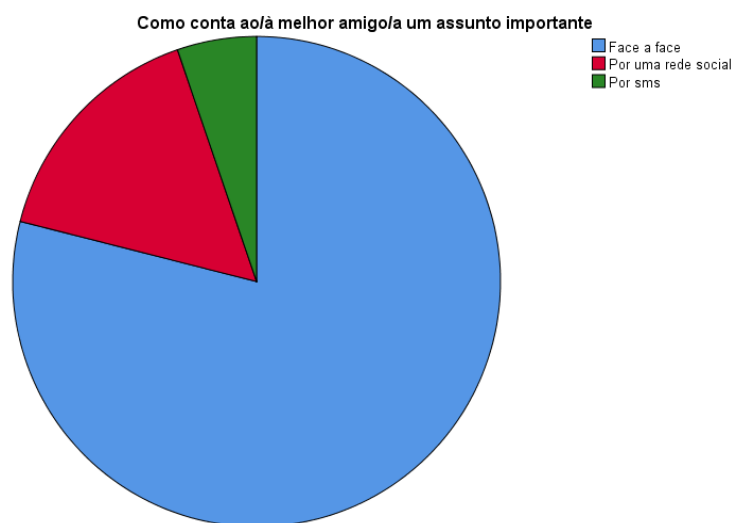
Tabela n.º 4: Razão pela qual não utiliza uma rede social

	Frequência
Não tenho telemóvel	1
Não quero	1
Não gosto de publicar fotos	1
Total	3

Tabela n.º 5: Rede Social mais utilizada

	N	Percentagem
WhatsApp	15	48,4%
Instagram	11	35,5%
Facebook	5	16,1%
Total	31	100,0%

Gráfico n.º 8: Como conta ao/à melhor amigo/a um assunto importante



Anexo 3: Planificação Aula 1



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas de Mundão
Ano letivo 2018/2019



Planificação de Aula

Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana.

Aula n.º 1/6

Ano:6.º | Turma: B

Data: 13/02/2019

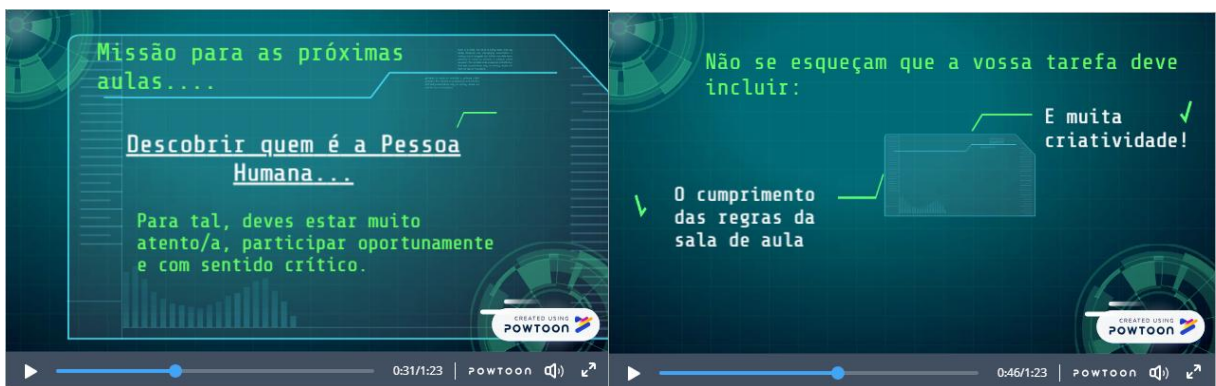
Tempo previsto: 50 m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento - Diálogo	Quadro	5 m	- Assiduidade - Pontualidade
SUMÁRIO: Introdução à unidade letiva 1: A Pessoa Humana. O conceito de pessoa.			Distribuição das fotocópias (Cf. Anexo 6) onde os alunos devem registar o sumário, escrito no quadro.	Giz Caneta Fotocópias		
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.	· Quem é uma pessoa?	- Apresentação da missão de descobrir quem é uma pessoa humana (Cf. Anexo 4).	- Quadro	5 m	. Observação de Atitudes e valores (atenção/ interesse/ respeito/ empenho/sentido crítico). . . Observação da participação (espontânea ou solicitada). . . Formulação de perguntas . . Análise das tarefas realizadas pelos
		- Estrutura individual: uma unidade irrepetível;	- Chuva de ideias sobre quem é a pessoa humana e registo das palavras no quadro.	- Giz	8 m	
		- Estrutura pessoal: um ser em relação com os outros. (A diferença entre pessoa e indivíduo).	- Diálogo com os alunos, suscitando o seu sentido crítico para os objetos contidos no interior da caixa: uma máscara, <i>spinner</i> e imagens de pessoas. - Exploração de imagens: - o que têm elas em comum? O que têm de diferente?	- Fotocópias - Caixa	12 m	
			- Leitura e interpretação do texto "Eu sou especial" (Cf. Anexo 6). - Análise da apresentação em suporte multimédia (Cf. Anexo 5).	- Máscara - <i>Spinner</i> - Imagens - Projetor de Vídeo - Computador	5 m 10 m	

			<p>- Realização de desafio e registo de uma conclusão na ficha de trabalho.</p> <p>Conclusão: Pretende-se que os alunos reconheçam a interdependência entre as pessoas e o seu caráter de racionalidade e relacionalidade.</p>	<p>- Apresentação em suporte digital.</p>	5 m	alunos
--	--	--	--	---	-----	--------

Interdisciplinaridade: Português; Cidadania.

Anexo 4 : Apresentação Multimédia 1
(<https://www.powtoon.com/c/gd3jy1AFIv8/1/m>)





olá!

Vamos aprender mais sobre ...

A PESSOA HUMANA

É uma palavra que resulta do cruzamento entre a cultura grega e o Cristianismo.




0:08/2:06 | POWTOON

0:14/2:06 | POWTOON

A PESSOA HUMANA

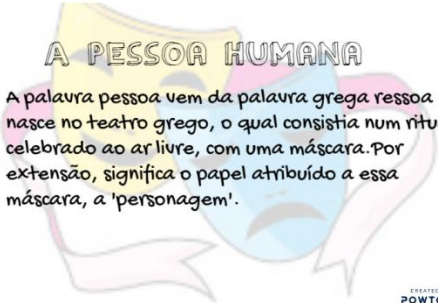
Do Cristianismo vem o contributo, em especial de Santo Agostinho (354 - 430), que usou a palavra para se referir às três pessoas (divinas) da Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.



0:36/2:06 | POWTOON

A PESSOA HUMANA

A palavra pessoa vem da palavra grega *ressoa* e nasce no teatro grego, o qual consistia num ritual celebrado ao ar livre, com uma máscara. Por extensão, significa o papel atribuído a essa máscara, a 'personagem'.




0:23/2:06 | POWTOON

A PESSOA HUMANA

É uma unidade irrepitível;

Embora as pessoas partilhem muitos aspetos que têm em comum, não são iguais. Cada pessoa tem as suas particularidades e é naturalmente irrepitível.




1:00/2:06 | POWTOON

A PESSOA HUMANA

A palavra *pessoa* designava assim a capacidade de estabelecer relação com os outros.

Assenta no conceito de rosto, que traduz corporalmente a nossa unicidade.



0:48/2:06 | POWTOON


A PESSOA HUMANA

Um ser único em relação com os outros;

Um ser-com;

À medida que vamos crescendo, vai aumentando o grupo de pessoas com quem nos relacionamos;


Família; amigos; escola



1:11/2:06 | POWTOON

A PESSOA HUMANA

- Não se é pessoa só. Ninguém consegue ser feliz sozinho. O eu representa-me como pessoa, contudo, ser pessoa é depender de um outro que está antes de si.



1:23/2:06 | POWTOON

A PESSOA HUMANA

- O conceito de pessoa diz muito mais do que o de indivíduo.


Individualizar é quantificar, é reduzir à unidade, ficando a faltar a ideia de relacionalidade que o conceito de pessoa tem.

CREATED USING
POWTOON

1:33/2:06 | POWTOON

O ser humano distingue-se dos outros seres vivos pelos seguintes traços característicos:

- A Liberdade;
- A Racionalidade (Pensamento, Inteligência);
- A Comunicação;
- Os Sentimentos;




CREATED USING
POWTOON

1:40/2:06 | POWTOON

O ser humano distingue-se dos outros seres vivos pelos seguintes traços característicos:

- Os Direitos e Deveres;
- A distinção entre o bem e o mal;
- A abertura ao Transcendente.



CREATED USING
POWTOON

Obrigada pela vossa atenção!



CREATED USING
POWTOON



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MUNDÃO

UL 1: A Pessoa Humana

6.º B

Ficha de Trabalho 1

Nome: _____

Lição n.º: _____

Data: ___/___/___

Sumário: _____

A PESSOA HUMANA

- Vem do cruzamento entre a cultura grega e o Cristianismo;

A palavra pessoa vem da palavra grega ressoa (soar 2x) e é um conceito que nasce no teatro grego, o qual consistia num ritual celebrado ao ar livre com uma máscara; por extensão, significa o papel atribuído a essa máscara, a 'personagem'.



O contributo do Cristianismo é dado por Santo Agostinho (354 – 430), que usou a palavra para se referir às três pessoas (divinas) da Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A palavra 'pessoa' designava a capacidade de estabelecer relação com os outros.

- O conceito de rosto é o alicerce do conceito de pessoa, a tradução corporal da nossa unicidade (únicos).

A Pessoa Humana é:

→ Uma unidade irrepetível.

EU SOU ESPECIAL!

Eu sou especial. No mundo não há ninguém igual a mim. Nunca existiu outra pessoa como eu. Ninguém tem o meu sorriso. Ninguém tem os meus olhos, o meu nariz, o meu cabelo, as minhas mãos, a minha voz.

Eu sou especial. Não há ninguém no mundo com a minha letra. Ninguém tem os meus gostos por comida ou música. Ninguém vê as coisas como eu vejo. Nunca houve ninguém que se risse como eu rio ou que chorasse como eu choro. E o que me faz rir ou chorar não fará noutra pessoa o mesmo riso ou as mesmas lágrimas. (...)

Eu sou especial. Eu sou o único com o mesmo conjunto de capacidades. Eu sou uma sinfonia, que resulta da combinação dos meus talentos, das minhas ideias, capacidades e sentimentos. E nada se iguala ao som de uma sinfonia quando todos os instrumentos tocam em conjunto.

Nunca ninguém falará, andar, pensará e fará as coisas como eu. Eu sou especial. Eu sou raro. E em tudo quanto é raro há sempre um grande valor.
(...)

(Autor desconhecido – adaptado)

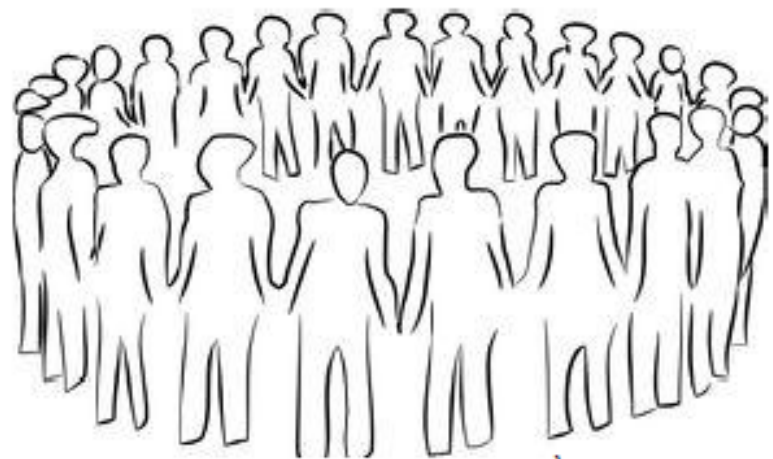
As pessoas, embora partilhem muitos aspetos que têm em comum, não são iguais. Cada pessoa tem as suas particularidades e é naturalmente irrepetível.

A Pessoa Humana é:

→ Um ser único em relação com os outros; um ser-com.

Estamos unidos uns aos outros por laços fundados no amor. Logo que nascemos é a

nostra família que nos acolhe, que nos protege, que nos dá amor. À medida que vamos crescendo, vai aumentando o grupo de pessoas com quem nos relacionamos: surgem os laços de amizade, cooperação, de cuidado.



Pessoa \neq Indivíduo

- Não se é pessoa só. Ninguém consegue ser feliz sozinho. O eu representa-me como pessoa, contudo, ser pessoa é depender de um outro que está antes de si.

- O conceito de pessoa diz muito mais do que o de indivíduo. O indivíduo é da ordem da quantificação. Assim, podemos ter um indivíduo da espécie canina ou felina. Mas já não podemos dizer que temos uma pessoa da espécie «canina» ou da espécie «felina». Individualizar é quantificar, é reduzir à unidade, ficando a faltar a ideia de relacionalidade que o conceito de pessoa tem.

O ser humano distingue-se dos outros seres vivos pelos seguintes traços característicos:

- A Liberdade;
- A Racionalidade (Pensamento, Inteligência);
- A Comunicação;
- Os Sentimentos;
- Os Direitos e Deveres;
- A distinção entre o bem e o mal;
- A abertura ao transcendente.



Desafio: quantas pessoas consegues ver?

R.: _____

Hoje, aprendi que: _____

Planificação de Aula

Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana.
Aula n.º 2/6

Ano:6.º | Turma: B
Data: 20/02/2019
Tempo previsto: 50 m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento: Após os alunos se acomodarem nos seus lugares, a professora dá as boas vindas.	- Fotocópias - Quadro - Giz	5 m	- Assiduidade - Pontualidade
SUMÁRIO: As dimensões da pessoa humana.			Distribuição das fotocópias (Cf. Anexo 9) onde os alunos devem registar o sumário.			
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.	· As dimensões da pessoa humana:	A professora pede para que um/a aluno/a faça uma síntese da aula anterior, uma vez que duas discentes estiveram ausentes.	- Fotocópias	5 m	. Observação de <i>Atitudes e valores (atenção/ interesse/ respeito/ empenho/sentido crítico).</i>
		- Dimensão física: corpo, fisiologia;	É visualizada uma apresentação multimédia (Cf. Anexo 8), como introdução à aula.	- Quadro		
		- Dimensão intelectual: inteligência, imaginação, razão;	Para que os alunos compreendam que a pessoa humana é corpo e alma, utiliza-se a dinâmica da marioneta. Esta é composta por dois alunos, em que um aluno baixo será o corpo e o aluno alto será a alma. A alma será aquela que comanda. O corpo é aquele que obedece. O aluno mais alto fica colocado atrás do aluno mais baixo e segura-lhe nos pulsos. Os dois juntos formam uma pessoa só. A professora vai dando orientações e questionando os alunos sobre quem deve fazer o quê (entre a alma e o corpo) e sugere que lhe deem um nome.	- Giz		
		- Dimensão moral e volitiva: distinção entre bem e mal, escolha; vontade e compromisso;		- Apresentação em suporte multimédia.	7 m	. Observação da participação (espontânea ou solicitada).
		- Dimensão emocional: emoções e sentimentos;		- Encíclica	5 m	. Formulação de perguntas
		- Dimensão social: a relação com os outros;				
		- Dimensão sexual: a sexualidade abrange a totalidade da pessoa: corpo, inteligência, emoção, vontade, afetividade;	De seguida, pede que um aluno retire da caixa um objeto que é uma Encíclica com um excerto relacionado com o tema, o qual o/a aluno/a deverá ler e relacionar com o conteúdo da aula. A professora questiona se os alunos sabem o que é uma Encíclica e quem é o seu autor.			
			A professora pede a outro/a aluno/a para retirar outro objeto			

Anexo 8: Apresentação Multimédia 3
(<https://www.powtoon.com/online-presentation/fse2n4UzrjF/a-descoberta-pessoa/>)





Nome: _____

Lição n.º: _____

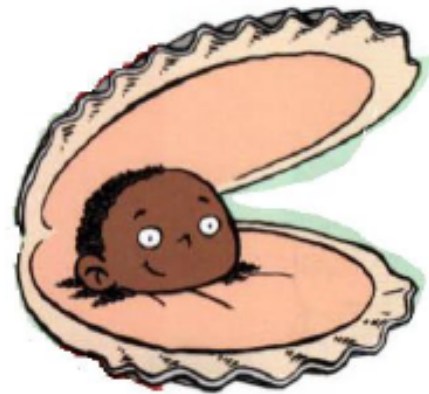
Data: ___/___/___

Sumário: _____

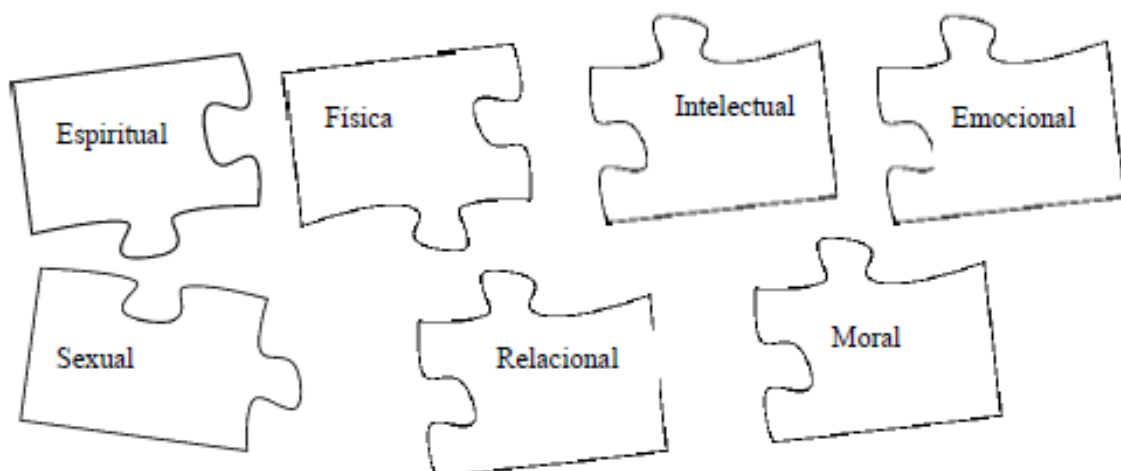
As dimensões da pessoa humana

O ser humano é compreendido como uma unidade corpo-espírito. Nenhum de nós é simplesmente corpo, nem simplesmente espírito.

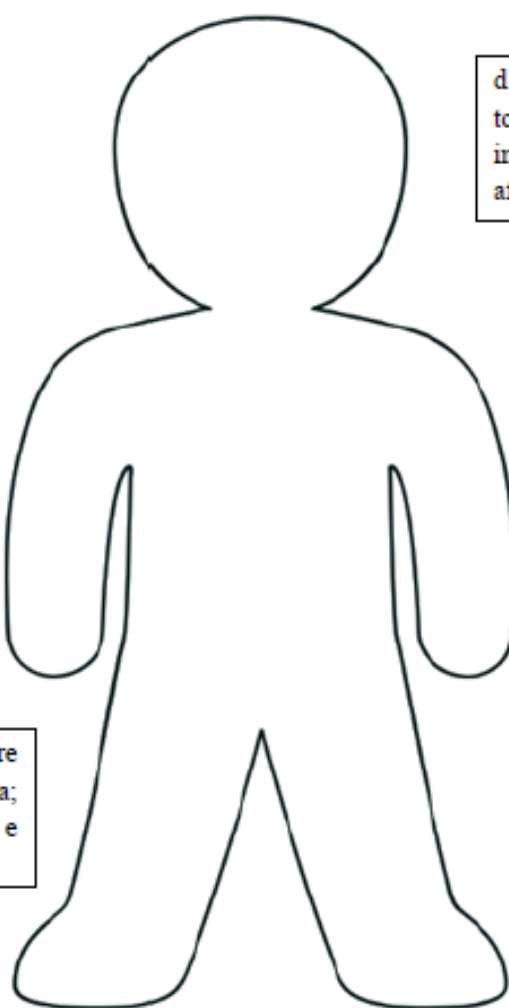
Quando amamos, pensamos ou tomamos decisões, fazemo-lo simultaneamente de forma espiritual e física. Se não fôssemos corpo, não seríamos capazes de nos revelarmos aos outros, de com eles comunicarmos e, em geral, de estabelecermos relações de comunhão. É através do corpo que nós exprimimos o que pensamos, o que sentimos ou as nossas decisões. Sem corpo seríamos seres virados para dentro de nós, como conchas fechadas que não comunicam com o exterior. O nosso corpo exprime as mensagens do nosso espírito.



A pessoa caracteriza-se por diferentes dimensões:



1. Completa o puzzle e faz a correspondência de cada dimensão da pessoa humana ao seu significado.



a. Inteligência, imaginação, razão;

b. Corpo, fisiologia;

c. distinção entre bem e mal, escolha; vontade e compromisso;

d. A sexualidade abrange a totalidade da pessoa: corpo, inteligência, emoção, vontade, afetividade.

e. Emoções e sentimentos;

f. A relação com os outros;




g. Criados à imagem e semelhança com Deus, os seres humanos partilham a abertura ao transcendente.

A pessoa humana estrutura-se na harmonia das várias dimensões.







Hoje, aprendi que: _____

Anexo 10: Apresentação Multimédia 4

(<https://www.powtoon.com/c/fr3spqLmurG/1/m>)



<p>AS DIMENSÕES DA PESSOA HUMANA</p>  <p>0:04/1:10 POWTOON</p>	<p>Dimensão Física:</p>  <p>corpo, fisiologia</p>  <p>0:07/1:10 POWTOON</p>
---	---

<p>- Dimensão moral:</p>    <p>distinção entre bem e mal, escolha; vontade e compromisso;</p>  <p>0:28/1:10 POWTOON</p>	<p>- Dimensão emocional:</p>  <p>emoções e sentimentos;</p>  <p>0:36/1:10 POWTOON</p>
--	---

<p>Dimensão sexual:</p>  <p>a sexualidade abrange a totalidade da pessoa: corpo, inteligência, emoção, vontade, afetividade;</p>  <p>0:45/1:10 POWTOON</p>	<p>Dimensão intelectual:</p>    <p>inteligência, imaginação, razão;</p>  <p>0:14/1:10 POWTOON</p>
--	---

- Dimensão espiritual:

criados à imagem e semelhança com Deus, os seres humanos partilham a abertura ao transcendente.



CREATED USING
POWTOON

0:53/1:10 | POWTOON 🔊 ↗

- Dimensão social:

a relação com os outros;

CREATED USING
POWTOON

0:42/1:10 | POWTOON 🔊 ↗

Obrigada pela vossa atenção!

CREATED USING
POWTOON

1:04/1:10 | POWTOON 🔊 ↗

Planificação de Aula

Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana.
Aula n.º 3/6

Ano:6.º | Turma: B
Data: 27/02/2019
Tempo previsto: 50 m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento: Após os alunos se acomodarem nos seus lugares, a professora verifica se estão todos os alunos e dá as boas vindas.	- Fotocópias - Quadro - Giz	5 m	Assiduidade Pontualidade
SUMÁRIO: A capacidade de comunicar, de abertura ao Outro e aos outros.			Distribuição das fotocópias (Cf. Anexo 12) onde os alunos devem registar o sumário.			
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente. - Salientar a importância da comunicação no desenvolvimento da pessoa.	- A dimensão espiritual é a vida interior do ser humano. - A capacidade de comunicar. - A linguagem do corpo ajuda-nos a comunicar com os outros.	A professora pede para que um/a aluno/a faça uma sinopse da aula anterior.	- Fotocópias - Apresentação em suporte digital - Caixa	2 m	. Observação de Atitudes e valores (atenção/ interesse/ respeito/ empenho/sentido crítico).
			Seguidamente solicita que os alunos demonstrem a concretização dos seus trabalhos sobre as dimensões da pessoa humana e pede a participação de 4 ou 5 alunos na exploração do que cada um fez.		10 m	. Observação da participação (espontânea ou solicitada).
			A professora apresenta os conteúdos através de uma apresentação em suporte digital. (Cf. Anexo 13) A docente pede a um/a aluno/a para que se desloque até à caixa,		10 m	. Formulação de perguntas . Análise das tarefas realizadas pelos alunos

			<p>colocada em cima da secretária da professora, e retire os objetos que lá se encontram, identificando se é linguagem verbal ou não verbal. (Cf. Anexo 14)</p> <p>Solicita-se agora que os discentes realizem o exercício n.º 1 da Ficha n.º 3 (Cf. Anexo 12). Correção do exercício, sendo que a professora pergunta a resposta aos alunos menos participativos na aula.</p> <p>Conclusão da aula através do registo de uma síntese na Ficha n.º 3. (Cf. Anexo 12)</p> <p>A docente solicita que os alunos tragam para a próxima aula provérbios ou expressões sobre a comunicação.</p> <p>A professora termina a aula desejando umas boas férias de Carnaval.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Telemóvel - Livro - Jornal - Imagem com uma menina a pedir silêncio - Uma palma da mão em papel <ul style="list-style-type: none"> - Fotocópias 	<p>10 m</p> <p>5 m</p> <p>5 m</p> <p>3m</p>	
--	--	--	--	---	---	--

Interdisciplinaridade: Português; Cidadania.



Nome: _____

Lição n.º: _____

Data: ___/___/___

Sumário: A pessoa humana: a sua capacidade de comunicar, de abertura ao Outro e aos outros.

Cada ser humano nasce inserido numa determinada comunidade. Desenvolve-se através da família, no grupo de amigos, na escola e nos vários contextos com os quais contacta. Dessa comunidade recebemos saberes e valores, através das experiências que vivemos e da abertura à realidade que nos rodeia. Temos consciência da nossa existência, das nossas experiências e aprendemos com elas. Afirmamo-nos através dos nossos pensamentos, sentimentos e afetos, os quais comunicamos aos outros através da linguagem, verbal ou corporal.



O ser humano tem a capacidade extraordinária de comunicar as suas experiências individuais aos outros, através da linguagem. Por intermédio desta, conseguimos partilhar as nossas experiências, manifestando aos outros o que somos e aquilo em que acreditamos. De igual modo, revelamos a nossa intimidade, os nossos pensamentos e afetos através de palavras e comportamentos. Desenvolvemos a nossa experiência espiritual, exteriorizamos os sentimentos e manifestamos a nossa inteligência, abrindo-nos aos outros e a Deus. Assim, as nossas experiências -

O ser humano tem a capacidade extraordinária de comunicar as suas experiências individuais aos outros, através da linguagem. Por intermédio desta, conseguimos partilhar as nossas experiências, manifestando aos outros o que somos e aquilo em que acreditamos. De igual modo, revelamos a nossa intimidade, os nossos pensamentos e afetos através de palavras e comportamentos. Desenvolvemos a nossa experiência espiritual, exteriorizamos os sentimentos e manifestamos a nossa inteligência, abrindo-nos aos outros e a Deus. Assim, as nossas experiências -



de Deus, do outro, de si, do mundo – são como um lugar onde Deus passa e nos visita. A experiência do amor é algo trinitário. Foi pelo amor que S.^{to} Agostinho conseguiu chegar à Santíssima Trindade. Na experiência humana do amor tocamos na lógica trinitária de Deus. (A. Palma, *A Trindade é um mistério mas podemos falar disso*, Prior Velho Paulinas Editora, 2014.)

Ora, nestas experiências, a comunicação é essencial para o ser humano, porque é através dela que ele estabelece relações interpessoais e se desenvolve. Por causa da comunicação não verbal é impossível não comunicarmos. A comunicação está para o ser humano como a água está para o peixe.



A palavra comunicação provém do latim *communicare* e significa «pôr em comum», «entrar em relação com».

“ (...) Deve ser um permanente processo de participação e comunhão, mediante o qual os homens se relacionam entre si, com Deus e com a natureza, compartilhando os seus valores, para enriquecer a sua vida pessoal e comunitária.” Felicitísimo Martínez Díez, *Teología de la Comunicación*, (Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1994)

Na comunicação utilizamos a linguagem verbal – recorrendo a palavras e sons – e a não verbal – gestos, posturas do corpo. A linguagem não verbal pode reforçar ou prejudicar a mensagem que pretendemos transmitir.



A comunicação entre os seres humanos não se faz apenas através da linguagem verbal e corporal. Faz-se também através das produções artísticas, fruto da criatividade humana e da capacidade de o ser humano construir mundos que não existem. As artes são múltiplas: a música, a dança, a pintura, a escultura, a literatura, o teatro, o cinema ...

(Adaptado do Manual EMRC - 6.º ano - “Estou Contigo”, 2014)





**SERES EM
COMUNICAÇÃO
E ABERTOS AO
TRANSCENDENTE**

Cada ser humano nasce inserido numa determinada comunidade.


Desenvolve-se através:

- da família
- no grupo de amigos
- na escola
- e nos vários contextos com os quais contacta.



Desenvolvemos a nossa experiência espiritual, exteriorizamos os sentimentos e manifestamos a nossa inteligência, abrindo-nos aos outros e a Deus.

Assim, as nossas experiências - de Deus, do outro, de si, do mundo - são como um lugar onde Deus passa e nos visita.




Foi pelo amor que S.^{to} Agostinho conseguiu chegar à Santíssima Trindade.


(A. Palma, A Trindade é um mistério mas podemos falar disso, Prior Velho Paulinas Editora, 2014.)

Dessa comunidade recebemos saberes e valores, através das experiências que vivemos e da abertura à realidade que nos rodeia.



Temos consciência da nossa existência, das nossas experiências e aprendemos com elas.



Afirmamo-nos através dos nossos **pensamentos, sentimentos e afetos**, os quais comunicamos aos outros através da linguagem, verbal ou corporal.




O ser humano tem a capacidade extraordinária de comunicar as suas experiências individuais aos outros, através da linguagem.




-consequimos partilhar as nossas experiências, manifestando **aos outros o que somos e aquilo em que acreditamos**

- revelamos a nossa intimidade, os nossos pensamentos e afetos.

Nestas experiências, a comunicação é essencial para o ser humano, porque é através dela que ele estabelece relações interpessoais e se desenvolve.



A comunicação está para o ser humano como a água está para o peixe.



COMUNICAR

A palavra **comunicar** provém do latim: *comunicare*, que significa: “*pôr em comum*” / “*entrar em relação com*”.



COMUNICAR

“ (...) Deve ser um permanente processo de participação e comunhão, mediante o qual os homens se relacionam entre si, com Deus e com a natureza, compartilhando os seus valores, para enriquecer a sua vida pessoal e comunitária.”

(Felicísimo Martínez Díez, Teología de la Comunicación, BAC:1984)



- 75% do tempo, em média, das pessoas é passado a relacionar-se com outras pessoas.



Na comunicação utilizamos a linguagem verbal - recorrendo a palavras e sons - e a não verbal - gestos, posturas do corpo.

A linguagem não verbal pode reforçar ou prejudicar a mensagem que pretendemos transmitir.



LINGUAGEM VERBAL

A linguagem verbal pode ser escrita ou oral.
(é quando a comunicação é utilizada por meio das palavras).

Linguagem verbal escrita:

- livros;
- cartazes;
- cartas;
- telegramas;
- mensagens (do telemóvel)

Linguagem verbal oral:

- diálogo entre duas pessoas;
- rádio;
- televisão;
- telefone/telemóvel;
- etc.



LINGUAGEM NÃO VERBAL

Frequentemente recebemos e emitimos mensagens sem ser através da linguagem verbal, mas sim através de:

Linguagem não verbal:

- gestos;
- postura;
- expressões faciais;
- silêncios;
- tom de voz;
- pronúncia;
- roupas e adornos,
- etc.



Anexo 14: Imagens para a identificação de linguagem verbal e não-verbal



Planificação de Aula

Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana.
Aula n.º 4/6

Ano:6.º | Turma: B
Data: 13/03/2019
Tempo previsto: 50 m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: A empatia: uma habilidade para estabelecer comunhão com os outros.			Acolhimento: Após os alunos se acomodarem nos seus lugares, a professora dá as boas vindas, verificando as presenças, esperando que os alunos tenham tido umas boas férias de Carnaval. Distribuição das fotocópias (Cf. Anexo 16) onde os alunos devem procurar as palavras para escrever o sumário.	- Fotocópias - Quadro - Giz	7 m	Assiduidade Pontualidade
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros. - Fomentar atitudes de empatia.	Seres criados à imagem e semelhança de Deus: reconhecer no outro a presença de Deus.	A professora pede para que um/a aluno/a faça uma sinopse da aula anterior. Refere que entrámos num período importante para os cristãos, aguardando que os alunos referiram a resposta: Quaresma.	- Fotocópias - Quadro - Giz	2 m	. Observação de Atitudes e valores (atenção/ interesse/ respeito/ empenho/sentido crítico). . Observação da participação (espontânea ou solicitada).
			A docente solicita se os alunos trouxeram provérbios ou expressões sobre a comunicação, para que os passem a apresentar.		5 m	
			Seguidamente realiza-se o Jogo da Mensagem, onde a docente transmite uma mensagem a um/a aluno/a e este/a sucessivamente passa a mensagem que ouviu a cada colega. O/A último/a aluno/a diz em voz alta a mensagem que recebeu.		10 m	
			A professora indaga sobre o que aconteceu à mensagem e à importância de cada elemento do processo de comunicação. Interliga a exploração dos provérbios ou expressões sobre comunicação, com o Jogo da Mensagem, dando pistas sobre um		3 m	. Formulação de perguntas

		<p>A empatia.</p> <p>Os perigos das novas tecnologias que não geram empatia nem o olhar no outro.</p>	<p>bom comunicador.</p> <p>A docente pede a um/a aluno/a para que se desloque até à caixa, colocada em cima da secretária da professora, e retire o objeto que lá se encontra e pede que o/a aluno/a o interligue com o tema da aula.</p> <p>A professora introduz o conceito de empatia.</p> <p>A docente solicita a colaboração de outro/a aluno/a para, através de mímica, expressar 4 emoções básicas do ser humano: alegria, tristeza, raiva e medo.</p> <p>De seguida, solicita a um/a aluno/a para ler um pequeno excerto de texto sobre os perigos das novas tecnologias que não geram empatia nem o olhar no outro. Diálogo com os alunos.</p> <p>Conclusão da aula através do registo, em código, de uma síntese na Ficha n.º 4. (Cf. Anexo 16)</p> <p>A professora termina a aula desejando um bom resto de semana.</p>	<p>- Caixa</p> <p>- Um par de sapatos</p> <p>- Fotocópias</p>	<p>2 m</p> <p>3 m</p> <p>5m</p> <p>10 m</p> <p>3 m</p>	<p>. Análise das tarefas realizadas pelos alunos</p>
--	--	---	--	---	--	--

Interdisciplinaridade: Português; Cidadania.



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MUNDÃO

UL 1: A Pessoa Humana

6.º B

Ficha de Trabalho 4

Nome: _____

Lição n.º: _____

Data: ___/___/___

Sumário: (descobre, ao longo da ficha, as palavras para escrever o sumário)

1. Depois da tua pesquisa, regista provérbios populares ou expressões que nos ajudam a uma boa comunicação entre as pessoas.

De todos estes provérbios e expressões sobre a comunicação destaca-se que um bom comunicador:

- Pensa antes de falar;
- Depois de saber o que quer dizer, escolhe palavras simples e claras para transmitir o que pensa, sente e deseja;
- Mede as suas palavras, seleciona a mensagem a transmitir, considerando o momento, o local, a atenção dos recetores;

• Não diz tudo o que pensa ou lhe apetece, perante qualquer pessoa e em qualquer circunstância. Na dúvida, prefere calar-se;

• Acima de tudo, sabe escutar.



Essencial nas relações entre as pessoas e na comunicação que estabelecem entre si é A EMPATIA. A palavra empatia vem do grego *empathia*, que significa «sentir dentro». Assim, pode ser definida como UMA HABILIDADE ou capacidade psicológica que permite a compreensão de ideias, sentimentos e motivações de outras pessoas. É também designada pela arte de “calçar os sapatos da outra pessoa”.



≠ Simpatia – sentimento de afinidade que atrai e identifica as pessoas.

PARA Carl Rogers, um psicólogo americano humanista, “ser empático é ver o mundo com os olhos do outro e não ver o nosso mundo refletido nos olhos dele.”

Na comunicação face a face, a empatia é uma habilidade essencial para ESTABELECER relações pessoais saudáveis pautadas por maior tolerância e pela COMUNHÃO COM OS OUTROS. “A capacidade de colocar-se no lugar do outro é uma das funções mais importantes da inteligência. Demonstra o grau de maturidade do ser humano.” Augusto Cury (psiquiatra brasileiro)

2. Reconhecer as emoções nos outros – para tal devemos estar bastante atentos sobretudo à sua expressão facial. Regista as emoções que se seguem:





Para saberes mais sobre emoções, descobre, através do código, um trailer sobre um filme divertido.



3. Para desvendares a síntese da aula, transforma os números em letras.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Z
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23

Hoje, aprendi que:

1																							

8	1	2	9	11	9	4	1	4	5														

13	1	18																					

Para casa – descobre as sete diferenças:



Planificação de Aula

Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana.

Aula n.º 5/6

Ano:6.º | Turma: B

Data: 20/03/2019

Tempo previsto: 50 m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário		<p>Acolhimento: Após os alunos se acomodarem nos seus lugares, a professora dá os bons dias, verificando as presenças.</p> <p>Distribuição das fotocópias (Cf. Anexo 18) onde os alunos devem procurar as palavras para escrever o sumário.</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Fotocópias - Quadro - Giz 	5 m	<p>Assiduidade</p> <p>Pontualidade</p>
SUMÁRIO: A promoção de condições para que todos vivam como pessoas.						
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>Q. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.</p>	<ul style="list-style-type: none"> · O ser humano é dotado de direitos e de deveres, reconhecidos pela sociedade: <ul style="list-style-type: none"> – A Declaração Universal dos Direitos do Homem; – Convenção sobre os Direitos da Criança. · Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”: <ul style="list-style-type: none"> – Estabelecer relações cordiais e verdadeiras; – Escutar; – Partilhar; – Ser atento e amável; – Comunicar bem; 	<p>A professora pede para que um/a aluno/a faça uma sinopse da aula anterior.</p> <p>Diagnose dos conhecimentos sobre os Direitos das Crianças e os Direitos Humanos.</p> <p>A professora menciona que o desafio da aula é um trabalho de grupo. Para constituir os grupos, a docente atribui um número, de 1 a 6, a cada aluno devendo os alunos com o número igual formarem um grupo.</p> <p>A docente solicita a um/a aluno/a que retire da caixa as orientações</p>		<p>2 m</p> <p>4 m</p> <p>6 m</p>	<p>. Observação de Atitudes e valores (atenção/ interesse/ respeito/ empenho/sentido crítico).</p> <p>. Observação da participação (espontânea ou solicitada).</p> <p>. Formulação de</p>
	<p>5. Conhecer Organizações que lutam pelos direitos das crianças.</p>				- Fotocópias	



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MUNDÃO

UL 1: A Pessoa Humana

6.º B

Ficha de Trabalho 5

Nome: _____

Lição n.º: _____

Data: ___/___/___

Sumário: (desvenda o sumário: A oãçomorp ed seõçidnoc arap euq sodot maviv omoc saossep.)

O ser humano é naturalmente aberto, acolhedor e recetivo. A sua dimensão espiritual, de abertura ao outro e, eventualmente, a Deus, faz com que sinta uma natural inclinação para o acolhimento do próximo. Este acolhimento torna-se efetivo quando a pessoa, individual ou coletivamente, cria condições para que todos se realizem enquanto pessoas.

Pelo facto de sermos pessoas, todos somos portadores de direitos e deveres. Tanto uns como outros são necessários à vida das sociedades humanas.

(Manual do 6.º ano)

CARACTERÍSTICAS DOS DIREITOS HUMANOS

- o Os direitos humanos são fundados sobre o respeito pela dignidade e o valor de cada pessoa;
- o Os direitos humanos são **universais**, o que quer dizer que são aplicados de forma igual e sem discriminação a todas as pessoas;
- o Os direitos humanos são **inalienáveis**, e ninguém pode ser privado de seus direitos humanos;
- o Os direitos humanos são **indivisíveis**, inter-relacionados e interdependentes, já que é insuficiente respeitar alguns direitos humanos e outros não. Na prática, o desrespeito de um direito vai afetar o respeito por muitos outros.

(<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/>)



Organização das Nações Unidas, também conhecida pela sigla ONU, é uma organização internacional formada por países que se reuniram voluntariamente para trabalhar pela paz e o desenvolvimento mundiais. em 24 de outubro de 1945,

UNICEF



Dada a vulnerabilidade das crianças e o facto de tantas sofrerem atentados contra a sua dignidade, a sociedade foi desenvolvendo mecanismos - legais e outros - para a sua proteção e para o cumprimento efetivo dos seus direitos. Com este fim, a ONU criou, a 11 de dezembro de 1946, um organismo dedicado exclusivamente a atender as necessidades básicas das crianças no mundo e garantir o seu pleno desenvolvimento - a UNICEF.

Dedica-se à defesa dos direitos das crianças em todo o mundo. O seu lema é «Para todas as crianças saúde, educação, igualdade e proteção».

Caritas



Caritas Portugal ("Cáritas Portuguesa") é uma organização oficial da Igreja Católica em Portugal para a caridade social, instituído pela Conferência Episcopal Portuguesa.

A Cáritas Portuguesa foi fundada em 1945, Com a colaboração de profissionais e de um conjunto alargado de voluntários a Cáritas pode articular as suas ações às mais variadas necessidades dos muitos que a procuram.



Médicos sem Fronteiras é uma organização internacional, não governamental e sem fins lucrativos que oferece ajuda médica e humanitária a populações em situações de emergência, em casos como conflitos armados, catástrofes, epidemias, fome e exclusão social, fundada em 1971

AMI (Assistência Médica Internacional)



A AMI é uma Organização Não Governamental (ONG) portuguesa, criada em 1984, que tem como objetivos lutar contra a pobreza, a exclusão social, o subdesenvolvimento, a fome e as sequelas da guerra, em qualquer parte do Mundo.

TRABALHO DE GRUPO

OBSERVEM A IMAGEM:



<https://www.brasil247.com/pt/247/mundo/284712/N%C3%BAmero-de-crian%C3%A7as-mortas-na-S%C3%ADria-atinge-recorde-em-2016-diz-ONU.htm>

PROPOSTAS PARA QUE ESSES DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA SEJAM CUMPRIDOS

DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA POSTOS EM CAUSA

EXEMPLOS DE ORGANIZAÇÕES QUE LUTAM PELOS DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA

GRUPO N.º _____ **NOMES:** _____
_____ **PORTA-VOZ:** _____

TRABALHO DE GRUPO

OBSERVEM A IMAGEM:

<https://observatorio3setor.org.br/noticias/fome-pode-matar-14-milhao-de-criancas-este-ano/>



PROPOSTAS PARA QUE ESSES DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA SEJAM CUMPRIDOS

DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA POSTOS EM CAUSA

EXEMPLOS DE ORGANIZAÇÕES QUE LUTAM PELOS DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA

GRUPO N.º _____ NOMES: _____

PORTA-VOZ: _____

TRABALHO DE GRUPO

OBSERVEM A IMAGEM:



<https://www.sabado.pt/mundo/africa/detalhe/metade-das-criancas-que-nao-vaao-a-escola-sao-da-africa-subsariana>

PROPOSTAS PARA QUE ESSES DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA SEJAM CUMPRIDOS

DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA POSTOS EM CAUSA

EXEMPLOS DE ORGANIZAÇÕES QUE LUTAM PELOS DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA

GRUPO N.º _____ **NOMES:** _____

_____ **PORTA-VOZ:** _____

TRABALHO DE GRUPO

OBSERVEM A IMAGEM:



<http://africa21online.com/artigo.php?a=11895&e=pol%C3%ADtica>

PROPOSTAS PARA QUE ESSES DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA SEJAM CUMPRIDOS

DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA POSTOS EM CAUSA

EXEMPLOS DE ORGANIZAÇÕES QUE LUTAM PELOS DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA

GRUPO N.º _____ **NOMES:** _____
_____ **PORTA-VOZ:** _____

TRABALHO DE GRUPO

OBSERVEM A IMAGEM:



<https://africaurgente.org/doencas-mais-comuns-na-africa-fotos/criancas-doente-na-africa/>

PROPOSTAS PARA QUE ESSES DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA SEJAM CUMPRIDOS

DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA POSTOS EM CAUSA

EXEMPLOS DE ORGANIZAÇÕES QUE LUTAM PELOS DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA

GRUPO N.º _____ **NOMES:** _____

_____ **PORTA-VOZ:** _____

TRABALHO DE GRUPO

OBSERVEM A IMAGEM:



<https://sol.sapo.pt/artigo/111022/criancas-com-10-anos-ja-podem-trabalhar-na-bolivia>

PROPOSTAS PARA QUE ESSES DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA SEJAM CUMPRIDOS

DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA POSTOS EM CAUSA

EXEMPLOS DE ORGANIZAÇÕES QUE LUTAM PELOS DIREITOS HUMANOS E/OU DA CRIANÇA

GRUPO N.º _____ **NOMES:** _____

_____ **PORTA-VOZ:** _____

Planificação de Aula

Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana.

Aula n.º 6/6

Ano:6.º | Turma: B

Data: 15/05/2019

Tempo previsto: 50 m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário		<p>Acolhimento: Após os alunos se acomodarem nos seus lugares, a professora dá as boas vindas, verificando se todos os alunos estão presentes. Fornece o apontamento de que este dia é o Dia Internacional da Família, relacionando-o com o tema da Pessoa Humana.</p> <p>De seguida, distribui as fotocópias (Cf. Anexo 21) onde os alunos devem registar o sumário.</p>		- Fotocópias	5 m	Assiduidade Pontualidade
<p>SUMÁRIO: Ser autêntico torna-nos felizes.</p>						
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p>	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.	· A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa.	A professora pede para que um/a aluno/a faça uma sinopse das aulas anteriores.	- Fotocópias	3 m	. Observação de <i>Atitudes</i> e valores (atenção/ interesse/ respeito/ empenho/sentido crítico).
	3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação).	· A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação);	A docente pede a dois alunos/as que leiam a banda desenhada nas fotocópias. De seguida, introduz as noções de felicidade e autenticidade.		5 m	
	6. Interpretar textos	· A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros, ...);	Após esta explanação, a professora pede a colaboração de um/a aluno/a para descobrir os objetos presentes na Caixa (presente, lupa, copo de vidro) e	- Caixa - Presente - Lupa	10 m	. Observação da participação (espontânea ou solicitada).

	<p>bíblicos que evidenciem, como elemento fulcral da mensagem cristã, o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser; – Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade; – A aceitação de si mesmo. 	<p>questiona os alunos sobre a relação dos objetos com o tema da aula.</p> <p>A docente explica, sintetizando, o que simboliza cada objeto tendo em conta as noções de autenticidade e felicidade. Os alunos completam na Ficha de trabalho a síntese da aula.</p> <p>Seguidamente para consolidar os conhecimentos da Unidade Letiva, a docente distribui e solicita aos alunos a realização de uma ficha de trabalho, com perguntas de escolha múltipla. (Cf. Anexo 22)</p> <p>Assim, que todos terminem a docente procede à sua correção.</p> <p>A professora termina a aula, com uma apresentação multimédia (Cf. Anexo 24) e entrega um marcador com um poema sobre a amizade, desejando muitas felicidades a todos os alunos e pedindo que sejam pessoas, felizes e autênticas, e que concedam condições para que os outros também sejam pessoas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Copo de Vidro - Fotocópias - Projetor de Vídeo - Computador - Apresentação em suporte digital - Marcadores 	<p>5 m</p> <p>7 m</p> <p>10 m</p> <p>5 m</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Formulação de perguntas . Análise das tarefas realizadas pelos alunos
--	---	--	---	---	--	--

Interdisciplinaridade: Cidadania.



Nome: _____

Lição n.º: _____

Data: ___/___/___

Sumário: (reS ocitnêtua son-anrot sezilef.)

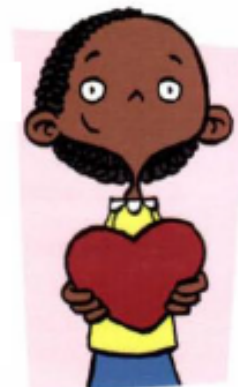


Somos feitos à imagem
e semelhança de Deus!

Deus é amor!

Então se Deus é Amor, nós somos
capazes de amar como Ele!

Boa! Então é isso que
significa sermos feitos à
imagem de Deus! Nascemos
para Amar!



Só amor nos torna autênticos e felizes!

“É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei. Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos. (Jo 15, 12-13)

“ (...) Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós”. (Jo 4, 12)

Nascemos para ser felizes!

Saber colocar de lado o egoísmo a que estamos sujeitos, leva-nos para um caminho onde somos capazes de viver plenamente o amor, permitindo-nos crescer de uma forma saudável e ao mesmo tempo realizarmo-nos como pessoas. **A pessoa encontra a felicidade na medida em que se dá aos outros.**

Para tal é muito importante sermos peçoas autênticas! A autenticidade é a qualidade do que é autêntico, verdadeiro ou original. Então, é importante:



a) Procurar a coerência entre o que se é (o nosso interior) e o que se aparenta ser (o nosso exterior);

Sermos genuínos e autênticos, relacionando-nos com os outros a partir do que somos e daquilo em que acreditamos nem sempre é fácil. Mas a verdadeira riqueza pessoal não se encontra nos bens que cada um possui mas nos valores em que se acredita. As peçoas mais valiosas não são as que têm muitas coisas (jóias, carros), mas sim as que têm um coração cheio de amor para dar aos outros.

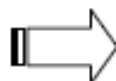
b) Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade:



Através dos meios de comunicação social, chega até nós um forte apelo ao consumo de determinados produtos e marcas, cujo valor se baseia no poder das imagens. Associada ao consumismo está uma determinada imagem aparente de nós mesmos, que procuramos transmitir aos outros, a qual se constrói a partir de modelos que a sociedade cria, de que é exemplo a moda. Por vezes, procuramos mostrar aos outros que somos aquilo que de facto não somos, vivendo uma vida de aparência, ou seja, uma vida não autêntica.



c) Aceitar-se como é. Gostar de si.



Completa os espaços com as palavras e descobre a síntese da aula:

outros	sejamos	felizes	mesmos	pessoa	dá
--------	---------	---------	--------	--------	----

A _____ encontra a felicidade na medida em que se _____ aos outros.

Somos _____ quando fazemos os _____ também felizes. Para isso temos de ser nós _____ e não o que os outros querem que nós _____.



Ficha de Trabalho:

Nome: _____ N.º _____

1. Assinala a resposta correta sobre o significado de Pessoa Humana. (20 pontos)

- a) É um ser vivo igual a todos os outros seres.
- b) Distingue-se dos outros seres pela sua dimensão espiritual.
- c) A dimensão espiritual não é necessária, pois não torna mais digna a Pessoa.
- d) É um ser que vive isolado e não tem necessidade de viver em relação.

2. A Pessoa Humana estrutura-se na harmonia de diferentes dimensões, nomeadamente: (assinala a resposta correta) (10 pontos)

- a) Espiritual, Física, Sexual, Emocional, Relacional, Moral e Intelectual.
- b) Especial, Física, Assexual, Emocional, Relacional, Moral e Intelectual.
- c) Espiritual, Física, Assexual, Emocional, Relacional, Imoral e Intelectual.
- d) Espiritual, Física, Sexual, Emocional, Irracional, Imoral e Intelectual.

3. A dimensão espiritual (assinala as respostas corretas): (10 pontos)

- a) Leva à destruição da obra do Criador.
- b) Dá aos seres humanos a capacidade de amar.
- c) Dificulta o relacionamento do indivíduo com Deus.
- d) Facilita o nosso relacionamento com os outros.

4. Podemos comunicar utilizando linguagem verbal e linguagem não-verbal. Indica a que tipo de forma de comunicação se refere cada uma das alíneas: (20 pontos)

- a) Agradeço com um beijo os presentes que os avós me oferecem. _____
- b) Quando não concordo com um amigo digo-lhe que não está certo e que deve pensar melhor. _____

c) Quando a mãe cozinha o meu prato favorito, sinto-me especial e sorrio de felicidade.

d) No meu grupo de amigos todos damos a nossa opinião e somos respeitados.

e) Para intervir na aula levanto o braço. _____

5. A empatia é: (assinala a resposta correta) (10 pontos)

a) Sentir afinidade com o outro. b) O mesmo que simpatia.

c) Ser agressivo com o outro. d) A arte de calçar os sapatos do outro e
compreender o que ele está a sentir.

6. Os Direitos Humanos fundamentam-se na dignidade humana. Como se chama o documento onde ficaram redigidos esses direitos: (assinala a resposta correta) (10 pontos)

a) Declaração Universal dos Direitos Humanos b) Constituição da República da China.

c) Declaração Dos Deveres Humanos d) Declaração de Idoneidade Humana

7. Como se chama a Organização Internacional dedicada exclusivamente à promoção e defesa dos Direitos das Crianças? (assinala a resposta correta) (10 pontos)

a) UNICAR b) UNICER

c) UNICEF d) UNICIF

8. Para “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas” devemos: (assinala as respostas corretas) (10 pontos)

a) Estabelecer relações cordiais e verdadeiras; b) Escutar;

c) Ser egoísta; d) Ser atento e amável;

e) Não comunicar; f) Desrespeitar os outros;

Bom trabalho! E continua a ser pessoa! 😊



Ficha de Trabalho:

Nome: _____

N.º _____

1. Assinala a resposta correta sobre o significado de Pessoa Humana. (20 pontos)

- a) É um ser vivo igual a todos os outros seres.
- b) Distingue-se dos outros seres pela sua dimensão espiritual.
- c) A dimensão espiritual não é necessária, pois não torna mais digna a Pessoa.
- d) É um ser que vive isolado e não tem necessidade de viver em relação.

2. A Pessoa Humana estrutura-se na harmonia de diferentes dimensões, nomeadamente: (assinala a resposta correta) (10 pontos)

- a) Espiritual, Física, Sexual, Emocional, Relacional, Moral e Intelectual.
- b) Especial, Física, Assexual, Emocional, Relacional, Moral e Intelectual.
- c) Espiritual, Física, Assexual, Emocional, Relacional, Imoral e Intelectual.
- d) Espiritual, Física, Sexual, Emocional, Irracional, Imoral e Intelectual.

3. A dimensão espiritual (assinala as respostas corretas): (10 pontos)

- a) Leva à destruição da obra do Criador.
- b) Dá aos seres humanos a capacidade de amar.
- c) Dificulta o relacionamento do indivíduo com Deus.
- d) Facilita o nosso relacionamento com os outros.

4. Podemos comunicar utilizando linguagem verbal e linguagem não-verbal. Indica a que tipo de forma de comunicação se refere cada uma das alíneas: (20 pontos)

- a) Agradeço com um beijo os presentes que os avós me oferecem. linguagem não-verbal
- b) Quando não concordo com um amigo digo-lhe que não está certo e que deve pensar melhor. linguagem verbal

- c) Quando a mãe cozinha o meu prato favorito, sinto-me especial e sorrio de felicidade. **linguagem não-verbal**
- d) No meu grupo de amigos todos damos a nossa opinião e somos respeitados. **Linguagem verbal**
- e) Para intervir na aula levanto o braço. **linguagem não-verbal**

5. A empatia é: (assinala a resposta correta) (10 pontos)

- a) Sentir afinidade com o outro. b) O mesmo que simpatia.
- c) Ser agressivo com o outro. d) A arte de calçar os sapatos do outro e compreender o que ele está a sentir.

6. Os Direitos Humanos fundamentam-se na dignidade humana. Como se chama o documento onde ficaram redigidos esses direitos: (assinala a resposta correta) (10 pontos)

- a) Declaração Universal dos Direitos Humanos b) Constituição da República da China.
- c) Declaração Dos Deveres Humanos d) Declaração de Idoneidade Humana

7. Como se chama a Organização Internacional dedicada exclusivamente à promoção e defesa dos Direitos das Crianças? (assinala a resposta correta) (10 pontos)

- a) UNICAR b) UNICER
- c) UNICEF d) UNICIF

8. Para “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas” devemos: (assinala as respostas corretas) (10 pontos)

- a) Estabelecer relações cordiais e verdadeiras; b) Escutar;
- c) Ser egoísta; d) Ser atento e amável;
- e) Não comunicar; f) Desrespeitar os outros;

Bom trabalho! E continua a ser pessoa! 😊

Anexo 24: Apresentação Multimédia 5

